URBANISMO BOTTOM-UP: SOCIEDADE em rede e Processos de urbanização emergentes

(versão corrigida)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM CIÊNCIAS NA ÁREA DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO.

JOSÉ EDUARDO CALIJURI Hamra

SÃO CARLOS, 19 DE JULHO DE 2018

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Orientador: Prof. Dr. Tomás Antônio Moreira

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

HJ83u Hamra, José Eduardo Calijuri Hamra
Urbanismo bottom-up: sociedade em rede e
processos de urbanização emergentes. / José Eduardo
Calijuri Hamra Hamra; orientador Tomás Antônio
Moreira. -- São Carlos, 2018.
198 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2018.

1. Urbanismo bottom-up. 2. Sociedade em rede. 3.
Cidade contemporânea. 4. Processo de urbanização. 5.
Redes sociais digitais. I. Moreira, Tomás Antônio,
orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato(a): **José Eduardo Calijuri Hamra**

Título da dissertação: **"Urbanismo Bottom-up: sociedade em rede e processos de urbanização emergentes"**

Data da defesa: **27/04/2018**

Orientador: Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira

Comissão Julgadora:

Resultado:

Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira
(IAU/USP)

Não votante

Prof. Dr. David Moreno Sperling
(IAU/USP)

APROVADO

Prof. Dr. Lucas Fehr
(MACKENZIE)

27/04/2018

Prof. Dr. Marcos Leite Rosa
(IED)

APROVADO

Coordenadora e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Profa. Dra. **Cibele Saliba Rizek.**

um GALO SOZINHO não tece uma manhã:
ele precisará sempre de OUTROS GALOS.
De um que apanhe esse GRITO que ele
e o Lance a OUTRO; De um OUTRO GALO
que apanhe o GRITO de um GALO antes
e o Lance a OUTRO; e de OUTROS GALOS
que com muitos OUTROS GALOS se cruzem
OS FIOS DE SOL DE SEUS GRITOS DE GALO,
Para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre TODOS OS GALOS.

E se encorpando em tela, entre TODOS,
se erguendo tenda, onde entrem TODOS,
se entretendendo para TODOS, no TOLDO
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, TOLDO de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

tecendo a manhã. João Cabral de Melo Neto

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO a MINHA FAMÍLIA PELOS INCENTIVOS CONSTANTES e CONSELHOS acadêmicos

A CAMILA, PELO CARINHO COM QUE SEMPRE ME TRATA e ao INCENTIVO PARA FAZER aquilo que me apaixona.

AO MEU ORIENTADOR, PROF. DR. TOMÁS ANTÔNIO MOREIRA POR ME GUIAR AO LONGO DESTA JORNADA

AOS AMIGOS DE PÓS GRADUAÇÃO QUE AMPLIARAM MEUS CONHECIMENTOS

AOS PROFESSORES e FUNCIONÁRIOS DO IAU QUE SUSTENTAM ESSE ESPAÇO DE SABEDORIA COMPARTILHADA

AOS AMIGOS DO WIKILAB PELO APOIO TRANSDISCIPLINAR e COMPANHEIRISMO NAS NOITES DE TRABALHO.

A ALDA DUTRA, PELOS MIMOS CONSTANTES NOS MOMENTOS DE DEDICAÇÃO EXAUSTIVA

A CAPES (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR) PELO FINANCIAMENTO DA PESQUISA

ESPECIALMENTE AOS MEUS PAIS, POR TUDO.

Sumário

1. Trajetória da pesquisa 9

- 1.1 Apresentação 10
- 1.2 Resumo expandido 12
- 1.3 Resumo 14
- 1.4 Abstract 15
- 1.5 Justificativa 16
- 1.6 Objetivos 17

2. A que ponto chegamos 19

- 2.1 Laços sociais rompidos e cidades fragmentadas 20
- 2.2 Fragilidade social e espaços fragmentados 21
- 2.3 O modelo econômico como modelo urbano 24
- 2.4 Interregno 27

3. Construindo um novo paradigma 31

- 3.1 Propostas teóricas para a reconstrução dos laços sociais 32
- 3.2 Transformações estruturais 34
- 3.3 Mas afinal, o que muda na sociedade em rede? 35
- 3.4 Como cooperar na sociedade em rede? 39
- 3.5 Ressalvas ao novo paradigma 42
- 3.6 Como o novo paradigma altera a relação dos indivíduos com as cidades? 44

4. Cidades em rede 47

- 4.1 As cidades e seu ordenamento bottom-up 48
- 4.2 A produção das cidades no novo paradigma 51
- 4.3 Comunicação em rede, espaço híbrido e o cibridismo 52
- 4.4 O Cibridismo e a expansão do conceito de espaço urbano 54
- 4.5 Movimentos sociais em rede: muito mais que a Primavera Árabe 55
- 4.6 Da Primavera Árabe ao urbanismo bottom-up: uma cultura organizacional 58
- 4.7 Novas práticas, novas possibilidades de cooptação: os riscos do urbanismo bottom-up. 62
- 4.8 Uma perspectiva de atuação do Poder Público nas relações com o urbanismo bottom-up. 63
- 4.9 A atuação no espaço virtual como base do novo paradigma urbano. 65

5. Pesquisa prática 69

5.1 Introdução 70

5.2 Conceitos e termos 70

5.3 Do global ao local: a trajetória de aproximação da pesquisa 72

5.4 A seleção do estudo de caso 73

5.5 Materiais e métodos 73

5.6 Complementação da base de informações 76

6. Escala global 78

6.1 Introdução 78

6.2 O crescimento do número de pessoas com acesso à internet 80

6.3 Smartphones e o acesso à internet móvel 82

6.4 A popularização das redes sociais 84

6.5 Introdução ao urbanismo bottom-up 86

6.6 Grafos 90

6.7 Análise dos clusters 91

6.8 Análise geral dos clusters 95

6.9 Analisando as diferenças entre os nós 96

7. Escala Regional 106

7.1 Introdução 106

7.2 O surgimento dos nós que atuam com a pauta urbana. 106

7.3 Análise geral do recorte regional. 110

8. Escala Local 118

8.1 Introdução 118

8.2 Introdução à análise da escala local 122

8.3 Introdução à análise de eventos 123

8.4 Introdução da relação do público com os eventos 140

8.5 Introdução à análise dos eventos de transformação espacial 154

8.6 Introdução à análise do grupo no Facebook 164

9. Conclusões 177

10. Bibliografia 185

1. Trajetória da Pesquisa

1.1 APresentação

NO ano de 2011 eu morava em Barcelona, muito próximo a Plaza de Catalunya, passava por lá praticamente todos os dias, e após alguns protestos percebi que se formou na praça um acampamento. sempre que iria passar por lá imaginava que o acampamento teria acabado ou estaria diminuindo, mas sempre aumentava. eu perguntava a alguns amigos espanhóis o que aquele grupo estava fazendo ali e as respostas eram dispersas. ninguém conseguia explicar muito bem o motivo daquela manifestação, mas de maneira geral havia um apoio generalizado entorno do movimento. alguns diziam que eram manifestações de apoio a Primavera Árabe, outros que era um protesto contra a corrupção e outros diziam que eram estudantes desocupados. quando lia o jornal, me parecia que mesmo a mídia não compreendia muito bem o que se passava, as narrativas eram confusas e a cada dia retratavam uma demanda diferente acerca dos movimentos.

NO início do mês de maio fiz uma viagem de carro pelo interior da Espanha, saindo de Barcelona e subindo

até Bilbao com paradas em diversas cidades. conforme passávamos pelas cidades, víamos que também haviam acampamentos em outras praças, como aqueles de Barcelona. durante a viagem comentávamos como era interessante aquela “organização dos espanhóis para se manifestarem juntos”, dizíamos “no Brasil isso nunca aconteceria de forma tão sincronizada em tantas cidades simultaneamente”. alguns meses depois, quando me mudei de Barcelona confesso que ainda não compreendia totalmente o que era aquele fenômeno do 15M, mas mantive uma curiosidade distante sobre o tema.

NO primeiro semestre de 2013 cursei como aluno especial, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP), a disciplina “Intervenções em Redes Urbanas: Espaços Cíbridos e Expandidos na arte e na cidade contemporânea”¹. nos últimos dias de aula, no mês de junho, diversas manifestações começaram a ocorrer pelo Brasil e a tomar tamanha proporção que as próprias aulas foram canceladas para que as pessoas fossem se manifestar. esse foi o timing perfeito, eu

1. Disciplina ministrada pela Profa. Dra. Giselle Beiguelman.

estava estudando redes sociais, no momento em que explodiram as jornadas de junho, e de alguma maneira tudo isso me lembrava o que eu havia visto na Espanha.

Foi neste momento, pelo contato entre pós-graduação e manifestações sociais, entre inquietação social e intelectual, que se formou o primeiro embrião deste projeto de pesquisa.

Ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia eu continuava trabalhando com concursos de arquitetura, muitos deles voltados ao desenho de propostas para espaços públicos, e, por estar em contato com diversos editais, nacionais e internacionais, comecei a me inquietar intelectualmente com a maneira como os espaços públicos eram requeridos e/ou sugeridos por órgãos governamentais.

Nesse período tive a experiência de atuar no desenvolvimento de um projeto arquitetônico bastante interessante. Ganho via concurso público. O projeto possuía diversas variantes por estar inserido em um espaço público, com áreas de proteção ambiental, zonas protegidas pelo tombamento histórico e próximo a rele-

vantes ícones do turismo nacional. Como arquiteto membro da equipe do projeto executivo trabalhei com a compatibilização de projetos complementares que eram centralizados por meio de plataformas digitais online. Deste modo, tive a oportunidade de entender o funcionamento de uma plataforma digital no gerenciamento de projetos e de interesses complementares de cada projetista. Além da coordenação e troca de informações acerca do projeto no âmbito digital, também participava de reuniões presenciais com o intuito de mediar os interesses dos envolvidos e encontrar soluções que fossem aprovadas em consenso, sempre visando a evolução do projeto. Essa experiência me fez refletir sobre a necessidade de incluir nos processos de projeto de espaços públicos uma relação direta com os cidadãos, e porque não usar plataformas digitais para isso? Esse insight despertou em mim a vontade de fazer uma pesquisa acadêmica sobre o tema.

Neste momento eu me via em uma encruzilhada, precisava escolher qual projeto de pesquisa eu deveria se-

GUIR, OS MOVIMENTOS SOCIAIS ORGANIZADOS PELAS REDES DA INTERNET OU A UTILIZAÇÃO DE PLATAFORMAS DIGITAIS NA GESTÃO DE PROJETOS.

O QUE ESTA PESQUISA PRETENDE DEMONSTRAR É QUE ESSES FATOS, NA VERDADE, SÃO UM SÓ. AS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS QUE TIVERAM INÍCIO COM A PRIMAVERA ÁRABE, O RÁPIDO CRESCIMENTO NO USO DAS REDES SOCIAIS E O AUMENTO DO NÚMERO DE PESSOAS CONECTADAS À INTERNET SÃO TODAS PARTES DE UM FENÔMENO CONTEMPORÂNEO QUE ESTÁ REINVENTANDO A NOSSA MANEIRA DE COMPREENDER E TRANSFORMAR AS CIDADES.

D

1.2 RESUMO EXPANDIDO

A crise econômica de 2008 desencadeou um processo de reorganização social em larga escala. Talvez nunca houvesse ficado tão claro que as crises ambientais, econômicas, sociais e políticas são todas partes de um movimento único de mudança. As possibilidades são muitas e os caminhos incertos. Primavera Árabe e radicalismo religioso, Occupy Wall Street e o aumento no acúmulo da riqueza, o 15M e as políticas anti-imigração. A entrada desses novos atores sociais indica mudanças na dicotomia público/privado que permearam as manifestações sociais no século XX.

Em 2008 1,5 bilhões de pessoas estavam conectadas à internet, hoje já somos mais de 3,5 bilhões. A internet se desvinculou dos computadores e migrou para vários dispositivos, percorremos espaços urbanos conectando nosso corpo à rede virtual. Geramos dados e informações computadorizados em uma velocidade sem precedentes e aprendemos a usar os smartphones como ferramentas de manifestações sociais e ocupação urbana. Nas manifestações mais recentes as repressões violentas

TAS FORAM COMBATIDAS POR FOTOS E VÍDEOS POSTADOS NAS REDES SOCIAIS. MAS COMO FOI POSSÍVEL ISSO? QUEM CONVOCOU TANTA GENTE? POR QUE TANTAS CRÍTICAS AO ESTADO EMERGIRAM JUNTAS?

OS INDICATIVOS SÃO DE QUE ESTAMOS APRENDENDO A UTILIZAR AS POSSIBILIDADES DA SOCIEDADE EM REDE. NOVOS TERMOS COMO ECONOMIA COMPARTILHADA, PLACEMAKING, DIY E PRÓCOMUM EMERGEM JUNTO COM OS AVANÇOS NAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO. MAS QUAL SERÁ O PAPEL DAS CIDADES NESTA REESTRUTURAÇÃO?

OS MODELOS ORGANIZACIONAIS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS INFLUENCIARAM DIVERSOS COMPORTAMENTOS, ENTRE ELES, GRUPOS DEDICADOS A REALIZAR TRANSFORMAÇÕES URBANAS POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS. ESSES GRUPOS ATUAM EM UM ESPAÇO HÍBRIDO, CONECTANDO O ESPAÇO FÍSICO E VIRTUAL, ENGAJANDO PESSOAS PELAS REDES SOCIAIS E PROMOVENDO AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO EM PRAÇAS E PARQUES. SÃO CONHECIDOS COMO MOVIMENTOS DE "URBANISMO BOTTOM-UP" POR INVERTEREM A LÓGICA DE PRODUÇÃO DA CIDADE, AO INVÉS DE ESPERAR INTERVENÇÕES DO PODER PÚBLICO, OS PRÓPRIOS INDIVÍDUOS PROPÕEM E REALIZAM AS MUDANÇAS, MAS PARA QUE ESSAS ARTICULAÇÕES SEJAM POSSÍVEIS É FUNDAMEN-

TAL QUE AS AÇÕES OCORRAM NO ESPAÇO HÍBRIDO. INICIALMENTE ERAM ALGUMAS PESSOAS, SE DEDICANDO A TRANSFORMAR DETERMINADOS ESPAÇOS, HOJE JÁ PODE SER CONSIDERADO UM PADRÃO EMERGENTE DE COMPORTAMENTO.

ESTA PESQUISA ANALISA OS PROCESSOS DE URBANISMO BOTTOM-UP POR MEIO DE SUAS DINÂMICAS NA ESFERA VIRTUAL. PARA ISSO, REALIZA UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DAS CIDADES EM MEIO A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA CULTURA ORGANIZACIONAL. APÓS CONSTRUÍDAS AS DISCUSSÕES TEÓRICAS, A PESQUISA APRESENTA A ANÁLISE DE UM ESTUDO DE CASO. POR MEIO DE INVESTIGAÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO DESSE GRUPO NO FACEBOOK FOI POSSÍVEL INDICAR SEUS PRINCIPAIS ATORES, CARACTERÍSTICAS E FREQUÊNCIA DE EVENTOS, ENGAJAMENTO COM O PÚBLICO ENTRE OUTRAS DINÂMICAS. ESPERA-SE, COM ISSO, GERAR NOVAS PERSPECTIVAS DE COMPREENSÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS.

Urbanismo Bottom-up: sociedade em rede e processos de urbanização emergentes.

1.3 RESUMO

ESTA PESQUISA ANALISA OS PROCESSOS DE URBANISMO BOTTOM-UP A PARTIR DO CONTEXTO SOCIAL EM QUE EMERGIRAM E DE SUA ATUAÇÃO EM MEIOS DIGITAIS. COMO CONTEXTO SÃO ANALISADOS OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS, A CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE EM REDE POR MEIO DA POPULARIZAÇÃO DAS TICS E A EMERGÊNCIA DE NOVAS CULTURAS ORGANIZACIONAIS. A ANÁLISE HISTÓRICA DESSE UNIVERSO É SEMPRE VINCULADA A SEU IMPACTO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS CIDADES, ATÉ A APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA. SOBRE A ATUAÇÃO NOS MEIOS DIGITAIS A PESQUISA INVESTIGA POR MEIO DA MINERAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE REDES, A ATUAÇÃO NO FACEBOOK, A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. AS INVESTIGAÇÕES REVELAM AS DINÂMICAS DOS PRINCIPAIS ATORES, COMO O NÚMERO E FREQUÊNCIA DE EVENTOS, O ENGAJAMENTO COM O PÚBLICO, OS DIÁLOGOS NO ESPAÇO VIRTUAL E AS AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO URBANA. COMO RESULTADO, A PESQUISA NÃO PRETENDE APRESENTAR CONCLUSÕES PRECISAS E DEFINIÇÕES DE CONCEITOS, MAS APONTAMENTOS QUE PERMITEM UMA MELHOR COMPREENSÃO E PLANEJAMENTO DO URBANISMO CONTEMPORÂNEO.

Palavras chave:

URBANISMO BOTTOM-UP,
SOCIEDADE EM REDE,
CIDADE CONTEMPORÂNEA,
PROCESSO DE URBANIZAÇÃO,
REDES SOCIAIS DIGITAIS.

Bottom-up Urbanism: network society and emerging urbanization processes.

1.4 ABSTRACT

THIS research analyzes the processes of bottom-up urbanism from the social context in which they emerged and from their presence in digital media. As context, are analyzed the contemporary social movements, the consolidation of the network society through the popularization of ICTs and the emergence of new organizational cultures. The historical analysis of this universe is always linked to its impact on the production process of cities.

ABOUT the presence in the digital media the research investigates through the data mining and analysis of networks, the action in Facebook, from a case study. The investigations reveal the dynamics of the main actors, such as the number and frequency of events, engagement with the public, dialogues in virtual space and actions of urban transformation. As a result, the research does not intend to present precise conclusions and definitions of concepts, but notes that allow a better understanding and planning of contemporary urbanism.

KEYWORDS:

BOTTOM-UP urbanism,
NETWORK society,
contemporary city,
urbanization process,
DIGITAL social networks.

1.5 Justificativa

Esta pesquisa de mestrado mostra sua importância científica vinculada a área de arquitetura e urbanismo por estudar fenômenos recentes que estão demonstrando avanços significativos nos processos de urbanização. Neste sentido, a iniciativa da Universidade de São Paulo (USP) em organizar a conferência “Inquietudes Urbanas” para debater o tema das ocupações dos espaços urbanos por movimentos de urbanismo bottom-up demonstram que a academia está atenta a emergência dessas práticas.

O avanço científico desta pesquisa se mostra por meio da análise do uso do espaço híbrido em processos de urbanização, o que possibilita uma ampla inclusão das dinâmicas sociais e da interação direta com a população. O avanço nesta área não significa apenas uma mudança nas questões de inclusão das dinâmicas sociais na constituição do espaço público, tema recorrente nas pesquisas de arquitetura, mas também um posicionamento enquanto método de pesquisa ao utilizar a mineração de dados e análise de redes para investigar processos de urbanização.

O fenômeno do urbanismo bottom-up emerge em escala global de maneira concomitante. A necessidade recente de se compreender melhor esta prática de transformação do espaço e suas relações sociais é um desafio conjunto enfrentado por diversos países e não um recorte regional específico.

Como demonstrado nos exemplos de referência para este estudo, muitos dos processos de urbanismo bottom-up se deram por meio de processos transdis-

ciplinares, com participação de governos municipais e cercados de participantes com características diversas, os quais tiveram como resultado não apenas uma transformação física, mas também uma transformação social por meio da relação que as pessoas desenvolveram entre si e com o espaço compartilhado. Este avanço nas relações públicas indica que a presente pesquisa abre horizontes para possíveis projetos de políticas públicas.

1.6 Objetivos

1.6.1 Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é analisar os processos de urbanismo bottom-up

por meio de suas dinâmicas na esfera virtual com vistas a gerar novas perspectivas de compreensão e desenvolvimento de projetos urbanos contemporâneos.

1.6.2 Objetivos específicos

- . Compreender quais as contribuições do urbanismo bottom-up para o redesenho de relações projetuais da cidade;
- . Compreender como o espaço híbrido pode garantir a participação constante e consistente da população nos processos de urbanismo bottom-up;
- . Analisar o espaço virtual de comunicação entre os atores envolvidos em um processo de urbanismo bottom-up;
- . Compreender o contexto geral responsável pela emergência de grupos sociais que têm se apropriado de espaços públicos com a intenção de transformar o espaço urbano;
- . Compreender se os processos de urbanismo bottom-up são um movimento isolado em diferentes espaços ou se existe, de fato, características que os conectem;
- . Compreender se as dinâmicas que ocorrem na camada virtual dos espaços de urbanismo bottom-up indicam perspectivas de como garantir o caráter público dessas atividades.

2. A QUE PONTO CHEGAMOS

2. A que ponto chegamos:

2.1 Laços sociais rompidos e cidades fragmentadas

Após a crise econômica de 2008 alguns fatores sociais se agravaram, radicalismo emergiram e algumas fraturas sociais foram expostas. Para compreender como o desenvolvimento social chegou ao ponto em que foi exposto, a pesquisa recorreu a análise histórica de Zygmunt Bauman (2009), filósofo polonês que desenvolveu boa parte de sua trajetória acadêmica próxima as correntes de pensadores marxista. É interessante ressaltar que Bauman, apresentado nesta pesquisa para elucidar a fragmentação social da pós-modernidade, não apenas estudou esses fenômenos, mas os viveu como parte de seu contexto histórico. Filho de judeus, se refugiou na União soviética durante a invasão nazista, período em que se alistou no exército, e futuramente na representação do partido comunista da Polônia. No momento em que ingressou na vida acadêmica na Universidade de Varsóvia também foi expulso do exército, e quando seus trabalhos acadêmicos teceram críticas ao governo comunista na Polônia, foi novamente obrigado a deixar seu país para se exilar em Israel, onde lecionou na Universidade de Tel Aviv até 1971, quando foi convidado para dar aulas em Leeds na Inglaterra.

Bauman argumenta que existiram dois importantes momentos na história, relativamente recentes, em que as relações de medo e confiança entre os cidadãos se alteraram. O primeiro momento se deu com a modernidade e a Primeira Revolução industrial. Para justificar as mudanças ocorridas neste período, o autor se embasa

na obra de Robert Castel¹ buscando elucidar o fortalecimento do individualismo e a necessidade de uma proteção do indivíduo por parte do Estado, embasando o que veio a ser chamado de Estado do bem-estar social. A proteção dos indivíduos por parte do Estado resultou no fortalecimento dos sindicatos que lutavam - entre muitas coisas - por "salários sociais" em tempos de regime de produção fordista. Neste período as medidas sociais adotadas, como leis trabalhistas, foram suficientes para reestabelecer relações de confiança que haviam se perdido no início do período moderno.

A segunda mudança relatada pelo escritor, ocorreu no início da modernidade líquida, período em que as relações econômicas alteraram seu *modus operandi* em escala global e o "Estado de bem-estar social" se viu ameaçado pelo mercado internacional. Neste momento, a desarticulação de vínculos relacionados ao trabalho e as legislações nacionais se viram ameaçados pela desindustrialização de alguns países e por um novo regime de acumulação de capital. De acordo com Bauman, a fragmentação social exposta de maneira mais enfática com as consequências da crise econômica de 2008 ainda são resultantes do comportamento do mercado internacional após a segunda Revolução Industrial.

Por se tratar de uma pesquisa que busca compreender o papel das cidades na contemporaneidade, este trabalho não poderia deixar de dialogar com a obra

1. A obra específica de Robert Castel a qual Bauman se refere é "A insegurança Social: o que é ser protegido?", publicada no Brasil no ano de 2005 pela editora Vozes.

de David Harvey, que neste sentido, é consonante a de Bauman. Harvey, britânico nascido 8 anos após Bauman, é um geógrafo que analisa, entre muitos temas, o fenômeno de produção das cidades por uma linha marxista heterodoxa. Diferente de Bauman, e apesar de suas críticas a pós-modernidade, Harvey faz leituras propositivas em relação as possibilidades de recomposição de laços sociais e de produção das cidades.

No diálogo construído entre esses dois autores é interessante observar que David Harvey (2013) faz uma análise semelhante à apresentada por Bauman, não apenas no reconhecimento da fragilidade social, mas por identificar dois períodos de mudança nas relações entre os indivíduos dentro de um recorte temporal muito parecido ao de Bauman. Em sua obra "Condição pós-moderna" o autor divide as mudanças nas relações sociais em dois períodos. O primeiro deles destaca como o projeto do iluminismo se alterou por meio do advento da máquina, provocando rápidas transformações na relação entre tempo e espaço. O segundo momento histórico diz respeito à transição do modernismo ao regime de acumulação flexível, classificado no decorrer de seu texto como pós-modernidade (HARVEY, 2013).

A "pós-modernidade", datada por Harvey a partir da crise de 1973, e a "modernidade líquida" conceituada por Bauman, são consonantes ao serem colocadas ambas como o período de desestruturação dos sindicatos e de enfraquecimento das organizações sociais estabe-

lecidas nas lutas por um Estado de bem-estar social. Ao mesmo tempo que se enfraqueciam os sindicatos, os próprios Estados perdiam força e viam-se rendidos frente às atitudes dos conglomerados comerciais internacionais. (HARVEY, 2013)

As rupturas sociais provocadas na pós-modernidade tratam-se de fenômenos não superados até o início do século XXI, e considerando que esta pesquisa pretende compreender e refletir sobre processos de urbanização, surgem questionamentos a respeito de como as relações de confiança entre os indivíduos estão relacionadas com o espaço urbano. Será possível afirmar que a fragmentação dos laços sociais está relacionada com as transformações das cidades na pós-modernidade?

2.2 Fragilidade social e espaços fragmentados

Bauman (2009), sem o intuito de demonstrar uma relação de causa e consequência, se aprofunda no estudo das relações entre o rompimento dos laços sociais causados pela modernidade líquida e o impacto gerado nos espaços físicos das cidades. Para o autor, o fenômeno do medo, crescente entre os cidadãos, é gerado pela insegurança que sentimos devido à falta de contato com nosso entorno imediato.

Com o início da modernidade líquida passou-se a

observar nas cidades um crescimento dos modelos de produção dos espaços baseados em cercamentos de segurança. Esse modelo de produção espacial, realizado para "proteger" os cidadãos, popularizou-se com rapidez em um contexto tão favorável como o anteriormente mencionado. Neste sentido, o oferecimento de proteção privada em um cenário de poucas garantias públicas e o estabelecimento de espaços murados estimularam os indivíduos a se isolarem das camadas públicas das cidades para habitarem espaços sustentados por garantias particulares.

O surgimento de espaços segregados dos tecidos públicos das cidades se deu concomitantemente em diversos países, em parte, devido à mencionada reestruturação econômica global que ocorreu a partir de 1973. Com este fenômeno verificou-se que as minorias econômicas de diferentes localidades começaram a habitar estes mesmos modelos de espaços, segregados de seus entornos imediatos mas conectados socialmente à outros núcleos semelhantes, ainda que distantes fisicamente (BAUMAN, 2009).

Com os isolamentos espaciais de classes econômicas privilegiadas sendo realizados simultaneamente em diversos países, Bauman (2009) verifica a criação de uma esfera global de relacionamento entre as elites, ou seja, a emergência de classes sociais que se sentem mais pertencentes a determinado grupo em escala global, do que os habitantes com quem compartilham seu entorno imediato.

O grande problema desta articulação social é que no modelo econômico emergente neste período, o território urbano assumiu um papel de enorme importância

na movimentação do capital internacional, passando a influenciar diretamente o desenho dos espaços urbanos. Por meio de dados sobre os valores e estruturas dos planos hipotecários, do crescimento dos investimentos em propriedades imobiliárias, e da crescente participação do mercado imobiliário no PIB dos países, é possível verificar como a situação econômica do novo regime de acumulação se interligou com a especulação imobiliária das cidades (HARVEY, 2012).

Neste processo, verifica-se que os fluxos de capital controlados por uma elite global, que habita espaços físicos desconectados de seus entornos imediatos, geram modelos de produção espacial voltadas ao cenário internacional. Utilizando os espaços urbanos com o intuito de atrair capital internacional, muitas cidades foram fragmentando seus territórios com a criação de núcleos que se conectam a uma esfera global de espaços urbanos, mas que não se relacionam com seu entorno imediato. Como coloca Otília Arantes (2012), a partir da década de 1970 surgiu um novo modelo de produção do espaço urbano que colocou a cidade como um produto à venda, disponível em um cenário de concorrência internacional com outras cidades. Daí a sujeição das cidades à estratégias de marketing, como tentativas de transformar as especificidades locais em qualificações para o mercado global.

Muitos destes núcleos, com a necessidade de se posicionarem como territórios internacionais, acabam se cercando para se isolarem das características locais. Ainda que muitos cercamentos não sejam feitos por meio de muros e alarmes, diversos tipos de barreiras são colocadas na tentativa de impedir que as especi-

2. A obra de Manuel Castells à qual Milton Santos se refere é "Mudança Tecnológica, Reestruturação Econômica e a Nova Divisão do Trabalho". Espaço e Debates, 6 (17):5-23, 1986

ficidades locais invadam a imagem global dos espaços construídos. Não se deve, entretanto, considerar que os espaços produzidos por um fluxo de capital internacional sejam hegemônicos, embora exista um grande esforço para isso. É preciso compreender a produção dos espaços urbanos levando em consideração que a força hegemônica que busca internacionalizar determinados espaços urbanos sempre encontra resistências e especificidades locais que os obriga a realizar determinadas alterações.

Para enriquecer essa discussão a pesquisa recorre a dois outros autores, Milton Santos e Manuel Castells, que de forma complementar estruturam a sua fundamentação teórica, principalmente no que diz respeito aos conceitos de espaço. Milton Santos é um geógrafo brasileiro nascido em 1926, que assim como Harvey, aliado as teorias marxistas, dedicou boa parte de seus estudos para compreender os processos de urbanização. Assim como Bauman, Milton Santos também vivenciou parte de suas pesquisas em momentos de tensão, sendo preso e exilado durante o regime militar, só retornou ao Brasil após 13 anos. Manuel Castells é sociólogo, espanhol, nascido em 1942 e embora tenha dedicado a maior parte de sua obra a compreensão do impacto da comunicação nas estruturas sociais, é importante ressaltar que o início de sua vida acadêmica se deu focado na sociologia urbana marxista. No que diz respeito ao processo de produção das cidades, embora com linhas de pensamento diferentes, os 4 autores, Bauman, Harvey, Santos e Castells, encontram convergências, e possibilitam a construção teórica desta pesquisa.

Para compreender as influências que os espaços

urbanos recebem dos fluxos globais, Milton Santos (2012a) propõe uma revisão das ciências que estudam os espaços. Para isso, faz referência a Manuel Castells² (1986) buscando exemplificar a internacionalização da economia e a dependência que os países criaram a partir das relações comerciais internacionais.

No diálogo criado entre Santos e Castells, elucida-se que o processo de internacionalização da economia e o impacto do mercado internacional nos diferentes regionalismos passaram a organizar os espaços por meio de uma lógica global e complexa. Global pelo input internacional, local pelo feedback dos regionalismos e em virtude da complexa incapacidade de regulamentar o ordenamento espacial por estratégias rígidas. Neste sentido, por mais padronizada e abrangente que seja uma influência do mercado global, ao impactar em contextos regionais ela assume características específicas.

Compreender uma região passa por entender como funciona a economia em nível mundial e rebatê-la no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos. (SANTOS, 2012a, p. 53)

No capítulo 3 desta pesquisa serão abordadas as manifestações sociais que tiveram início com a Primavera Árabe e se espalharam por cidades do mundo todo. Guardando as devidas proporções, é possível fazer uma analogia das "manifestações internacionais" com os "fluxos globais de padronização das cidades" o que nos permite compreender como, de determinada

maneira, esses fenômenos se comportaram de forma parecida. Ambos impuseram características locais em fenômenos globais e nem por isso se desconectaram, além disso, eles fazem parte de um todo fragmentado, porém conectado, que hora se comporta como rede, hora como indivíduo.

Realizando uma aproximação entre a fragmentação das cidades e dos laços sociais, Bauman utiliza uma referência de Manuel Castells³ sobre o contexto social na década de 1980 para argumentar que existiam naquele momento duas classes de cidadãos, classificadas como “primeira fila” e “segunda fila”. A primeira fila de cidadãos seria aquela conectada as relações globais e aos fluxos de troca de informação em escala mundial, ou seja, os indivíduos distantes das relações locais e do interesse pela cidades. A segunda fila seria aquela composta por grupos de cidadãos incapazes econômica e socialmente de alcançarem as redes de interações globais, tornando-se grupos vinculados ao território e rendidos a habitar espaços físicos fragmentados⁴.

São nos espaços residuais das cidades, gerados pela construção de núcleos isolados, que se desenvolvem as dinâmicas sociais da “segunda fila”. De acordo com Bauman (2009), embora os espaços residuais sejam ocupados pela maior parcela da população e abriguem as dinâmicas públicas dos indivíduos, a configuração territorial fragmentada das cidades dificulta o desenvolvimento de dinâmicas capazes de tecer vínculos profundos.

O diálogo construído entre os quatro autores demonstra que existem relações entre a espacialidade fragmentada e os laços sociais fracionados. Mas pode-

se dizer que este fenômeno também esteja relacionado com o modelo econômico? Os meios de produção e de organização do trabalho estavam associados a essa forma de produção do espaço urbano?

2.3 O modelo econômico como modelo urbano

Relacionando a produção das cidades com o período econômico vivido na “modernidade líquida” ou “pós-modernidade”, é importante ressaltar que a influência da indústria do petróleo, principalmente nos EUA, foi um fator determinante nos processos de urbanização pós Segunda Revolução Industrial. Buscando compreender a influência do modelo econômico no modelo urbano, optou-se por trazer para a discussão da pesquisa um economista que trabalha de maneira prática com o posicionamento de empresas e países, e não com um pensador mais dogmático pautado em uma teoria econômica. Neste sentido foi adicionado a discussão da pesquisa a obra de Jeremy Rifkin, que mesmo não tendo uma aproximação marxista com os demais autores, possui algumas convergências. Rifkin é um economista estadunidense nascido em 1945 que atualmente leciona na Warthon School (Universidade da Pensilvânia) e embora seu perfil pareça divergente dos demais pesquisadores apresentados até aqui, possui alinhamentos interessantes. Rifkin iniciou seus posicionamentos políticos protestando contra a guerra do Vietnã, testes biológicos com animais e desastres ambientais, mas rapidamente se posicionou como especialista em ética empresarial, consultor econômico sobre novas tecnologias, impactos sociais e energias renováveis. Rifkin, além

3. O texto de Manuel Castells ao qual Bauman se refere é “The Informational City”, Oxford, Blackwell, 1989, p. 228. A publicação original do livro de Bauman, “Confiança e Medo na Cidade”, data de 2005, porém, a argumentação de Castells à qual Bauman se refere já foi revista por Castells em suas publicações realizadas após 2011.

4. A utilização desta referência de Bauman que classifica as duas filas de cidadãos na década de 1980 tem o intuito de demonstrar que esse tipo de classificação já não é válida, e que estamos diante de um nova realidade social que é demonstrada no transcorrer do texto.

de escritor e professor se destaca por sua atuação como conselheiro político, já tendo atuado como conselheiro do Parlamento Europeu, de Al Gore na vice-presidência dos Estados Unidos, de Angela Merkel e Nicolas Sarkozy, entre outros.

Ao analisar a relação do modelo econômico com o modelo urbano, Jeremy Rifkin (2012) coloca que uma das bases para o desenvolvimento da indústria que impulsionou a Segunda Revolução Industrial foi a própria transformação urbana das cidades Estado-Unidenses, o que fez das cidades um modelo gerador de capital. Especificamente no caso americano, Rifkin atribui que grande parte deste fenômeno ocorreu por meio da "Lei das Rodovias Interestaduais de 1956". Com a criação de uma malha viária de escala continental sendo construída, muitos cidadãos e empresas começaram a se mudar para "enclaves urbanos recém-construídos, próximos as saídas das vias interestaduais." (RIFKIN, 2012, pág. 41) Neste sentido, a impulsão do sistema viário nos EUA, combinado com o mercado especulativo da construção civil e o incentivo ao uso do automóvel foram fatores determinantes no desenvolvimento do desenho urbano das cidades americanas.

Ainda que a análise de Rifkin seja especificamente voltada à situação das cidades estadunidenses, é importante ressaltar a influência do modelo econômico norte-americano nos demais países, principalmente na América Latina. A aposta na indústria do petróleo, nas rodovias e no uso do automóvel, influenciou decisivamente as conformações urbanas brasileiras no contexto pós-segunda guerra mundial.

Nos Estados-Unidos, o problema econômico trazido

pelo término da construção das estradas estaduais foi concomitante com o ápice da Segunda Revolução Industrial, período em que os imóveis superaram a demanda e no qual a recessão começava a se espalhar pelo mundo. Porém, segundo Rifkin (2012), a construção das estradas juntamente com a criação dos subúrbios nas cidades americanas foram a base para o modelo de desenvolvimento econômico e urbano que viria a seguir. As transformações urbanas ocorridas na Segunda Revolução Industrial, embora de enorme impacto para as cidades, foram instrumentos que potencializariam o protagonismo do espaço urbano na economia estadunidense dos próximos anos. Neste sentido, mais uma vez, a cidade foi posicionada como um meio de gerar riqueza, diretamente atrelada ao modelo econômico planejado.

Segundo o autor, para muitos países parecia o fim da Segunda Revolução Industrial, o sistema econômico dava sinais de falência e o setor da construção civil (rodovias interestaduais), grande propulsor do mercado por décadas, parecia não conseguir mais estimular o crescimento da economia nos EUA. Criou-se então, com base nas economias da população, um sistema de crédito para solucionar a manutenção do sistema econômico. Embora essa solução seja apresentada por Rifkin como extremamente custosa, e como um modelo de curta duração, ela foi fundamental para o estabelecimento das bases de um novo modelo de negócio.

A chegada do cartão de crédito e os incentivos da publicidade transformaram o ato do consumo em algo parecido com um "ritual coletivo". Os americanos nunca haviam consumido tanto quanto no final da década

de 1980, a desproporção entre o salário da população americana e os valores em dólares que estavam sendo gastos no consumo atingiu níveis alarmantes. O problema é que o dinheiro que estava sendo gasto vinha do acúmulo de anos de economia próspera, não de novas fontes. Segundo Rifkin, “o que não queríamos admitir, no entanto, era que tudo estava sendo pago usando-se as economias de população americana”. (RIFKIN, 2012, pág. 43) E para ilustrar os dados deste cenário, “O nível de poupança de uma família média no início de 1990 era em torno de 8% de sua renda. Em 2000, a poupança de uma família encolheu para cerca de 1%”⁴.

Porém, a alta concessão de créditos não conseguiu sustentar o crescimento econômico por muito tempo. Nos meados da década de 1990 os cidadãos americanos já estavam afundados em dívida e foi necessário um novo instrumento para levantar a economia. O modelo de “hipoteca subprime”, baseada na especulação imobiliária, surgiu como uma falsa ressurreição da economia estadunidense. Neste ponto, a leitura de Rifkin (2012) e Harvey (2012) são bastante próximas no que diz respeito a importância que as hipotecas subprime assumiram na economia dos EUA. De maneira geral, pode-se dizer que o crescimento urbano do período anterior foi utilizado como crédito para que as pessoas continuassem com os níveis de consumo alto, evitando uma nova crise econômica.

Resumidamente, pode-se dizer que esse sistema funcionou como um segundo sistema de crédito, desta vez com menos restrições. Os americanos passaram a entender seus imóveis como investimentos, visto que grande parte do valor de crédito concedido se dava

com base nos imóveis possuídos. Muitos americanos fizeram hipotecas sobre hipotecas para conseguir pagar as contas dos cartões de crédito, e assim o valor dos imóveis duplicou ou triplicou, em poucos anos.

Sustentada pelo modelo de hipotecas, a especulação imobiliária cresceu rapidamente e fez com que o valor da terra e das cidades passassem a ser negociados por grandes estratégias de investimentos privados. Neste ponto, embora analisado com outra proposta e por uma ótica diferente, a leitura de Rifkin se aproxima à de Otília Arantes (2012), principalmente no que diz respeito ao papel das cidades no cenário econômico internacional.

A importância do setor da construção civil na economia dos Estados Unidos e os valores da especulação imobiliária cresceram vertiginosamente até 2007, momento em que a bolha imobiliária estourou e os cidadãos americanos se viram incapazes de pagar o valor de suas hipotecas, levando a uma desvalorização assustadora no preço dos imóveis hipotecados.

(...)20 anos atrás a dívida de uma família correspondia a cerca de 83% de sua renda. Dez anos atrás, a dívida subiu para 92% da renda familiar e, em 2007, subiu para 130% da renda, levando os economistas a usar um termo novo, “poupança negativa”(...) (RIFKIN, 2012, pág. 44).

Embora a crise econômica tenha se iniciado em 2007, seu ápice ocorreu em 2008, ano em que o Lehman Brothers fechou e o estado de “crise global” se estabeleceu. Dentre as consequências que se desencadearam deste processo, pode-se perceber que o cenário estabeleci-

4. Rifkin coloca esses dados com a seguinte referência: Su, B. W. (2001). Employment Outlook: 2000-10 The US Economy to 2010: Washington, DC: Bureau of Labor Statistics. <http://www.bls.gov/opub/mlr/2001/11/articlefull.pdf>.

do pela quebra do mercado imobiliário não se tratou simplesmente de uma crise financeira, mas de um processo muito mais complexo, apontado por Rifkin como o início da derrocada de todo um modelo econômico. Neste sentido, as influências no modelo urbano também começam agora a ser revistas com profundidade. Isso não significa que novos modelos em formatação sejam contrários ao modelo anterior ou que buscarão uma continuidade, o momento é de mais dúvidas do que certezas. A partir de 2010 uma onda de movimentos sociais se espalharam por diversos países, a crise de representatividade política e os extremismos religiosos e políticos, entre outros comportamentos emergentes, tem demonstrado que vivemos em um cenário de transformação estrutural da sociedade. Ainda não se pode dizer que existam soluções ou respostas de como os fenômenos em curso terão continuidade, mas já é possível afirmar que vivemos em um momento de interregno que afetará tanto a nosso modelo econômico quanto urbano.

2.4 Interregno

Esta pesquisa se desenvolve ao mesmo tempo que as transformações sociais aqui mencionadas. Trata-se da análise de um fenômeno em movimento constante e muitas vezes inesperado. Trabalhar com um recorte tão contemporâneo, e não com um fenômeno do passado, estático, impõe certos desafios. Neste sentido, embora os indicativos da pesquisa e a fundamentação teórica dos autores indiquem que estamos em um momento de reestruturação social, é necessário evitar afirmações categóricas, buscando certo distanciamento temporal

dos fatos. Buscando enriquecer o diálogo a respeito da profundidade das transformações sociais, a pesquisa traz para a discussão a obra de Slavoj Žižek, pensador esloveno nascido em 1949. A obra de Žižek, outro intelectual perseguido politicamente, assim como Bauman, por seu pensamento marxista heterodoxo, assim como Bauman, possui alinhamento direto com as ideias de Harvey e Bauman. Talvez de todos os autores apresentados até aqui, Žižek apresente a posição mais firme em relação a reestruturação social vigente, e embora seja um pessimista com relação aos encaminhamentos sociais em escala global para os próximos anos, demonstra acreditar em um futuro social mais justo a longo prazo. Ao analisar as transformações sociais que tem ocorrido após a crise de 2008, Žižek (2012) se apoia em Hegel para demonstrar que as alterações em curso não se tratam de fenômenos isolados dentro de um sistema estabelecido. Para o autor, as crises sociais, ambientais e econômicas não poderiam ter sido evitadas por alterações internas no sistema econômico. Žižek argumenta que vivemos em um momento de transição, de estruturação de um novo sistema econômico e social. Nas palavras do autor:

Segundo Hegel, a repetição tem um papel preciso na história: quando algo acontece uma única vez, pode ser considerado como mero acidente, como algo que poderia ser evitado se houvesse um melhor tratamento da situação; mas quando o mesmo evento se repete, é sinal de que estamos lidando com uma necessidade histórica mais profunda. (ŽIŽEK, 2012, pág. 41).

Com uma abordagem semelhante, Bauman, em uma entrevista concedida no ano de 2014⁵, afirmou que talvez já estejamos vivendo em meio a uma revolução. Para exemplificar tal posição, o autor destacou que ao pesquisar nos arquivos e jornais do século XIX relatos de uma revolução industrial, descobriu que até 1875 não existiam menções a uma revolução em curso, apenas fatos constatados do que viemos posteriormente a classificar como uma revolução.

Embora as considere ainda insuficientes, Bauman (2014) identifica, algumas alternativas que estão sendo desenvolvidas de maneira propositiva para uma reestruturação profunda na organização social. Entre elas, são expostas questões relativas a colaboratividade desenvolvidas por Jeremy Rifkin e o movimento Indignados na Espanha.

Jeremy Rifkin (2012) sustenta que estamos vivendo em meio a uma revolução, a qual classifica como a Terceira Revolução Industrial (TRI). Para ele, a crise econômica mundial de 2008 gerou um impacto irreversível para o atual modelo econômico, o que o leva a acreditar que as medidas convencionais, como reformas fiscais e modificações de leis trabalhistas, não serão capazes de restabelecer o crescimento econômico.

A semelhança na construção teórica de Bauman e Rifkin não se encontra apenas na constatação de que vivemos um momento de reestruturação social, mas também no entendimento de que a estrutura social que está sendo transformada se construiu com as Revoluções Industriais anteriores. Neste sentido fica claro que, assim como na 1ª e 2ª Revolução Industrial, as

mudanças em curso estão alterando a maneira como trabalhamos, como produzimos bens, como prestamos serviços e como nos relacionamos em sociedade. Pode-se dizer que a crise de 2008 foi um marco, o início de um período de mudanças profundas, um momento de conscientização de que vivemos em um interregno.

Considerando que o modelo econômico que vigorou de aproximadamente 1973 até 2008 gerou o enfraquecimento das organizações trabalhistas, catástrofes ambientais e o aumento da desigualdade social, como devemos pensar na reestruturação social em meio as transformações em curso? Como os indivíduos podem se organizar, nos novos modelos de disputas emergentes, para serem mais combativos na defesa das minorias? Como as articulações sociais podem ser reconstruídas no novo paradigma? Qual será o papel das cidades na nova construção social?

5. <http://www.fronteiras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-e-possivel-que-ja-estejamos-em-plena-revolucao>

3. construindo um novo Paradigma

3. Construindo um novo paradigma

3.1 Propostas teóricas para a reconstrução dos laços sociais

Fazendo uma leitura de que as espacialidades urbanas fragmentadas possuem relações com grupos sociais dissociados, Bauman, Harvey e Žižek construíram leituras propositivas para uma reestruturação dos laços sociais. Para Bauman, talvez o mais pessimista dos três autores, o mecanismo global de influências territoriais que determina as espacialidades das cidades só pode ser enfrentado por uma força global. O grande problema diagnosticado pelo autor em 2005 pode ser relacionado com o fato dos cidadãos da "segunda fila", incapazes de se conectarem globalmente, não conseguirem reestruturar uma articulação global capaz de confrontar um poder internacional.

David Harvey (2012) faz uma leitura convergente com a de Bauman, afirmando que as antigas estruturas de lutas de classe, já desarticuladas, não possuem poder de enfrentamento às práticas de produção do espaço urbano que se estabeleceram com a especulação imobiliária internacional.

Assim, dispomos de duas opções: chorar pelo desaparecimento da possibilidade de uma revolução ou mudar nosso conceito de proletariado pelo de hordas desorganizadas de produtores de urbanização, e explorar suas singulares capacidades e poderes revolucionários. (HARVEY, 2012, pág. 350. Tradução nossa)

Recorrendo a história, mesmo que com algumas ressalvas, Harvey (2012) utiliza uma referência de Manuel Castells (1986a) sobre a Revolução Francesa, na qual comenta que esta não se tratou de um movimento de classes ou de um movimento proletário, mas sim de um movimento social urbano que reivindicava seu direito à cidade, e que, se queremos uma alteração social de similar magnitude, será necessário deixar à margem as diferenciações de classe e aproximar a população através de causas comuns.

Na prática, as últimas revoltas do século XX e as primeiras do século XXI parecem ter tido essa mesma recuperação histórica, fazendo da cidade o palco e objeto da revolta social. Em menos de 20 anos, podem ser citados diversos casos movimentos sociais semelhantes. Piqueteros bloquearam o tráfego em Buenos Aires, bolivianos bloquearam estradas exigindo água e gás e carros foram incendiados em Paris. Já em 2009, manifestações eclodiram em Atenas e Reykjavik e na sequência vimos a Primavera Árabe, os movimentos Occupy e os Indignados na Espanha (HOLSTON, 2016).

Harvey acredita que uma reestruturação dos movimentos sociais deve ser construída por meio de uma aproximação entre movimentos de luta de classe com os movimentos urbanos. Neste sentido, o autor argumenta que como todos os cidadãos são de alguma maneira produtores da cidade, estes teriam direito a participação na confecção deste produto oferecido ao

mercado. Na visão de Harvey, caberia então aos indivíduos requererem seus direitos sobre o produto que estão constantemente produzindo. Para isso, sua proposta pode ser traduzida na metáfora da fábrica como cidade, na qual se produz valor e mais-valia, deste modo, o autor sugere que se coloque todos os cidadãos que de alguma maneira estão envolvidos na produção da cidade como proletários produtores de valor especulativo, e assim, que todos possam almejar controle e participação ativa nessa produção de valor.

Quando modificamos o foco sobre o entorno social em que tem lugar a luta, então o sentido de quem poderia ser o proletariado, e quais seriam suas aspirações, se transforma. A composição de gênero da luta política é muito diferente quando as relações fora da fábrica saem a luz. As dinâmicas sociais do local de trabalho não são homólogas com as do local onde se vive. Neste último as distinções baseadas em gênero, raça, etnia e religião, com frequência marcam mas profundamente o tecido social, enquanto as questões de reprodução social desempenham um papel mais importante, inclusive dominante, na formação da subjetividade e da consciência política.”(HARVEY, 2012, pág. 352. Tradução nossa)

Na mesma linha de raciocínio, a proposta de Žižek (2012) para a formação de laços sociais no atual contexto de fragilidade social, é a busca de projetos comuns dentro de diferentes grupos sociais. Ou seja, o autor sugere que seja abandonado o discurso da tolerância, dando lugar a um engajamento da população em torno de causas comuns, assim, mais do que discutir a tolerância, devem ser discutidos quais os pontos de

convergência que podem garantir o aparecimento de ideologias comuns.

A única maneira de sair desse impasse é propor um projeto poivo universal, compartilhado por todos os interessados, e lutar por ele. São muitas as causas em que “não há homens ou mulheres, tampouco judeus ou gregos”, desde a ecologisita até a economia. Há alguns meses aconteceu um pequeno milagre na Cisjordânia ocupada: palestinas que se manifestavam contra o muro estavam acompanhadas de um grupo de judias lésbicas de Israel. A desconfiança mútua inicial foi desfeita no primeiro confronto com os soldados israelenses que guardavam o muro, e houve uma solidariedade sublime na forma de uma palestina em trajes típicos abraçada a uma lésbica judia de cabelo cor-de-rosa arrepiado – um símbolo vivo de como deveria ser nossa luta.(...)

Não apenas respeitar os outros, oferecer uma luta comum, porque hoje nossos problemas são comuns. (ŽIŽEK, 2012, pág. 51)

Por mais que as propostas teóricas sejam propositivas quanto aos caminhos que os movimentos sociais devem seguir, não existem nem propostas práticas para reestruturar os movimentos sociais em escala global, nem ideias de ações com o objetivo de aproximá-los aos movimentos sociais urbanos que já estão em curso. Mas se analisarmos o conjunto dos movimentos sociais citados acima, fica clara a sua relação com as insatisfações sociais, as quais não são novidades. Mas qual o fator responsável pela emergência desses movimentos em uma margem razoavelmente próxima de tempo? O que está sendo alterado no sistema econômico que nos faz pensar em novas possibilidades? Por que alguns

autores argumentam que o atual momento trará uma reestruturação social tão profunda quanto a das Revoluções Industriais?

3.2 Transformações estruturais

Para Rifkin (2012), embora o acesso à internet tenha sido liberado a mais de duas décadas, as reformulações estruturais correlatas a sociedade em rede foram uma novidade recente, decorrente da convergência entre novos meios de comunicação com novos sistemas energéticos, tais como o aumento de pessoas com acesso à internet e a exploração das fontes de energia renováveis. Neste sentido, por mais que a comunicação em rede tenha evoluído na década de 1990, um fator limitador da desconstrução de hierarquias em estruturas organizacionais foi o sistema energético utilizado nos modelos econômicos das Revoluções Industriais, uma vez que este ainda permitia o controle centralizado sobre os meios de produção e/ou de comunicação. Atualmente, ao passo que as energias renováveis vêm se popularizando, assim como o aumento no número de pessoas com acesso à internet, novas formas de organização social também passaram a emergir.

Para entender esse fenômeno da convergência entre energia e comunicação, é interessante recorrer à análise histórica da Primeira Revolução Industrial. Ao observar as transformações sociais daquele período, pode-se perceber que o uso dos telégrafos não impactou exclusivamente na velocidade de comunicação, mas na maneira centralizada de emitir informações entre as estações de trem, na hierarquia e direcionamento de informação entre um comunicador e um receptor

e na implicação da alfabetização da população para que pudessem utilizar esses aparelhos. Este processo é análogo ao atual aprendizado diante dos meios digitais para nos comunicarmos em rede, que tampouco estão criando apenas novas formas de nos comunicarmos, mas de nos organizarmos. Nesse sentido, ao passo que, como indivíduos e como sociedade, aprendemos a utilizar as redes de comunicação, passamos a nos organizar de uma maneira diferente.

No que diz respeito à reestruturação social trazida pelo avanço nos meios de comunicação, percebe-se a quebra de um antigo paradigma das revoluções industriais anteriores, a comunicação deixa de ser um meio direto de informação entre emissor e receptor. Os telégrafos, muito utilizados para ordenar ações, transmitiam informações de núcleos superiores na escala hierárquica de cada organização para os núcleos inferiores, a informação caminhava de maneira linear. A comunicação em rede faz com que diversos agentes se comuniquem de maneira concomitante, gerando informações e retroalimentando o sistema de informação que pode ser acessado em diferentes momentos por diferentes atores. Neste sentido, as informações em rede, devido a seu sistema complexo, se estruturam de maneira cada vez mais livre, sem interferência de possíveis domínios e influências (Rifkin, 2012).

Este fenômeno tem um rebatimento no âmbito político. A falta de transparência nas esferas governamentais de diferentes países tem entrado em conflito com os novos ideais de transparência que a sociedade em rede está construindo. A velocidade na comunicação e a disponibilidade de informações no espaço virtual tem

sido utilizada como instrumentos de democratização de informações governamentais em meio a atual crise de representatividade política que vem se instalando de maneira generalizada.

As reivindicações atuais não são pautadas na busca pela cooperação por meio de um *modus operandi* já existente, cobra-se o direito de alterar o modelo atual e criar novas formas de atuação. O modelo de participação descentralizado, organizado em subsectores burocráticos, vem sendo substituído pela interação direta, fenômeno que ocorre com a própria sociedade quando interage em rede. De uma sociedade descentralizada, passamos agora à uma sociedade distribuída, organizada por meio de uma rede multiconectada. O modelo anterior oferecia à população a possibilidade de participação nas tomadas de decisão, o modelo distribuído, por outro lado, exige dos governos a possibilidade de interação.

Mas porque esta demanda por interação parece tão latente? Porque neste momento específico a população passa a cobrar de maneira mais direta seus representantes? Por que surgem tantas iniciativas simultâneas que se propõem a transformar a cidade com as próprias mãos?

3.3 Mas afinal, o que muda na sociedade

Neste ponto parece necessário elucidar quais são as diferenças estruturais de uma organização em rede quando comparada a uma organização descentralizada. Se tomarmos o diagrama de Paul Baran como exemplo, essa diferença pode ficar mais clara, principal-

mente se imaginarmos que analogamente aos grafos, indo da esquerda para a direita, representam uma linha histórica do desenvolvimento das estruturas sociais.

O primeiro grafo, referente a uma organização centralizada, representaria uma sociedade feudal, na qual todas informações precisam passar por um único ponto centralizado, inclusive se quiserem se dirigir a outros pontos. Durante muito tempo acreditava-se que este era o meio mais eficiente para se manter controle sobre grupos, mas à medida que cresceram, e conforme as tecnologias evoluíram e a sociedade adquiriu novos comportamentos, esse método se tornou ineficiente.

Diagrama 1 - Diagrama de Paul Baran

Diagrama 1 - <https://twitter.com/mattwoodham/status/719892655820431361>

A evolução dessa estrutura nos levou a modelos descentralizados, e como se pode ver no grafo número 2, isso não significa que a organização não tenha centro, mas sim que existem vários centros, cada um responsável por organizar um grupo de pontos. Apenas os elementos/pontos centrais possuem conexão entre si, os demais, para interação com pontos de outros grupos, precisam se dirigir ao seu centro mais próximo para que ele o conecte ao centro responsável pelo grupo do ponto com quem deseja interagir, e aí sim ao seu destino/ponto almejado. Esse sistema pode ser comparado às primeiras centrais telefônicas, nas quais um indivíduo (ponto) ligava a um telefonista (centro) e pedia para entrar em contato com outro indivíduo (ponto). Isso não significava que as pessoas não poderiam se comunicar entre si, mas elas precisavam passar por intermediários (determinados subnúcleos) antes. Imaginemos agora que esse mesmo grafo possa ser uma analogia com o nosso sistema federativo, como o Brasil. Imaginemos hipoteticamente que um indivíduo queira fazer uma solicitação pública que dependa do presidente da nação, então ele deve entrar em contato com o seu vereador, que falará com o prefeito, depois o governador até chegar à presidência da república. Na prática o indivíduo e o presidente estão em contato, mas existem muitos graus de separação entre eles, o que pode tornar esse sistema ineficaz em sistemas muito grandes.

No grafo número 3 é possível observar que todos os nós estão conectados a todos os outros nós de maneira direta⁶. Isso significa que se um ponto deseja se comunicar com outro, ele pode fazer isso de maneira direta e caso essa opção seja interrompida por algum motivo,

ele tem inúmeros outros caminhos para se comunicar, passando por mais ou menos pontos de apoio, a depender de suas escolhas e necessidades. Nesse modelo, caso algum ponto deseje propagar uma mensagem para toda a rede, isso não aconteceria de maneira gradual, a partir de núcleos menores para maiores, mas sim de maneira distribuída por toda a rede ao penetrar em todas as conexões.

Vale ressaltar ainda duas curiosidades sobre os grafos desenvolvidos por Paul Baran, a primeira delas é que os pontos dos 3 grafos são exatamente os mesmos, alterando-se apenas as conexões entre eles. Outro ponto, é o contexto e o motivo pelo qual ele foi desenvolvido. Baran trabalhava para a Rand Corporation em 1962, entidade que desenvolvia inteligência para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e devido a tensão da Crise dos Mísseis ele foi designado para pensar em um sistema de comunicação que resistisse a um ataque nuclear. Foi neste momento que Baran desenvolveu o grafo 3, considerado por alguns como um embrião da internet. Colocado ao lado dos grafos 1 e 2 Baran pode demonstrar como a comunicação deveria evoluir para evitar riscos.

Na explicação da sociedade em rede as analogias mais comuns são aquelas relativas aos sistemas de comunicação, mas isso não significa que apenas a comunicação esteja se reinventado ou mesmo a organização dos grupos sociais. Tampouco pode-se dizer que o fenômeno da sociedade em rede tem início na comunicação e depois se propaga por determinados setores de maneira sequencial, trata-se, na verdade, de um processo de transformação sistêmica amparado por relações

6. Neste grafo todos os nós estão conectados a todos os outros nós de maneira direta, mas isso o tornaria visualmente incompreensível, por isso as reduções visuais.

em rede.

À medida que experimentamos novas formas de organização alteramos nossas formas de produção, de trabalho, de moradia e inclusive de produção energética. Quanto à questão do modelo de matriz energética, Rifkin defende que está em ascensão a “internet da energia”. A produção energética está cada vez mais relacionada a um sistema em rede, produzida em escala micro, pelos cidadãos em suas próprias casas, como por exemplo, por meio das fontes de energia livres como o sol, vento, calor geotérmico e biomassa. Esse mesmo processo também vem sendo identificado na escala macro, com a produção de energia sendo realizada por meio do vento, águas, ondas e marés do oceano. Por meio de múltiplos pontos produtores de energia e das fontes livres de produção, acredita-se que ocorrerá o desenvolvimento de uma rede inteligente e distribuída de energia.

Esta nova maneira de produzir energia por meio de fontes renováveis implica na negação de um recurso atrelado as primeiras Revoluções Industriais, os combustíveis fósseis. Na TRI as energias das elites, baseadas nos combustíveis fósseis e no alto valor de produção, perdem seu protagonismo, e se constrói uma nova relação entre economia e energia. Rifkin classifica esta nova maneira de produzir e compartilhar energia como “energia lateral”. Na opinião do economista, por meio da energia lateral, caminhamos para uma nova revolução industrial mais distributiva das riquezas produzidas, com a qual as relações de mercado se alterariam, adaptando-se as relações em rede. Segundo o autor, essas mudanças irão modificar a orientação dos negócios, e

algumas dicotomias comuns ao mercado serão reestruturadas (Rifkin, 2012).

Para demonstrar a concretude do conceito “internet da energia”, Rifkin exemplifica os contratos de ‘economia compartilhada’ entre proprietários e inquilinos na Suíça. Como na Suíça apenas 30% dos moradores tem casa própria, a relação entre locador e locatário é um entrave para a realização de reformas nos imóveis, assim a instalação de fontes de energias renováveis particulares ficava prejudicada. Neste contexto, foram criados modelos de contrato, no qual os proprietários financiam a instalação das tecnologias de geração de energia limpa, enquanto os inquilinos se comprometem a repassar aos proprietários os valores correspondentes aos valores economizados nas contas de energia. A energia excedente gerada neste processo é injetada na rede municipal de distribuição elétrica. Neste sentido, a produção energética, que implica na sobrevivência dos indivíduos e manutenção das cidades, antes dependente de grandes produtores e distribuidores, ganha autonomia a partir da produção individual e do compartilhamento entre pares.

Com todo este panorama otimista traçado, é necessário ressaltar que a questão conceitual da TRI é tão importante no cenário atual quanto foi nas revoluções anteriores. Como aconteceu nas primeiras Revoluções Industriais, é necessário que a sociedade entenda que a nova convergência entre meios de comunicação e as novas possibilidades energéticas estão gerando um novo paradigma econômico, e que a infraestrutura que está sendo criada irá alterar profundamente a relação temporal e espacial da sociedade, que por sua vez irá

cobrar novas formas de gerenciar os novos padrões de vida.

Assim como nas cidades, as empresas e organizações também cresceram, e os métodos de gerenciamento, devido ao custo organizacional, foram colocados em cheque por novos modelos que começaram a emergir. O pesquisador de sociedade em rede Clay Shirky (2012) classificou os grupos que substituíram a rigidez das hierarquias por sistemas distribuídos como "grupos de estrutura frouxa" devido a suas culturas organizacionais. Esse fenômeno não implica apenas em alterações na cultura organizacional de determinados grupos, mas no surgimento espontâneo de diversos coletivos que encontraram, sem a necessidade de uma coordenação central, uma maneira de permanecerem unidos e produzindo aquilo ao que se propuseram em um primeiro momento.

Utilizando o mesmo exemplo de Shirky este fenômeno fica mais claro. Há alguns anos, para que um determinado evento tivesse uma cobertura fotográfica, era necessário contratar uma equipe de fotógrafos ou um veículo de mídia, como um jornal. Para esse jornal cobrir o evento era necessário um direcionamento, ou seja, alguém que coordenasse a equipe, selecionasse as fotos tiradas e escolhesse quais seriam publicadas. Esse trabalho implica em um custo para quem desejasse fazer a cobertura para remunerar os profissionais envolvidos, que não eram apenas os fotógrafos, mas todos os envolvidos no processo gerencial, ou seja, o diretor do grupo jornalístico, os gerentes, o setor administrativo, o chefe de edição e então os fotógrafos, assim como as impressões e os meios de distribuição. Essa é uma es-

trutura grande e cara, que em muitos casos inviabiliza o serviço não pelo preço do produto final, no caso fotos, mas pelo custo de manter toda a organização necessária.

Agora imaginemos quais são os custos de gerenciamento para os usuários de redes sociais digitais, como o Flickr e o Instagram, e como elas possibilitam a reunião de grupos de fotógrafos, ainda que amadores, que estão cobrindo um evento. Isso sem contar as fotos dos próprios participantes dos eventos e a possibilidade de linkar todas as fotos disponíveis na web sobre um determinado evento por uma "tag", um direcionamento de que aquela foto foi tirada em determinada ocasião. (SHIRKY, 2012)

Assim como o exemplo citado, pode-se afirmar que é exponencial o crescimento no número de grupos que se unem por um determinado tema, com objetivos que vão desde aulas de línguas até o compartilhamento de receitas. Shirky argumenta que se trata da consequência da possibilidade de atuar de maneira conjunta sem a necessidade de gerenciamento. Atualmente, grupos diversos são criados no espaço virtual, sem necessidade de se encontrarem fisicamente, diferentes tipos de mídias são disponibilizadas em formato digital, sem necessidade de impressão e diversas pessoas que desejam saber desse assunto se encontram facilmente através de hyperlinks. Neste sentido, para Shirky, a sociedade em rede está facilitando um instinto natural do ser humano, o de se agregar em grupos de interesse.

A formação de grupos ridiculamente fácil importa porque o desejo de ser parte de um grupo que compartilha, coopera ou atua de comum

7. A compreensão que Shirky e Sennett tem palavra compreensão é diferente, o que pode ser apenas um problema de linguagem ou tradução. Na prática o conceito de cooperação de Sennett é bastante próximo ao que Shirky tem de "ação coletiva".

acordo é um instinto humano básico que sempre foi limitado por custos transacionais. Agora que a formação de grupos passou de difícil a ridiculamente fácil, estamos vendo uma explosão de experimentos com novos grupos e novos tipos de grupo. (SHIRKY, 2012, pág. 50)

3.4 Como cooperar na sociedade em rede?

Para a constituição de projetos que sejam capazes de convergir indivíduos diferentes, é importante entendê-los como projetos de cooperação. Para Sennett (2012), a “boa cooperação” é aquela que consegue reunir indivíduos com as mais diversas opiniões para a realização de ações específicas ou para a resolução de problemas objetivos. Portanto, a boa cooperação exige habilidades específicas e a clareza das diferenças entre simpatia e empatia. A simpatia ultrapassa as diferenças, buscando a unidade, já a empatia, enquanto exercício mais cauteloso, faz com que os indivíduos se coloquem na posição do outro para compreenderem e entenderem a justificativa de cada pensamento. No entanto, ambas são necessárias para que a cooperação seja próspera.

A habilidade de cooperar cobra não apenas a boa expressividade para elucidar posições sem o excesso de exaltação, mas também o exercício do bom ouvinte. No que diz respeito a fala, a cautela com as palavras utilizadas em diálogos com indivíduos diferentes tem maior potencial de abrir canais de comunicação do que a reprodução de certezas impetuosas. De todas as formas, é importante que as pessoas estejam aptas a ouvir mui-

to mais do que a literalidade das palavras e se comportem sem o excesso de ênfase. Por isso, estar atento ao comportamento corporal e entender a expressividade faz parte da boa escuta (SENNETT, 2012).

Mas para que os exercícios de escuta sejam incorporados ao nosso comportamento diário e para que consigamos nos comunicar de maneira efetiva com desconhecidos, é necessário nos empenharmos nos rituais de cooperação. Os mesmos são conceituados como técnicas que nos habilitam a mostrar aos outros muito mais do que podemos dizer com palavras. São exercícios necessários para que a comunicação subjetiva consiga ser expressada e compreendida por aqueles aos quais nos referimos como “outros” (SENNETT, 2012).

Esse aprendizado é consolidado na prática, não pode ser transmitido somente por regras de boa convivência, é necessária uma complementaridade entre teoria e prática que una as capacidades comunicativas da expressão direta e indireta. Portanto, para que a boa cooperação seja efetiva, é necessário que os canais de comunicação sejam consistentes, ou seja, os espaços de comunicação precisam ser apropriados para que diálogos de diferentes âmbitos se estabeleçam de maneira plena.

Mas o que é necessário para que um grupo se forme e comece a atuar de maneira conjunta? Para Shirky (2012) o sucesso na atuação de um grupo se baseia na atuação em três níveis de interação que são potencializados pelas ferramentas digitais da sociedade em rede. Em nível crescente de dificuldade e complexidade, Shirky argumenta que a consolidação da atuação de um grupo depende do compartilhamento, da coopera-

ção⁷ e da ação coletiva.

Compartilhar seria o primeiro passo, indivíduos que compartilham assuntos em comum nas redes sociais estão mais conectados, compartilhar o mesmo tema que muitos outros indivíduos já os posiciona, de certa forma, em um grupo social. Claramente, esse compartilhamento também pode ser feito de forma direcionada, quando uma pessoa partilha determinado assunto com um grupo que se interessa por esse tema ou exclusivamente com uma outra pessoa.

O segundo passo para a consolidação de um grupo, na escala de Shirky, é a cooperação. O principal avanço do compartilhamento para a cooperação é a mudança de posicionamento que exige certo alinhamento entre duas partes, e não apenas "gostar de algo em comum".

A "ação coletiva" descrita por Shirky, que na prática é muito próxima a cooperação apresentada por Sennett, exige não apenas uma ação conjunta, mas um alinhamento de expectativa de resultado e de unidade do grupo. De acordo com Shirky:

A produção colaborativa é uma forma mais dedicada de cooperação, pois aumenta a tensão entre os objetivos do indivíduo e do grupo. O princípio da produção colaborativa é simples: ninguém pode receber crédito individual pelo que é criado, e o projeto não pode surgir sem a participação de muitos. (SHIRKY, 2012, p. 47)

O desafio imposto pela ação coletiva é que toda produção realizada por um grupo sem hierarquias depende de negociações entre ele, depende, portanto, de indivíduos dispostos a dedicar parte de seu tempo

para realizarem algo em comum. Ainda que em um primeiro instante pareça pouco provável que em uma sociedade individualistas as pessoas estejam abertas a isso, existem indicativos de que indivíduos influenciados pela fragmentação social, descrita por Bauman, se demonstrem dispostos a realizar ações conjuntas por causas comuns.

De acordo com Shirky isso se deve não apenas as possibilidades de conexão existentes, mas também aos modelos que alcançaram sucesso e inspiram novos movimentos. Há alguns anos atrás era difícil imaginar que uma das maiores enciclopédias do mundo seria construída de forma aberta, espontânea e gratuita por um grande grupo de indivíduos como o exemplo da Wikipedia.

As ferramentas digitais são os atalhos organizacionais que não possuíamos no passado, e que agora estão aptos a facilitar a formação e gestão destes grupos. Entretanto alguns autores fazem ressalvas sobre as ações coletivas de cooperação que ocorrem exclusivamente nos meios digitais. Sennett (2012) ressalta que o grande equívoco é confiar que as redes sociais, por si só, tratam-se de meios de comunicação eficientes para práticas de cooperação. Ao analisar-se a comunicação virtual, percebe-se, por exemplo, a incapacidade dos meios digitais em transmitir a carga subjetiva das mensagens. Quando o diálogo ocorre apenas neste espaço, as opiniões se demonstram demasiadamente afirmativas e a recorrência a grupos de opinião semelhante acaba se fortalecendo. Os diálogos do tipo "nós-contra-eles" prosperam quando a subjetividade do corpo não transmite a informação completa daquilo que o bom ouvinte es-

taria apto a compreender.

Para Bauman (2016), as redes sociais são uma armadilha. Ao mesmo tempo que proporcionam um espaço de interação no qual os indivíduos não se sentem sozinhos, esses também representam um pretexto para a alienação social. As possibilidades de seleção do grupo social fazem com que os indivíduos pensem que as opiniões de seu ciclo de relações virtuais são verdades totalizantes, ou “opiniões da maioria”. Deste modo, o quando o diálogo se estabelece apenas pelo meio virtual, o senso de comunidade, real e complexo, acaba sendo camuflado pela rede social restrita que estabelecemos.

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. (BAUMAN, 2016)

Para que os indivíduos compreendam a esfera pública da comunidade, respeitando as diferenças e buscando projetos comuns, é necessário que a cooperação seja colocada em prática. Embora Sennett e Bauman tenham uma visão crítica a respeito do uso das redes sociais, não queremos atribuir juízo de valor a existência “per si” dessa ferramenta. As redes são apenas canais

de comunicação que abrem novas possibilidades de interação, caracterizadas por uma maior independência em relação a aos meios tradicionais.

Claramente a abrangência dos novos meios de comunicação trazem um impacto social, assim como foi com o rádio e a televisão, mas não se deve pressupor que essa estrutura, por si só, seja prejudicial ou benéfica a sociedade. As redes sociais não possuem uma intenção prevalente, elas representam meios de comunicação que podem vir a potencializar ações, quaisquer que sejam elas. Nesse sentido, o seu uso visando à coesão ou a segregação social, serão determinados pelos usuários, e não por uma intencionalidade previamente determinada. A rede de internet que conecta aproximadamente 50% da população do planeta é um espaço a ser explorado, cheio de possibilidades, do qual ainda conhecemos muito pouco.

Não se trata, entretanto, de um juízo de valor sobre as transformações em curso, mas de um apontamento sobre possibilidades futuras que podem vir a se tornar preponderantes. Claramente, embora o cenário traçado seja otimista, todo esse processo passará por inúmeras disputas de poder e domínio dos meios de produção. Mas para sustentar a argumentação de que o atual sistema econômico e os meios de produção tradicionais ainda não sabem lidar com as alterações em curso, Rifkin (2012) apresenta alguns casos, como por exemplo: o despreparo da Microsoft em lidar com a concorrência de softwares abertos como o Linux, as tradicionais enciclopédias perdendo espaço para o modelo de enciclopédia colaborativa da Wikipédia, e as redes de busca digitais e redes sociais como o Google e o Facebook, que

8. A empresa Etsy é uma plataforma virtual na qual pessoas que produzem móveis artesanais se conectam com potenciais compradores de diversas partes do mundo. A ideia da empresa é realizar uma aproximação empática entre produtores e compradores, rompendo com os modelos tradicionais de produção de massa.

9. A Grameen Shakti é um ramo do Grameen Bank que trabalha com pequenos empréstimos no formato de microcréditos. Muitos deles para a instalação de sistemas solares residenciais e demais tecnologias de energias renováveis em localidades rurais.

10. A Kiva é uma organização facilitadora de microcréditos sem fins lucrativos. O modelo de atuação da Kiva se assemelha as plataformas de crowdfunding, na qual os empreendedores se expõem e explicam como o dinheiro recebido será aplicado.

têm reinventado nossa maneira de viver em sociedade.

Buscando elucidar práticas emergentes no mercado e na sociedade, que surgem embasadas nos princípios de TRI, Rifkin apresenta os casos da empresa Etsy⁸, as micro-operadoras financeiras como a Grameen Shakti⁹, a facilitadora de microcréditos KIVA¹⁰, a Community Supported Agriculture (CSA)¹¹, a I-Go¹² e o Couchsurfing¹³. De acordo com Rifkin, estes novos modelos de negócio estão fundamentados em um princípio básico, “colaborar em espaços sociais digitais”.

A relação adversária entre vendedores e compradores é substituída por uma relação colaborativa entre fornecedores e usuários. Interesses próprios cedem lugar a interesses partilhados. Informações sigilosas são suplantadas por uma nova ênfase na abertura e na confiança coletiva. O novo foco na transparência, e não no segredo, se baseia na premissa de que agregar valor à rede não deprecia os próprios recursos, mas, em vez disso, valoriza as posses de todos como nós iguais em um esforço comum. (Rifkin, 2012, pág. 137)

Embora a visão de Rifkin esteja embasada na perspectiva econômica, ele esclarece que as alterações proporcionadas por meio de energias limpas, comunicação em rede, construção verde, nanotecnologia, carbono zero e rede distribuída de TI não se referem a mudanças circunscritas ao campo econômico, ao contrário, ele reconhece que as transformações em curso estão alterando os modos de vida, as relações em sociedade e a nossa maneira de ver e exercer a política e a cidadania. Argumentando pelo alcance que as alterações em curso têm nos diversos setores que compõem

a sociedade, Rifkin entende que vivemos em um momento de revolução, de completa alteração dos modos de coexistência em sociedade.

A TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL EMERGENTE não está apenas mudando nossa maneira de fazer negócios, mas também nosso modo de pensar a política. A luta entre os interesses de poder mais antigos e hierárquicos da Segunda Revolução Industrial está dando origem a uma nova dicotomia política, refletindo as forças competitivas que anseiam por dominar na arena comercial. Um novo roteiro político está sendo escrito, reformulando a maneira como as pessoas verão a política à medida que adentrem na nova era. (Rifkin, 2012, pág. 158)

3.5 Ressalvas ao novo paradigma

As tendências apontadas no tópico anterior indicam que caminhamos rumo a consolidação de uma estrutura social mais horizontal e menos hierárquica, pautada nos preceitos do compartilhamento e da distribuição, ainda que este seja um processo a longo prazo. Porém, como normalmente acontece com as inovações nas TICs, é necessário ressaltar que toda inovação é um risco para as estruturas até então dominantes, que reagem e/ou se adaptam a elas (WU, 2012).

Como coloca Tin Wu (2012), sempre que uma novidade desperta, surgem dois posicionamentos antagônicos, dedicar-se imediatamente à inovação e tentar ser dominante no novo cenário ou evitar os riscos da inovação usando todas as forças para retardá-la. Em ambos os casos, os grandes atores das disputas de poder, quer

sejam empresas, Igrejas ou partidos políticos, tendem a continuar ativos e a usar a bagagem adquirida para se manterem em posições de liderança, tanto econômica quanto de popularidade. Ainda que reativos as mudanças em um primeiro instante, a partir do momento em que a novidade vira tendência e se consolida, os grupos as assumem e se adaptam as elas.

Outro fator que deve ser levado em consideração, como apontado por Bauman no enfraquecimento do "Estado de Bem-estar Social", é que a mudança gera insegurança, e as inseguranças são um terreno próspero para os radicalismos e lutas visando a manutenção do status quo. Clay Shirky (2012) explica esse fenômeno através da teoria da "Tragédia do Terreno Comunal" do biólogo Garret Hardin. Nessa metáfora social, o pasto é um terreno comum dividido por pastores que deixam as ovelhas comerem o suficiente, mas sem abusos que prejudiquem o bem comum. Se todos os pastores fizerem uso consciente o pasto se mantém bem, mas se alguém quiser apressar a engorda das ovelhas e deixá-las comer mais do que o necessário, os outros pastores terão de reduzir a engorda de seu rebanho. O problema, segundo Shirky, é que o benefício da venda das ovelhas é individual, e não coletivo, o que deixa os pastores tendenciosos a deixá-las comer mais do que o necessário. Quando existe uma coesão social do grupo, o elo de confiança se mantém, mas quando os laços entre aqueles que partilham o bem comum são rompidos, todos ficam mais parciais a retirar o maior proveito individual do terreno comum. Nestes casos, se um dos pastores quebra o acordo, automaticamente os outros tendem a fazê-lo para também se beneficiarem, ainda

que estejam conscientes de que isso destruirá o pasto.

A analogia desta situação com o processo de urbanização é o modelo de produção da cidade capitalista, e como coloca Shirky, existem duas medidas para se controlar a "Tragédia do Terreno Comunal", a primeira é dividir o pasto, ou a cidade, em terrenos privados para que cada indivíduo seja o único responsável pelo uso de seu terreno. A segunda medida é a governança, ou no caso das cidades os impostos obrigatórios, que são a garantia de que os indivíduos contribuam com a manutenção do que é necessário. De maneira generalista, no atual contexto global, temos cidades fragmentadas pela preponderância de terrenos cercados e a ausência de garantias de governança em relação aos escassos "terrenos comunais". Com a crise global de representatividade política que se agrava desde a Primavera Árabe a desconfiança no Poder Público e no bem comum é cada vez mais presente, mas novos modelos de governança vem emergindo e contrapondo a "Tragédia do Terreno Comunal".

Nesse sentido, uma potencial vantagem da sociedade em rede que está sendo construída é que as possibilidades de coordenação estão aumentando, assim como o número de grupos que encontram causas comuns para partilhar. Mas para que um grupo promova ações conjuntas é necessário que exista uma coesão forte entre os membros, ou sempre que as atitudes em nome do grupo não tiverem alinhamento o grupo perderá membros. Mas quais serão os grupos realmente fortes atuando em causas comuns? Quais os grupos que estão emergindo com mais frequência? Devemos pensar em ações auto organizadas de transformação

11. A CSA é um modelo de negócio que está revertendo a maneira de produção de alimentos em massa, como o agronegócio e recuperando a importância da agricultura familiar. Neste modelo a agricultura apoiada pela comunidade é uma joint venture, na qual os compradores financiam o produtor antes de receberem o produto, o que garante que o preço final seja mais acessível. Nesse modelo, os riscos da perda da safra também são compartilhados.

12. A I-Go é um aplicativo que fornece aos usuários diferentes possibilidades de deslocamento através de diversas modalidades de transporte, incluindo desde transporte público até carros compartilhados. Além disso, o app também fornece informações sobre a redução de gastos e de emissão de CO₂.

urbana? É para isso que as redes sociais serão utilizadas?

No contexto atual é inevitável pensar nos radicalismos emergentes após 2008, período em que o sistema econômico mostrou sua fragilidade e no qual as relações sociais começaram a se transformar. As inseguranças trazidas pelas inovações despertaram fanatismos que, com sucesso, vêm sendo utilizados como motivação ideológica para agregar indivíduos. De acordo com Žižek (2012), percebe-se um crescimento considerável: da intolerância religiosa, do preconceito racial e das rejeições ao multiculturalismo, demonstrando como projetos de ideologias emergentes vêm sendo delineados em meio e inexistência de um tecido social consistente. Para sustentar estes argumentos, Žižek (2012) analisa fatos como os ataques de Breivik, o atentado de fundamentalistas cristãos, os ataques às paradas gays na Sérvia e na Croácia, o crescimento do antissemitismo disfarçado de crítica à política sionista do Estado de Israel, a expansão dos fundamentalistas norte-americanos e a atuação do partido Fidesz na Hungria.

O problema dos radicalismos emergentes é que, em meio a um tecido social esfacelado, os políticos liberais e progressistas não têm encontrado alternativas para garantir um engajamento estruturado por parte da população, enquanto os radicalismos, como demonstrado pelas políticas anti-imigração na Europa, têm avançado em ritmo acelerado. Nas palavras de Žižek (2012), o cenário atual demonstra uma “ruptura entre os liberais anêmicos e os fundamentalistas fervorosos (...)”. ‘Os melhores’ já não são tão capazes de se engajar, ao passo que ‘os piores’ se engajam no fanatismo racista, religioso e sexista. Como romper com esse impasse?” (Žižek,

2012, pág. 50).

Tendo em vista que vivemos em um momento de interregno e que as questões de transformação do espaço urbano estavam fortemente vinculadas ao modelo econômico estabelecido anteriormente, são inevitáveis os questionamentos sobre como será alterada a produção das cidades neste novo paradigma. Quais terrenos comuns serão construídos? Quais serão os “terrenos comuns” do espaço urbano? Qual será a atuação dos grupos engajados em pautas urbanas, serão preponderantes os protestos sociais indicados por Harvey e Holston ou os que fecham as portas para refugiados?

3.6 Como o novo paradigma altera a relação dos indivíduos com as cidades?

No atual contexto social, percebe-se que a população vem aprendendo gradualmente a utilizar os novos meios de comunicação para se organizar por redes distribuídas. As novas maneiras de organização estão alterando tanto as organizações particulares quanto públicas, o que impacta diretamente nas dinâmicas sociais e no desenvolvimento das cidades.

No que tange a produção das cidades, embora Milton Santos (2012) argumente que todos os indivíduos são de alguma maneira seus produtores, trata-se de um processo indireto de participação, de uma atitude não consciente. A produção das cidades é vista como um processo complexo e desorientado, ao qual não se pode atribuir o controle de sua transformação, ainda que

unidades centralizadoras como o setor público e conglomerados comerciais exerçam forte influência sobre a configuração dos espaços. Já os cidadãos, enquanto indivíduos, ainda que se sintam parte constituinte da cidade, se consideram impotentes para promoverem alterações de maneira direta.

Ela (a cidade), porém, impõe-se como um amontoado de signos aparentemente desconectados, agindo, no entanto, em concerto, para limitar mais do que para facilitar a minha ação, tornando-me impotente diante da multiplicidade das coisas que me cercam e de que posso dispor. (SANTOS, 2012b, p. 27)

Ao pensar na cidade como um produto resultante de diversas ações, e ao retomar a proposta teórica de Harvey para que os cidadãos assumam controle sobre a sua produção, deve se questionar até que ponto esses cidadãos podem tornar-se conscientes em relação à sua produção. Será possível, no caso das cidades, assim como nos modelos empresariais elucidados por Rifkin (2012), criar sistemas de atuação descentralizados, e ao mesmo tempo eficientes?

4. Cidades em rede

4.1 As cidades e seu ordenamento bottom-up

Na visão de Jane Jacobs (2009) o real ordenamento das cidades não é determinado por sistemas centrais de planejamento urbano, mas sim pelas interações que acontecem quando os indivíduos trocam informações no espaço público. Devido a esta concepção, Johnson (2003) as classifica como "sistemas bottom-up", ou seja, um sistema no qual o ordenamento parte das interações coletivas, e não de um sistema central. Esta análise indica que a compreensão das cidades deve ser próxima à de um sistema vivo, ou seja, capaz de se adaptar as variáveis insurgentes por meio de trocas de informação entre os agentes que a constituem. Isso não significa que as instituições do Poder Público não exerçam influência sobre o ordenamento das cidades, mas, sim, que as instituições públicas são resultado de interações entre os indivíduos, e, portanto, também podem ser alteradas por eles. Neste sentido, a qualificação das cidades fica diretamente relacionada à capacidade de auto-organização da população de acordo com as transformações em curso.

O que se inverte sob esta óptica é que as instituições modernas de gerenciamento das cidades, organizadas em sistemas descentralizados, perdem o seu protagonismo como mantenedoras da ordem, e este papel passa a ser atribuído a interatividade entre os indivíduos em um sistema distribuído. Isso não significa que as instituições públicas devam deixar de existir, mas as coloca como resultante das relações entre indivíduos que

podem alterá-las. A combinação deste fenômeno com a sociedade em rede indica que o fluxo de informações armazenadas e o aumento na interatividade entre os indivíduos já não são compatíveis com as instituições governamentais atuais, o que pode ser um indicativo da causa de tantas crises de representatividade política e do despontar de grupos que assumem a responsabilidade por problemas coletivos, a partir da vontade de "realizar transformações com suas próprias mãos".

Sob esta compreensão de ordenamento do espaço urbano, para que as cidades consigam se transformar de maneira eficiente, é necessário que os indivíduos e atores sociais que as constituem consigam trocar informações de maneira rápida e consistente. Quanto mais abertos são os processos de comunicação, maior é o número de variáveis presentes na troca de informações, aumentando exponencialmente as conexões entre as dinâmicas sociais e as mudanças necessárias para a transformação das cidades. É por esta via argumentativa que Johnson (2003) defende a importância do espaço público, por ser nele que ocorrem as trocas de informações mais completas e complexas, abrangendo o maior número possível de atores. Neste sentido é possível dizer que a crise dos nossos terrenos comunais talvez esteja diretamente relacionada com a crise urbana.

A compreensão que Johnson (2003) tem das calçadas apresentadas por Jacobs (2009) é de que possuem o papel de conectoras dos indivíduos, espaços dos fluxos de informações no qual os indivíduos recebem e

13. O Couchsurfing é uma plataforma digital que permite que viajantes encontrem anfitriões dispostos a recebê-los gratuitamente em suas casas.

transmitem informações presentes em um mesmo sistema, a cidade. Nos espaços públicos ocorrem diversas trocas de informações e diálogos que podem ser divididos de maneira generalista em duas categorias, diretos e indiretos. As trocas diretas são os encontros propositais, conversas e conflitos presenciais que ocorrem a todo instante nas cidades. As trocas de informação indiretas ocorrem pelo próprio comportamento dos transeuntes por meio de olhares, expressões e comportamentos que são emitidos naturalmente ao estarmos em meio as cidades. São nas calçadas que as diferenças precisam ser negociadas, e isso só ocorre por meio de processos de comunicação diretos e indiretos. Por isso, mais uma vez, a importância de espaços públicos que consigam agregar o maior número de disparidades possíveis.

Com a troca de informações que ocorrem nas calçadas os indivíduos se comportam reagindo as informações obtidas, de maneira que as suas ações são, na verdade, reações ao fluxo de informações presentes no meio em que estão inseridos. Neste sentido, a interação nas calçadas demonstram que as ações dos indivíduos são constantemente alteradas devido as informações trocadas, ou seja, um "feedback" à informação recebida. (JOHNSON, 2003)

Este processo faz com que certos comportamentos percebidos por uma parcela considerável da população possam ser entendidos como "respostas coletivas" as informações recebidas, como por exemplo, de maneira

reducionista, quando um grupo de pessoas atravessa a rua ao ver uma abordagem policial violenta em seu caminho. Não é necessário que essas pessoas conversem para analisar a situação, de alguma maneira todos tiveram a mesma atitude e se todas as pessoas que caminham naquela calçada começarem a ter o mesmo comportamento, atravessar a rua passa a ser um "padrão emergente". São padrões por indicarem que um número considerável de pessoas está realizando a mesma atitude, e emergentes por terem se iniciado em um curto espaço de tempo e/ou de maneira inesperada. Assim, de acordo com a classificação utilizada por esta pesquisa, padrões emergentes são, de maneira sintética, comportamentos coletivos gerados devido às interações que acontecem com as trocas de informações.

Neste ponto Johnson (2003) faz uma importante ressalva, de que a maioria dos urbanistas viam a defesa de Jacobs sobre as calçadas como ideais de espaço público e/ou político, mas que a visão da autora está muito mais próxima ao entendimento das cidades como sistemas complexos, e das calçadas como conectoras do fluxo de informação dentro destes sistemas. No entendimento que Johnson (2003) tem da obra de Jacobs (2009), as retribuições que os indivíduos recebem ao conviverem no espaço público não estão relacionadas às questões imediatas de tolerância e convívio com as diferenças. Para o autor, se tratam de processos muito mais indiretos, nos quais os habitantes que se encontram no espaço público trocam muito mais informações e au-

mentam o número de interações entre os componentes do sistema, permitindo o crescimento potencial de novos padrões de comportamento que estabilizam a ordem das cidades, beneficiando a todos os habitantes. Por isso, para Jacobs, as cidades melhoram de acordo com o aumento de interações entre seus indivíduos, pois quanto maior o número de interações, maior será a probabilidade de emergirem novos comportamentos, e maior será a capacidade da cidade de se adaptar as transformações. Se adaptarmos esse discurso para a análise da sociedade em rede, deve-se levar em consideração que quanto mais interagimos mais nos aproximamos, ou nas palavras de Franco (2015), "tudo o que interage se aglutina". Quanto mais interagimos com outros indivíduos mais nos aproximamos deles, diminuindo o grau de separação entre as pessoas. Neste sentido é necessário compreender que o ato de convívio é uma interação local que promove o desenvolvimento de uma "ordem complexa". Nas palavras de Johnson:

As calçadas existem para criar a 'ordem complexa' da cidade, não para tornar os cidadãos melhores. Elas funcionam porque permitem interações locais para criar uma ordem global. (Johnson, 2003, pág. 70)

Mas se as cidades são sistemas complexos ordenados por uma lógica bottom-up, porquê só as reconhecemos desta maneira em tempos mais recentes? Para responder essa pergunta é preciso entender que boa parte do conhecimento que temos a respeito do funcionamento de sistemas complexos vieram com a evolução da computação. Neste momento parece oportuno recorrer à

história, mais especificamente aos experimentos de Oliver Selfridge relatados por Johnson (2003), para relembrar que o conhecimento que temos sobre a evolução dos sistemas complexos se deu com a criação de modelos desenvolvidos para ensinarem os computadores a aprenderem. A proposta do autor consistia na análise da capacidade dos computadores de coletarem dados, e alterarem as conexões entre eles, para reconhecerem padrões de comportamento, indicando assim aqueles razoavelmente distorcidos ou inconstantes. Com o desenvolvimento tecnológico os computadores tornaram-se mecanismos extremamente capacitados para trabalharem com grande volume de dados e capazes de indicar padrões constantes e emergentes.

Os investimentos para a criação de modelos computacionais voltados aos estudos de sistemas complexos tinham como objetivo demonstrar que as transformações não partem de ordens emanadas por unidades centrais, mas, sim, a partir das diferentes interações que ocorrem entre as partes. Esses estudos, conforme avançaram, permitiram a criação de sistemas computacionais ordenados por uma lógica bottom-up, ou seja, sistemas que atuam a partir da interação entre seus componentes, e não por ordens pré-determinadas.

Devido ao avanço nesses sistemas e a popularização de seu uso, um grande número de indivíduos passou a se familiarizar com esta nova estrutura organizacional. Este fenômeno fez com que os sistemas complexos, ordenados por uma lógica bottom-up, deixassem de ser experimentos de laboratórios e se tornassem presentes no cotidiano. A facilidade com que diversos indivíduos passaram a lidar com esta estrutura organizacional fez

14. http://www.simcity.com/en_US/game/info/what-is-simcity

15. Ao colocar descentralizado me refiro a explicação do diagrama de Paul Baran constante no capítulo anterior.

com que a sua replicabilidade se expandisse para diversas áreas do conhecimento. Inclusive, para mostrar a concretude da aplicação dos sistemas bottom-up, Johnson toma como exemplo o funcionamento do jogo Sim City¹⁴, desenvolvido para a indústria de entretenimento. (Johnson, 2003)

Mas o fato que mais interessa a esta pesquisa em relação ao uso intenso dos sistemas bottom-up, diz respeito ao fato destes sistemas estarem transformando a maneira como raciocinamos. A utilização de mecanismos que operam por sistemas bottom-up tem nos feito entender, cada vez melhor, seu funcionamento, o que tem alterado a maneira como estamos acostumados a ver os sistemas organizacionais procurando centralidades.

“Nossas mentes podem estar ligadas para procurar líderes, mas sem dúvida estamos aprendendo a pensar bottom-up.” (Johnson, 2003, pág. 49)

No que diz respeito ao espaço urbano, o que se percebe, é que as relações em rede estão conscientizando os indivíduos de que as transformações dos espaços urbanos se dão, na verdade, como sistemas complexos que são ordenados por uma lógica bottom-up. Para Edgar Morin (2005) a complexidade se embasa no conhecimento multidimensional e não na segmentação dos saberes em áreas isoladas. A complexidade não caminha no sentido de uma simplificação generalista, mas na busca por compreender as relações que se estabelecem entre partes supostamente separadas.

O que se constata com esse fenômeno é que não

apenas sistemas novos estão sendo criados para operarem por essa lógica, mas também estamos deixando de lado nossa tendência em procurar centralidades para compreender como sistemas antigos, como por exemplo as cidades, já estão estruturados pela lógica bottom up.

4.2 A produção das cidades no novo paradigma

As cidades, como resultantes de diversas atividades, estão cada vez mais sujeitas às interferências de atividades auto organizadas que não passam pelos processos tradicionais das instituições governamentais. A formação de grupos auto-gestionados, como referido no capítulo anterior, tem adicionado uma quantidade incalculável de novos atores urbanos. Ao mesmo tempo, assim como grandes organizações, as cidades demonstram a ineficiência de seu modelo de gestão descentralizado¹⁵ e hierárquico, que com a crise de representatividade política vem sendo questionados. Também não são poucas as críticas ao custo de funcionamento dos modelos organizacionais das cidades, que em tempos de crise econômica parecem cada vez mais ineficientes pelos recursos que dispõe.

Assim como nas empresas e organizações, a possibilidade de órgãos centrais terem controle real sobre seus diversos bairros e setores administrativos é cada vez mais rara. Não se trata apenas do aumento da espacialidade física das cidades, mas do aumento dos fluxos e da velocidade das dinâmicas urbanas que crescen-

tam novas variáveis ao contexto urbano.

A grande mudança que ocorre quando se analisam as cidades sob a ótica dos sistemas complexos é que as setorizações tradicionais das cidades, como, por exemplo, habitação, transporte e saúde, não podem mais ser analisadas como partes isoladas. Neste sentido, a qualificação das cidades não permite que seus setores sejam avaliados de maneira isolada, a análise deve partir da relação entre as partes. Trata-se de uma perspectiva de análise muito mais focada na conexão entre os pontos do que nos pontos em si.

As crises globais, tal como a ambiental, demonstram a necessidade emergente de mudarmos não apenas o que produzimos, mas a maneira como produzimos as cidades. Mas como os avanços tecnológicos e as reestruturações sociais geram novos processos urbanos? Como os grupos autogestionados estão fazendo intervenções urbanas? O que mudou na maneira como compreen-

4.3 Comunicação em rede, espaço híbrido e o cibridismo

A inovação nos sistemas de comunicação e o aumento do número de usuários conectados à internet fizeram com que os próprios indivíduos iniciassem uma compreensão das possibilidades fornecidas pela sociedade em rede. Não se tratam apenas de novas possibilidades para empresas ou grupos de fotografia, mas também de grupos dedicados a atuar com a pauta urbana e questões sociais.

Quer seja para derrubar ditaduras ou para colocar no

poder governantes reacionários, os próprios cidadãos vêm compreendendo as possibilidades de atuação em rede. As mudanças nesse sentido se dão em escalas diversas, seja nos bairros ou nos continentes, os indivíduos estão aprendendo e construindo uma nova cultura organizacional para realizar as ações que desejam. Como argumentado por Shirky, nunca foi tão fácil criar e gerenciar grupos que atuam em propósitos comuns.

A consolidação da sociedade em rede não se deve apenas ao fato de termos um número cada vez maior de usuários com acesso à internet, mas aos avanços nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que possibilitaram que diversos dispositivos, como por exemplo telefones celulares e tablets, operassem conectados à internet. Com este fenômeno, as possibilidades de conexão as redes virtuais se expandiram, já não se restringindo mais aos computadores. Com o aumento do número de dispositivos conectados à internet e o barateamento deste tipo de tecnologia, uma parcela cada vez mais significativa da população consegue acessar à rede digital de informações em diversas localidades.

De acordo com Castells, a chamada "brecha digital", está "praticamente superada", o aumento significativo de usuários da internet faz com que a consideração do espaço virtual como um espaço de interação social não seja mais uma perspectiva para o futuro, mas sim um dado do presente. Quanto mais os indivíduos se conectam e interagem por meio do espaço virtual, mais este espaço passa a ser considerado como parte constituinte das relações sociais.

Existe um dado confiável em nível global que é: 50% da população adulta do mundo tem um smartphone atualmente. A projeção para 2020 é de que a porcentagem seja de 80% da população adulta do mundo. Portanto, a difusão de smartphones no Brasil é também, no mínimo, de 50% da população adulta. E o smartphone por definição tem acesso à internet, porque senão não é "smart". (CASTELLS, 2015)

No atual cenário, é preciso entender a Internet como território (LÉVY, 2011), não como canal de comunicação. Conceito que, neste caso, não se trata somente de uma maneira direta de transmissão de informação, mas abrange toda a carga comunicacional que os fenômenos socioculturais transmitem à aqueles que, de alguma maneira, interagem com eles. Assim, as informações transmitidas no espaço virtual estão muito além das relações entre emissor e receptor, o que também é constantemente experienciado com a interação no espaço físico, uma vez que o receptor acessa ininterruptamente informações do meio externo. Deste modo, a possibilidade de percorrer espaços, buscar informações e socializar virtualmente acentuam o comportamento da internet como espaço de interação pública e como um campo organizacional da sociedade (CASTELLS, 2013).

O que se percebe neste cenário é a transmutação - talvez crescente - para a esfera virtual, de parte das ações que historicamente ocorriam nos espaços físicos. De fato, na medida em que vivenciamos a fragmentação do espaço concreto, as relações de vizinhança, as discussões políticas - entre outros - atrelados, por essência e tradição, ao convívio físico, têm ocorrido cada vez

mais virtualmente (LÉVY, 2011).

Como muitas das ações realizadas por meio das redes virtuais impactam ou se relacionam de alguma maneira com o espaço físico, o que se percebe não é a dicotomia entre físico e virtual, mas, sim, uma hibridização dos espaços, conceituando o que é chamado de espaço híbrido. Já o fenômeno de transitar por espaços físicos dotados de dispositivos móveis conectados às redes virtuais é chamado de cibridismo. Segundo André Lemos (2008), o que se constata atualmente não é o abandono do espaço urbano, mas sim o despontar do ato de habitar esse espaço conectado com aparelhos digitais e interligados por redes sem fio.

O cibridismo foi ganhando força à medida que a Internet se expandiu, fazendo com que o computador deixasse de ser o único meio de hibridação entre espaço físico e o virtual, possibilitando que as dinâmicas sociais fossem facilmente assimiladas em um espaço único. De acordo com a pesquisadora Giselle Beiguelman (2004), esse fenômeno implica na perda do limite entre estar "on" e "off" line. A conexão entre o corpo e redes virtuais, por meio de dispositivos móveis, faz com que nossas ações sejam transmitidas ao espaço imaterial a todo momento, gerando informações que ficam disponibilizadas virtualmente. Essa carga de informação transmitida no espaço virtual, fica disponível para acesso e influencia novas ações físicas.

Nesse sentido, o cibridismo está diretamente relacionado com as possibilidades emergentes para se compreender como as interações entre os fenômenos sociais no espaço híbrido podem alterar a conformação das cidades. A importância dessa manifestação se re-

laciona com a possibilidade de digitalizar e armazenar ações no espaço virtual, possibilitando mapear as dinâmicas sociais e cruzar informações em uma escala sem precedentes. Devido a esta capacidade de mapeamento e armazenamento, o cibridismo tem demonstrado que os processos de transformação das cidades, por meio das interações entre os indivíduos, pode se tornar cada vez auto-gestionados.

4.4 O Cibridismo e a expansão do conceito de espaço urbano.

Milton Santos (2012a) descreve que a constituição dos espaços é resultado da paisagem, da configuração territorial e das dinâmicas sociais que ocorrem em determinado local, ou seja, “o espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem”. (SANTOS, 2012a, p. 79) Nesse conceito, ressalta-se, o entendimento do conceito de “dinâmicas sociais” enquanto todas as disputas de poder e conflitos entre público e privado que ocorrem no território das cidades.

Com a consolidação do espaço híbrido, o campo de impacto das dinâmicas sociais ganham outra dimensão. Não se pode mais pensar em “sociedade” sem levar em consideração as relações virtuais, tampouco se pode falar em paisagem sem considerar o espaço virtual. O que se verifica na prática é que as ações dos indivíduos já não se diferenciam mais pelo espaço de atuação – real ou virtual – já que fazem parte de um sistema único.

A esfera virtual do espaço público é considerada como um espaço de maior liberdade à comunicação,

o que a diferencia de alguns meios tradicionais de mídias, como revistas e emissoras de televisão, que podem ser facilmente controlados por terem sistemas centralizados de organização. Isso não quer dizer, entretanto, que o espaço das redes sociais digitais sejam livres e abertos, afinal, tratam-se de propriedades de empresas, como o próprio Facebook, que possuem autonomia total sobre determinado espaço de comunicação.

Neste ponto existe uma questão delicada, pois empresas multinacionais, como argumentado por Harvey, diminuem o poder de ação dos Estados. No caso das empresas de redes sociais isso também é válido, ainda que possam significar uma liberdade de expressão que o próprio governo de seus países não permitiria. Existem diversos casos que elucidam este conflito entre a liberdade dada por uma empresa de redes sociais digitais e os cerceamentos advindo a partir do Poder Público de cada país. Talvez o mais emblemático deles seja a prisão preventiva do vice-presidente do Facebook na América Latina, Diego Jorge Dzodan, após a empresa negar cooperação em uma investigação criminosa que solicitava informações privadas de seus usuários. Independente de ser uma investigação criminosa ou não, as empresas têm garantido aos usuários um nível de privacidade e liberdade que inverte a relação que os indivíduos mantinham com seus governos.

De todas as formas, o espaço virtual do Facebook, por exemplo, pode não ser público, mas ele adiciona novas camadas virtuais aos espaços urbanos. E ainda que este espaço esteja sujeito a permanência e regras de uma empresa, ele pode ser recriado por outros organizadores, afinal, em contraponto à cidade, o espaço

virtual é infinito e não um recurso escasso e dominável como as cidades. Desta maneira, a interação entre indivíduos, tradicionalmente atrelada ao espaço físico, pode ocorrer neste espaço conectado de maneira muito mais desimpedida do que nas cidades contemporâneas (CASTELLS, 2013). Os espaços virtuais são locais de encontros, onde a possibilidade de interagir com grupos de afinidades comuns é muito maior do que nas cidades.

Porém, para que se constituam dinâmicas efetivas de transformação do espaço urbano ou de grande dimensão social, na qual esteja envolvida toda a complexidade que compõem essas esferas, a ocupação da camada física do espaço urbano é fundamental. É necessário que o espaço físico seja ocupado, é com a presença do corpo neste espaço que as dinâmicas sociais se consolidam. Isso ocorre não apenas pela quantidade de envolvidos ou pela organização de determinados movimentos sociais, mas também pela disposição, quando necessária, de enfrentar fisicamente o poder institucional (CASTELLS, 2013). Essa presença humaniza os processos de comunicação e complementa o diálogo virtual, avançando importantes barreiras na construção de propostas que agregam partes diferentes.

É interessante analisar que um dos pontos em comum entre diversos movimentos sociais que eclodiram no período da Primavera Árabe foi a agressão física aos manifestantes. As manifestações na praça Tahir cresceram após os ataques das tropas de Mubarak, na Turquia a repressão violenta aos manifestantes do Parque Gezi atraiu ainda mais pessoas, nas Jornadas de Junho a violenta repressão policial fez as manifestações crescerem

exponencialmente em um curto espaço de tempo e no Occupy Wall Street, quando a polícia esperava o inverno espantar os manifestantes, os moradores do entorno os levavam comidas e roupas quentes. Estes fatos corroboram com as argumentações de Sennett (2012) e Castells (2013) de que a presença do corpo físico no espaço humaniza as relações, aumenta a empatia e supera as diferenças entre manifestantes e apoiadores.

A pauta urbana é grande, transformar as cidades por novos métodos é um desafio que não pode ser realizado apenas no espaço virtual. Mas será que já somos capazes de realizar atuações coordenadas dessa magnitude, indo dos espaços virtuais aos espaços urbanos?

4.5 Movimentos sociais em rede: muito mais que a Primavera Árabe

Talvez o melhor exemplo prático de como o novo paradigma social pode ser usado para causas de cooperação social seja a Primavera Árabe. Esses movimentos sociais comprovam os fundamentos teóricos apontados por Rifkin (2012) e Castells (2009 e 2013) no que diz respeito ao protagonismo da comunicação nas transformações sociais. Porém, para que possamos entender o papel estrutural da Primavera Árabe em escala global, é necessário entendê-la como uma nova forma de movimento social.

Como coloca Castells, o que nos assegura que o modelo de movimento social iniciado por este evento não se tratou de um caso isolado, foi a rápida replicação de outros movimentos sociais iniciados pela internet em diversas localidades. Nesse sentido, a importância da

organização da sociedade civil no espaço virtual pode ser vista desde a Revolução das Panelas, na Islândia¹⁶, até os movimentos Occupy¹⁷, que se espalharam por 951 cidades de 82 países, incluindo o famoso Occupy Wall Street, em Nova Iorque, e o movimento Indignados¹⁸, na Espanha. (Castells, 2013)

Embora a causa da insurgência dos movimentos sociais possa parecer diversa em cada contexto, é importante compreender as semelhanças entre eles, que podem se tornar obscuras com as adaptações locais que sofrem em cada caso. Além de certa conformidade nas causas de cada movimento, é importante ressaltar que a concomitância em seus surgimentos se deu perante a sensação de empoderamento trazida pela comunicação em rede. Afinal, foi por meio do espaço virtual que as minorias desconexas se viram capazes de atuar coletivamente para enfrentar problemas comuns (Castells, 2013). Como coloca Castells, no espaço virtual os descontentamentos se encontraram, os indivíduos perceberam que não eram os únicos a quererem mudar a situação do país e ao se conectarem em grupos perceberam que era possível realizar uma ação coletiva.

Qual seria o fio comum que unia, na mente das pessoas, suas experiências de revolta, a despeito de contextos amplamente diversos em termos culturais, econômicos e institucionais? Em resumo, era a sensação de empoderamento. Ela nasceu do desprezo por seus governos e pela classe política, fossem eles ditatoriais ou, em sua visão, pseudo-democráticos. Foi estimulada pela indignação provocada pela cumplicidade percebida entre as elites financeira e política. Foi desencadeada pela sublevação emocional resultante de algum evento

insuportável. E tornou-se possível pela superação do medo, mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano. (Castells, 2013, pág. 23)

Algumas analogias na maneira de atuação e organização destes movimentos nos permitem entender, inclusive, como a Internet se tornou um meio de reinvenção dos movimentos sociais. Os novos meios de comunicação, agora estruturados em sistemas de redes distributivas e sem hierarquias, são parte importante desse processo de mudança. De acordo com Castells (2013), a auto-organização e a ausência de hierarquias entre os envolvidos nos movimentos sociais atuais se deve a capacidade de interação contínua entre os participantes, que tem se organizado sem a presença de líderes ou de gestões centralizadas.

As características dos processos de comunicação entre os indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais da era da Internet representam uma nova espécie em seu gênero. (Castells, 2013. Pág. 19)

A maneira de organização horizontal dos movimentos sociais aproxima mais uma vez a leitura de Castells das de Rifkin e Bauman. De acordo com os três autores, a organização desierarquizada dos movimentos não provém apenas dos avanços tecnológicos na comunicação, mas também da crise de representatividade polí-

16. A Revolução das Panelas teve início em 2008, embora tenha se intensificado em 2009.

17. Os movimentos Occupy tiveram início nos Estados Unidos no ano de 2011.

18. O movimento Indignados, também conhecido como 15M, teve início no ano de 2011.

tica impulsionada pela descrença em líderes e partidos políticos. Essa falta de credibilidade das lideranças se expande à medida que os movimentos sociais experimentam, com sucesso, novas maneiras descentralizadas de organização. Inclusive, este fenômeno colaborou para o desencadeamento de um processo de cobrança por participação direta nas decisões políticas. Neste ímpeto, ansiosos por mudanças e potencializados a trabalhar com informações horizontais, os movimentos insurgentes começaram a cobrar estruturas governamentais mais interativas.

Novas vias de mudança social, mediante a capacidade autônoma de comunicar-se e organizar-se, têm sido descobertas por uma nova geração de ativistas, para além do alcance dos métodos usuais de controle empresarial e político. (Castells, 2013, pág. 24)

Outro fator comum aos movimentos sociais contemporâneos é o fato do espaço virtual estar sendo utilizado como plataforma de lançamento para apoiar o fortalecimento dos movimentos sociais. Após as articulações virtuais é interessante perceber que a ocupação de espaços urbanos nas cidades tem sido uma praxe. O que não quer dizer que a internet deixe de ser utilizada pelos movimentos após o início das articulações no espaço físico. Na verdade, o que pode ser diagnosticado é que esta ocupação é tão intrínseca a atuação dos movimentos sociais quanto o uso da internet. Atuando de maneira conjunta, tanto no espaço físico como no virtual, os movimentos sociais estabeleceram processos de comunicação horizontais interligados. Usualmente, as

assembleias presenciais aconteceram com transmissão no espaço virtual, e se estruturaram de modo que todos os participantes tivessem participação ativa. (CASTELLS, 2013).

O espaço de atuação dos movimentos é, portanto, um espaço híbrido. Das redes do espaço virtual até as ocupações do espaço urbano, o movimento está sempre organizado pela dinâmica de seus usuários presentes em um espaço conjunto. Ao se organizarem de maneira desierarquizada em um espaço híbrido, os movimentos sociais ficam cada vez menos suscetíveis a possíveis dominações, tanto por parte de instituições privadas, como de partidos políticos ou do próprio Poder Público. Devido a esta organização, Castells (2013) passa a chamar o espaço utilizado pelos movimentos sociais como “espaço da autonomia”.

É importante ressaltar que os movimentos sociais parecem sempre trabalhar em duas escalas. Uma delas, mais próxima a realidade e ao curto prazo está muito relacionada às ocupações do espaço físico e a tentativa imediata de sua transformação, a outra está mais relacionada ao espaço virtual e a projetos de mudança de longo prazo. Os movimentos possuem ações nos locais físicos das cidades, mas estão sempre conectados, pelas redes da Internet, em um projeto de transformação global. Desta maneira, fica claro a existência de uma consciência e cooperação global entre os movimentos em curso.

Neste sentido, é interessante ressaltar que na primeira manifestação que aconteceu na Praça Tahrir (Cairo, Egito) os manifestantes gritavam “A Tunísia é a solução”, em referência as manifestações que deram início à Pri-

mavera Árabe. Da mesma forma, quando surgiram as primeiras articulações do movimento Indignados (Espanha) em maio de 2011, os manifestantes gritavam “A Islândia é a solução”, em alusão à Revolução das Pane-las. Nessa mesma linha, o primeiro acampamento do movimento Occupy Wall Street foi chamado de “Praça Tahrir”, mesmo nome dado ao acampamento criado pelos Indignados na Praça de Catalunya, em Barcelona (Castells, 2013, p. 23).

4.6 Da Primavera Árabe ao urbanismo bottom-up: uma cultura organizacional.

A reinvenção dos movimentos sociais contemporâneos e a compreensão das cidades como sistemas complexos está diretamente relacionada com os processos de urbanização que começaram a emergir após a Primavera Árabe. O que se constata no atual cenário é que por meio da ação de grupos auto-organizados cresce o número de intervenções urbanas realizadas sem a participação direta do Poder Público.

Movimentos sociais diversos têm emergido com o intuito de se apropriar, não como propriedade privada no sentido legal, mas como gestores e construtores de determinados espaços urbanos. Esse interessante fluxo tem reforçado a expansão das novas práticas de produção e alteração do espaço baseadas nos preceitos das relações em rede.

No contexto brasileiro, mais especificamente na cidade de São Paulo, movimentos que começaram no

Largo da Batata (2014)¹⁹, no Largo do Arouche (2014)²⁰ e no Parque Augusta (2015)²¹ têm demonstrado novas maneiras de participação popular direta que atuam na configuração dos espaços urbanos. São movimentos consolidados, reconhecidos pelo Estado e com práticas indiscutivelmente contundentes. A atuação destes movimentos urbanos, assim como nos movimentos sociais, ocorrem no espaço híbrido, as ações são discutidas tanto no espaço físico quanto nas redes virtuais de comunicação.

A maneira de atuação destes movimentos têm demonstrado, por parte dos participantes, um amplo conhecimento de que as questões de empoderamento da sociedade não ocorrem apenas em campos isolados, como na comunicação ou na luta pelo direito à cidade, mas como partes de uma complexa rede. Ações relacionadas ao meio ambiente, educação, cultura, transporte e política, por exemplo, são elaboradas de maneira conjunta e complementar, colocando a própria transformação do espaço físico como consequência de outras atividades dos grupos.

Por meio de modelos democráticos inovadores, o próprio grupo delibera sobre as ações à serem realizadas. As decisões partem da base para o topo, enquanto o planejamento e a execução representam parte de uma organização auto-gerida por todo o grupo. Em muitos casos o Poder Público só toma conhecimento sobre as transformações efetuadas a posteriori. Devido as suas estruturas organizacionais e à maneira como realizam determinadas ações, essas práticas emergentes de transformação espacial são denominadas, de maneira ampla, como “urbanismo bottom-up”.

19. <http://largodabata-ta.com.br>

20. <http://wikipraca.org/sp/>

21. <http://www.parque-augusta.cc/ja/>

Na prática, o que fica cada vez mais claro para os envolvidos nesses processos de urbanismo é que o real ordenamento das cidades não é determinado exclusivamente por sistemas centrais de planejamento urbano, mas também pelas múltiplas interações que acontecem no espaço público, tanto as diretas quanto as indiretas. Conscientes da importância de suas ações, capacitados a criar grupos pelas ferramentas digitais e motivados pelo encontro com indivíduos que anseiam pelas mesmas mudanças, esses grupos motivados pela práticas de urbanismo bottom-up começam a surgir.

É importante ressaltar que práticas de transformação de espaços públicos por organizações bottom-up já existem há muito tempo, não são raros os casos de mutirões e comunidades que se juntaram para transformar um espaço da vizinhança onde habitam. Mas para que essas intervenções tenham um impacto realmente urbano, principalmente no caso de grandes cidades, é necessário que elas estejam conectadas com muitas outras práticas semelhantes, o que as qualifica como novo gênero de ator de transformação urbana. Com a consolidação da sociedade em rede, as possibilidades de se atuar de maneira conjunta entre grupos distantes fisicamente, como ocorreu nos movimentos Occupy, se tornaram populares. Esse fato não se deve apenas a um avanço tecnológico, mas ao impacto social dessas tecnologias e aos aprendizados que os indivíduos tiveram ao participar dos movimentos sociais. Desta maneira, pensar em um grupo que atue em um determinado espaço da cidade implica também em conectá-lo a outros grupos que atuam de forma semelhante.

Como nesses casos as ações costumam ser elabo-

radas por grupos multidisciplinares, o que se percebe é que muitos dos conceitos que começam a ser utilizados na arquitetura e urbanismo aparecem concomitantemente em outras áreas, como por exemplo na economia, na computação e na sociologia. A semelhança entre os conceitos se deve ao fato de suas formulações estarem embasadas em uma conformação social na qual a dissociação entre as áreas do conhecimento se torna cada vez mais difícil. Alguns exemplos destes conceitos que transpassam as áreas de conhecimento são: economia colaborativa, projeto colaborativo, facilitadores, hackear a cidade, urbanismo P2P, cidade de código aberto, procomún, placemaking, do it your self, wikipraça, microplanejamento, urbanismo tático e urbanismo emergente.

No entanto, não se trata unicamente de utilizar ferramentas digitais e dinâmicas trazidas do movimento de software livre, mas de saber interpretá-las em termos arquitetônicos e urbanísticos visando sua implementação nos projetos e intervenções. Neste sentido temos que começar a incorporar em nosso vocabulário e nos processos criativos certos conceitos provenientes de outros âmbitos e disciplinas. (Paisaje Transversal, 2015, tradução nossa)

É possível que grande parte dos conceitos emergentes tenham como base as premissas da economia colaborativa, que se fundamenta na proposta de compartilhamento de bens e serviços entre as pessoas. Para exemplificar esta ideia central pode-se dizer que carros, casas e serviços podem ser compartilhados por usuários diferentes para reduzir as despesas de manutenção entre os usuários. A economia colaborativa está relacio-

nada com o fim da ideia de posse e com o incentivo ao acesso. O fenômeno de compartilhamento é impulsionado, portanto, com a consolidação da estrutura distribuída de comunicação, por meio da qual é possível eliminar intermediários e conectar indivíduos que procuram ou oferecem bens e serviços.

Já os projetos colaborativos são aqueles que acontecem quando diversos atores envolvidos em uma causa comum - que pode ser, por exemplo, a transformação espacial - estabelecem um processo de projeto horizontal, no qual a proposta pode ser alterada simultaneamente por vários envolvidos sem um processo decisório hierárquico. Em grande parte dos casos o projeto é desenvolvido em uma base comum, que pode ser digital, na qual são feitas alterações constantes. A emergência desta nova prática está diretamente relacionada com o fim da autoria de projetos, que passa a ser coletiva em diversas áreas. Na prática de arquitetos e urbanistas o que se percebe é que os produtos finais dos processos de projeto estão se distanciando das competências tradicionais do exercício profissional.

Nesse sentido, na prática do projeto colaborativo o arquiteto se coloca cada vez mais na função de facilitador de processos, neste papel ele deve garantir que as práticas colaborativas produzam mudanças espaciais efetivas e exequíveis. Cabe também ao “arquiteto facilitador” informar, durante todo o processo, os impactos que as transformações espaciais causam em seu entorno, sendo o responsável por conscientizar o grupo do impacto de suas ações.

Ressalta-se, inclusive que o aparecimento de facilitadores de processo não se restringe ao campo da ar-

quitetura e urbanismo, em diversas outras atividades que permeiam a economia colaborativa surge cada vez com mais frequência a necessidade de pessoas que assumam o posicionamento de facilitação para que o grupo alcance seus objetivos.

Para que a economia e os projetos possam se desenvolver de maneira colaborativa, é necessário que os indivíduos estejam conectados, fenômeno que emerge com a consolidação da sociedade em rede. Ao gerarmos constantemente informações disponibilizadas no espaço virtual, alimentamos as possibilidades de hackeamento. Desta forma, hackear a cidade consiste no ato de extrair informações disponíveis sobre o município, por exemplo, tal como a utilização de dados transmitidos pelos motoristas por meio de seus smartphones para monitorar o trânsito e indicar caminhos com menos trânsito. Nesse processo, se constata que com o aumento da quantidade de informações disponibilizadas no espaço virtual, crescem as possibilidades de hackeamento das cidades.

Na sociedade em rede as pessoas tendem a eliminar intermediários, passando a atuar como fontes diretas de informação. Nesse sentido, o termo “urbanismo P2P (peer-to-peer) surge a partir de uma arquitetura de rede de computadores, na qual todas as máquinas, ou nós da rede, são tanto servidores como consumidores das informações, caso por exemplo de programas como o eMule²². Esta estruturação de rede distribuída não está restringida à uma aplicação tecnológica, tendo se expandido à sociedade de modo a impactar na maneira como nos comportamos e compartilhamos nossas informações. O conceito P2P aplicado ao urbanismo

22. <http://www.emule.com/pt-br/emule-perguntas-frequentes/que-e-emule/>

23. <http://datos.madrid.es/portal/site/egob/menuitem.400a817358ce98c34e937436a8a409a0/?vgnextoid=eba412b9ace9f310VgnVCM100000171f5a0aR-CRD&vgnextchannel=eba412b9ace9f310VgnVCM100000171f5a0aR-CRD&vgnextfmt=default>

24. <https://www.wikipedia.org>

contemporâneo consiste em propostas de alteração espacial por meio de relações “pessoa-a-pessoa”, na qual os usuários do espaço também são os responsáveis por suas alterações, o que não permite a vinculação de uma transformação espacial a um usuário central, todos são usuários e todos são construtores.

Tanto o conceito de “hackear a cidade” como o de “urbanismo P2P” partem do pressuposto que os dados das cidades e suas propostas de intervenção sejam abertos, ou seja, qualquer indivíduo deve ter acesso livre e desimpedido as informações e dados municipais. Um exemplo prático e bem sucedido da disponibilidade desses dados é o Portal de Dados Abertos da Prefeitura de Madrid²³. Essa plataforma tem o objetivo de demonstrar o destino dos recursos públicos, incentivando o desenvolvimento de ferramentas criativas que colaborem com os habitantes da cidade.

A disponibilidade dos dados e informações municipais da cidade de Madrid demonstra uma aplicação direta do conceito de “cidade de código aberto”, que deriva dos softwares de código aberto. Quando um software é disponibilizado com o seu código de funcionamento aberto, torna-se possível que qualquer usuário o transforme da maneira que lhe parecer mais adequada. É importante ressaltar que os códigos abertos estão sempre disponíveis para que os usuários possam constantemente aprimorar o software, compartilhando as alterações realizadas com outros usuários. A cidade de código aberto propõe com esse mesmo direcionamento que os processos decisórios ocorram por meio de vias mais claras e participativas.

Com as práticas de aperfeiçoamento colaborativo

derivadas do conceito de cidades de código aberto, surge também o termo “procomún”, que é conceituado como o compartilhamento livre de dados e informações sem patente, aptos a serem utilizados e aperfeiçoados por qualquer um a qualquer instante, e sem a possibilidade de privatização por parte de nenhuma empresa ou indivíduo.

Quando o objeto a ser transformado é o espaço urbano, aplica-se o conceito de placemaking, que está embasado na participação direta da população no projeto, construção e gestão de espaços públicos. Nesses processos, o projeto busca relacionar camadas subjetivas que aproximam afetivamente as pessoas dos espaços que habitam. Muito próximo das práticas do placemaking encontra-se também o conceito “Do it your self” (DIY), que quando relacionado às práticas urbanas aborda as iniciativas em que os próprios usuários decidem e realizam por conta própria uma intervenção espacial. Uma vertente do urbanismo DIY se expandiu para o conceito Do it with others (DIWO), e está mais próxima das práticas de intervenção urbana baseadas nos movimentos colaborativos (Sá, 2014).

Também no que diz respeito às práticas colaborativas, o conceito de Wikipraça tem se tornado um expoente. O termo Wiki, mais conhecido por meio da plataforma Wikipedia²⁴, está embasado na construção coletiva das informações que ficam sempre disponibilizadas de maneira aberta e suscetíveis a alterações por qualquer usuário. Com uma abordagem semelhante, o Wikipraça busca levar para o espaço urbano as práticas de construções colaborativas dos espaços virtuais.

Para que não surjam dúvidas sobre o alcance e a

competência das atividades de urbanismo bottom-up, é importante ressaltar que grande parte dessas práticas de transformação são realizadas na escala do “microplanejamento”. As ações emergem nas pequenas escalas dos bairros e são realizadas pela própria população em espaços como praças e terrenos vazios. O microplanejamento consiste no ato de pensar as transformações espaciais destes pequenos espaços comuns do território. Muitos desses processos acontecem de maneira experimental, a partir da relação que as pessoas estabelecem entre si e com o local a ser transformado, sem que exista uma metodologia de intervenção pré-estabelecida.

Algumas dessas ações, embora locais, pretendem despertar o debate sobre fenômenos emergentes, buscando impactar o território urbano e/ou debates em um nível mais amplo. Nestes casos, quando a intenção da transformação está além da intervenção física no próprio espaço, usa-se o termo “urbanismo tático”. Termo que engloba as transformações urbanas pontuais e consistentes que tenham como intuito não a sua consolidação em si, mas o início de um novo padrão de comportamento ou o debate sobre determinada questão.

Tendo em vista a complexidade dos fenômenos apresentados, essa pesquisa considera como processos de urbanismo bottom-up as atividades que visam transformar, de acordo com os conceitos descritos, um determinado espaço urbano. Mas para isso é preciso ter clareza de que as atividades que visam transformar um espaço não são exclusivamente àquelas que propõe uma ação física imediata, mas também aquelas que colaboram com processos mais longos. Tendo em vista

que um espaço arquitetônico não é transformado exclusivamente por alterações nos elementos físicos que o compõe, mas também pela subversão do uso programado, é que diversas atividades são consideradas partes constituintes destes processos.

Claramente, ação como festas e feiras por exemplo, se vistas isoladas, não constituem necessariamente um processo de urbanismo bottom-up. Porém, se realizadas em conjunto, com periodicidade e tendo um propósito alinhado de impactar o espaço urbano, se tornam peças essenciais nestes processos. A descrição do que esta pesquisa compreende como processos de urbanismo bottom-up não pretende desenvolver conceitos ou padrões de classificação, apenas demonstrar que a análise de um processo como um todo é que permite classificá-lo e não avaliação de atividades específicas.

Independente das classificações, é possível perceber entre as práticas e conceitos citados acima a existência de uma linha comum, uma conexão em rede que faz com que as diversas práticas apontadas estejam relacionadas de diferentes maneiras. Não se trata de um padrão específico ou da definição de conceitos definitivos, mas sim de um “urbanismo emergente” que começa a despontar com relevância. São ações de transformação do espaço urbano que surgem de maneira intrínseca às novas condicionantes sociais, vê-se, portanto, como mencionado anteriormente, de forma cada vez mais clara a consolidação de um novo urbanismo pautado nas características da sociedade em rede.

25. FIX, M. São Paulo Cidade Global: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: Boitempo, 2007.

4.7 Novas práticas, novas possibilidades de cooptação: os riscos do urbanismo bottom-up.

Ao observar os processos de urbanismo bottom-up surgem importantes questionamentos sobre o papel do Poder Público em meio às mencionadas transformações. Por exemplo, como as instituições públicas garantirão que essas ações sejam realmente públicas? Como garantir que as deliberações sobre determinados espaços sejam abertas à ampla participação popular e não dominadas por determinados grupos sociais que habitam a proximidade dos espaços e que tenham interesses particulares ou desejos segregacionistas? A questão que se coloca diz respeito aos perigos de dominação que as cidades passam a sofrer na relação com esses tipos de novos movimentos que pressupõe uma diminuição do poder do Estado. Não se trata de retomar a antiga dicotomia entre público e privado, mas dos cuidados que devem ser tomados na construção dos novos processos de transformação urbana.

Como demonstrou Mariana Fix (2007), a ideia de associações entre habitantes de um determinado espaço com o intuito de “cuidar” melhor do espaço público que os une já ocorreu nos EUA, porém com resultados prejudiciais à esfera pública. A autora analisa em um de seus livros²⁵ os BIDs, um modelo de associação bastante distinto dos processos de urbanismo bottom-up, mas que nos alerta sobre eventuais problemas derivados de associações comunitárias vinculadas a espaços público urbanos.

O Business Improvement Districts (BID) é um modelo de associação de moradores de determinados bairros que

permite aos cidadãos se organizarem voluntariamente para recolherem fundos que visem à manutenção e melhoria dos espaços públicos. Porém, quando um BID se estabelece em um determinado bairro e é reconhecido pelo governo, a taxa de contribuição determinada passa a ser obrigatória, sendo recolhida como qualquer outro imposto. A diferença dos outros impostos é que esta taxa é devolvida ao próprio BID para ser aplicada em seu distrito (Fix, 2007).

Os problemas encontrados neste modelo de gestão dos espaços públicos são muitos, e a obrigatoriedade de uma nova taxa monetária é somente um deles, acelerando o processo de gentrificação e a disparidade de recursos levantados em cada distrito. Vale ressaltar que este modelo de gestão de espaços públicos tem se tornado um instrumento de atração de investimentos do mercado imobiliário, visto que os espaços públicos de determinados bairros não ficam mais sujeitos as complexidades administrativas das metrópoles.

Este instrumento gera a dissociação de determinados espaços da cidade, em parte, devido à entrada do capital privado em medidas desigualitárias. Ademais, esta medida não apenas tematiza certos distritos para sua venda em um cenário internacional, mas também leva a privatização de espaços públicos a patamares que ameaçam a própria presença do Estado. Mariana Fix descreve alguns destes casos:

Um desses distritos chegou a implementar uma “cor-te comunitária” de justiça imediata para crimes locais – prostituição, pequenos furtos, invasões, organização de jogos de carta pega-trouxa na rua – em um teatro desocupado na região, doado pelo seu proprietário(...). (Fix, 2007, p. 114)

A dificuldade em contestar a legitimidade dos BIDs é que,

embora por medidas excludentes, de certo modo eles melhoram a qualidade de vida dos habitantes daquele espaço, seja por meio da segurança privada ou da proposição de um novo desenho urbano. A argumentação dos entusiastas desta prática é assustadoramente semelhante a de alguns movimentos de urbanismo bottom-up: Se afirma que frente a inoperância do Estado no zelo pelo espaço público, os BIDs se tornaram um exemplo de sucesso nas questões de “governança local”.

Nesse sentido, o risco que emerge no contexto atual se deve em grande parte aos resultados da crise financeira, que exibiu a fragilidade do sistema econômico fortalecendo as inseguranças com o Estado e a expansão das rupturas dos laços sociais. Em meio a uma forte crise de ideologias antes capazes de articular grupos sociais, os extremismos têm despontado com mais frequência. Este fator novamente nos alerta para os perigos que podem surgir quando grupos sociais tentam se apropriar de determinados espaços públicos. Por fim, deve ser recordado que a distribuição geográfica da população em muito se relaciona com a distribuição da renda, o que reforça a necessidade de atenção a este tema.

4.8 Uma perspectiva de atuação do Poder Público nas relações com o urbanismo *bottom-up*.

O projeto Dream Hamar (2012, Hamar, Noruega) chama a atenção pelo grupo que iniciou o processo de urbanismo bottom-up, neste caso a iniciativa foi liderada pelo próprio Poder Público. A prefeitura da cidade de Hamar alterou sua metodologia tradicional de gerência dos espaços urbanos para transformar a praça Stortorget Square, por meio da con-

tratação de um escritório espanhol de urbanismo, chamado Ecosistema Urbano.

A principal mudança pretendida pela prefeitura era que se desenvolvesse um processo de interação naquele espaço e não um projeto consolidado. Deste modo, buscava-se a criação de uma dinâmica para que a população se envolvesse nas ações de transformação do local, foco considerado mais importante do que a transformação em si. O objetivo principal era que a população se unisse na gerência da praça de maneira contínua, e que mesmo após a saída do escritório as dinâmicas de transformação continuassem a acontecer.

Para alcançar os objetivos pretendidos, o Ecosistema Urbano se distanciou das práticas tradicionais de arquitetura e urbanismo para atuar de maneira mais próxima à uma equipe de “think tank”²⁶. A proposta foi criar em conjunto com a população um ambiente colaborativo de pesquisa, reflexão e proposição de práticas de transformação espacial. Para que obtivesse sucesso, uma equipe multidisciplinar esteve presente na cidade de Hamar durante 5 meses.

O grande desafio na cidade era criar um processo que mantivesse a constância das dinâmicas depois que o escritório de arquitetura se retirasse, para isso foram apresentadas, trabalhadas e desenvolvidas ferramentas, conexões e formas de atuação que permitissem a consolidação não de um projeto acabado, estático, mas de um processo. Inclusive, para envolver a população com as possibilidades de transformação, optou-se por práticas comuns aos processos de urbanismo bottom-up.

O desenvolvimento do processo com a população contou com uma sede fixa, localizada em um edifício em frente a praça a ser transformada. Neste espaço foram desenvolvidos workshops, palestras, exposições e deliberações, e hoje

26. “Think thank’s” são grupos que se organizam para trabalharem um tema de interesse comum e promoverem a expansão deste conhecimento. Esses grupos também atuam promovendo mudanças sociais a partir do tema que os une.

ainda continua sendo utilizado como sede das discussões e exposições sobre a programação da praça. O Projeto Dream Hamar também construiu espaços virtuais para o envolvimento dos cidadãos, consolidando-se como o projeto de um espaço híbrido, neste caso realizado especificamente por contratação pública.

Devido a maneira inovadora de atuação optou-se por estruturar o processo em sete áreas de trabalho para que os próprios envolvidos compreendessem com clareza as ações em curso. São elas:

1) Desenho preliminar do espaço urbano: Pautada em premissas levantadas ao longo de dinâmicas de diálogo com a população. Nessa fase, a equipe do Ecosistema Urbano desenvolveu diretrizes para a alteração física do espaço. A proposta não consistia em sequências de desenhos a serem seguidos, mas, sim, em linhas conceituais ilustradas que foram divididas em três frentes. São elas: ruas animadas conectadas com o entorno, área arborizada e elementos fixos (instalações, sistema de iluminação, etc...) e espaço aberto com múltiplos usos para promover a interação social.

2) Laboratório físico: o espaço utilizado como base do Escritório Ecosistema Urbano durante o período do projeto foi também utilizado para workshops e exposições referentes ao desenvolvimento do projeto. Hoje o espaço continua em uso pela população envolvida e apto a ser apropriado para abrigar novos temas relacionados ao projeto.

3) Oficinas no local: foram desenvolvidas palestras com convidados residentes e estrangeiros afim de debater os seguintes tópicos: tecnologia, atividades, entorno, pessoas e estratégias sazonais. O material debatido nas oficinas foi registrado, armazenado e disponibilizado como banco de dados do projeto.

4) Ações urbanas: foram desenvolvidas ações no próprio espaço da praça para incentivar os cidadãos a experienciar possíveis usos e soluções para o futuro daquele espaço. As ações foram desenhadas com o intuito de demonstrar para a população como o espaço da praça poderia ser rapidamente alterado com poucos recursos e em um curto período de tempo.

5) Laboratório digital: Foi construída uma plataforma digital por meio de um grande sistema de comunicação integrado com a disponibilização de ferramentas de participação. A construção desta plataforma teve enorme importância por abrir o projeto à participação global. Além das redes sociais, a plataforma transmite os workshops realizados no espaço do Dream Hamar para a participação online, aumentando o alcance da experiência. Também foi desenvolvido um aplicativo para dispositivos móveis, por meio do qual as pessoas interessadas conseguem compartilhar suas opiniões sobre o projeto de maneira georreferenciada. E por meio do laboratório digital foi criada a Hamar Experience, uma transmissão ao vivo, semanal, que acontece todas as segundas-feiras às 18hrs (Horário da Noruega), reportando as atividades planejadas.

6) Rede acadêmica: o processo de brainstorming constante do projeto tem envolvido diversas universidades ao redor do mundo. Estudos de diferentes áreas tem adotado Dream Hamar como um estudo de caso, participando dos processos desenvolvidos e sugerindo ações como experimentos de suas pesquisas. Alguns estudantes que estão contribuindo com o projeto têm visitado o espaço constantemente e participado de ações no local, também como forma de estudo e contribuição.

7) Projeto “Mochila Cultural”: Dream Hamar está conecta-

do ao projeto Mochila Cultural, que possibilita para diversos jovens do ensino fundamental e médio da Europa a oportunidade de participar do projeto para desenvolverem as habilidades participativas requeridas neste tipo de projeto.

4.9 A atuação no espaço virtual como base do novo paradigma urbano.

Como demonstrado até aqui, os grupos que atuam com urbanismo bottom-up possuem grande parte de sua atuação nas redes sociais digitais. É por meio da atuação no espaço híbrido que as ações são organizadas, eventos de transformação espacial são criados e novos indivíduos se aproximam dos grupos, portanto, para se compreender a dinâmica desses processos é necessário analisar a camada virtual de seus espaços de atuação. Também é por meio do espaço virtual que as práticas de urbanismo bottom-up podem ser mais facilmente monitoradas, tanto por parte dos indivíduos quanto do Poder Público. Talvez esteja na análise da camada virtual destes processos algumas repostas que possam equacionar novos métodos, entre os BID's e Deam Hamar, que sejam aplicáveis em grandes cidades.

As atividades de urbanismo bottom-up em um determinado espaço normalmente se iniciam com um grupo específico de pessoas realizando ações, mas é comum que novos grupos sejam formados por causas diferentes. Em algumas situações, um grupo se dedica exclusivamente a cuidar das plantas, outros a promover eventos de música e outros a produzir mobiliário urbano, mas isso não significa que estejam disputando àquele espaço, embora possam vir a existir conflitos.

Para a pesquisa prática apresentada a seguir, o conjunto

desses grupos, ou subgrupos, é considerado como o "grupo que está promovendo um processo de urbanismo bottom-up". Ou seja, quando se fala em analisar o processo de urbanismo bottom-up, refere-se à totalidade dos grupos que desenvolvem suas atividades em um mesmo espaço, e não a um ator específico que realiza intervenções, por exemplo, em uma praça. Uma das etapas da própria pesquisa é descobrir quais são os grupos que atuam na espacialidade objeto de investigação.

Levando em consideração que muitos subgrupos atuam em um determinado espaço físico, mas que não necessariamente se encontram presencialmente nele, fica evidente a importância do espaço virtual de comunicação, tanto para a autogestão dos envolvidos quanto para as análises que pretendem compreendê-los. Neste sentido, analisar as dinâmicas de um processo de urbanismo bottom-up por meio de seus espaços virtuais de comunicação demonstra um potencial de compreensão que talvez não possa ser adquirido no meio físico. Não se deve pensar, entretanto na superioridade de um método de análise em relação ao outro, são simplesmente estratégias diferentes para adquirir materiais diversos para análises que podem ser complementares.

5. PESQUISA PRÁTICA

5. Pesquisa prática

5.1 Introdução

Com o contexto apresentado foi realizada a escolha por analisar os processos de urbanismo bottom-up por meio de espaços virtuais de comunicação. No caso desse trabalho escolheu-se mais especificamente uma rede social digital, o que levou em consideração alguns fatores: i) as práticas bottom-up para alterar um espaço urbano já existiam anteriormente, ii) a difusão das TICs tornaram essas práticas um padrão emergente as posicionando como um novo ator urbano; iii) a análise das redes sociais digitais são de fácil acesso e rastreamento, permitindo encontrar dados e informações em volumes e velocidades muito superiores aos meios físicos; iv) embora existam diferenças quantitativas entre o meio físico e o virtual, como por exemplo no caso dos "confirmados" em um evento, o meio virtual parece ser mais preciso para se estipular o número de pessoas do que fazer perguntas a indivíduos que estavam presentes em eventos que aconteceram há 2 anos atrás ²⁷; v) embora ainda pouco explorados nas pesquisas urbanas, os métodos de mineração de dados e análise de redes sociais se mostraram os mais adequados para a compreensão deste fenômeno contemporâneo.

O estudo desenvolvido não tem a pretensão de chegar a conclusões específicas e definir novos conceitos, trata-se de uma pesquisa inicial que busca investigar um tema recente. Mais do que conclusões precisas, busca-se entender novas possibilidades e oportunidades de atuação. Por isso, ao invés de recortar variáveis

do fenômeno estudado, o trabalho busca analisar os processos de urbanismo bottom-up por meio de suas dinâmicas na esfera virtual com vistas a gerar novas perspectivas de compreensão e desenvolvimento de projetos urbanos contemporâneos.

5.2 Conceitos e termos

Considerando o caráter transdisciplinar do trabalho e a utilização recorrente de termos bastante específicos e não necessariamente usuais no ramo da arquitetura e urbanismo, foram elencados e elucidados os principais conceitos e termos utilizados na redação da pesquisa. Como as expressões utilizadas podem apresentar mais de um significado conforme o contexto de sua utilização, já estão identificados os significados que cada um dos termos trará na conjuntura deste estudo.

Nós: os "nós" de uma rede representam os pontos de convergência, ou seja, elementos de contato de uma rede. No estudo de caso apresentado na sequência deste trabalho, é apresentada a análise da rede de conexões de uma página no Facebook, ela já é um nó da própria rede, assim como as demais páginas com as quais está conectada. Nesse caso, os nós são as páginas de Facebook que se relacionam com a página analisada.

27. Vale ressaltar que a metodologia proposta inicialmente contava com atividades presenciais, mas que após a participação em alguns encontros se mostrou ineficiente e imprópria para alcançar os objetivos almejados. Houve, portanto, a tentativa de participação direta e de hibridização das metodologias, mas as atividades presenciais se mostraram inadequadas.

Arestas: São as conexões estabelecidas entre os nós. No caso da rede estruturada nesta pesquisa cada aresta é representada pelo "like" de uma página em relação a outra.

Clusters: São agrupamentos de nós de acordo com critérios de afinidades.

Crunching: Fenômeno de diminuição das distâncias que conectam os nós em uma rede. Este fenômeno está diretamente relacionado a diminuição do grau de separação entre as pessoas no mundo. Quanto mais interagimos nas redes mais nos aproximamos.

API: "Application Programming Interface" ou em português "Interface de Programação de Aplicativos". São padrões de programação de computação que dão acessos a determinados usos de um software. O melhor exemplo talvez seja o Google Maps, que disponibiliza um api para que criadores de outros sites conectem o Google Maps em suas próprias páginas para que encontrem sua localização ao navegar em seu site. No caso desta pesquisa foi utilizado o API Netvizz, do próprio Facebook, desenvolvido para que pessoas possam trabalhar com alguns dados da rede.

Rede Social: A partir da popularização de redes digitais como Orkut, Facebook, e Instagram, que se auto-deno-

minaram redes sociais, passou a haver uma confusão entre o que é uma rede social e uma rede digital. De fato, redes digitais se tornaram redes sociais pela interação que passou a ocorrer mediante sua utilização. É essencial ressaltar que as redes sociais existem para além do conceito de redes digitais, ou seja, independente da tecnologia. No entanto, por não ser escopo desta pesquisa uma discussão sobre a sociologia das redes em um sentido mais abrangente, todas as vezes em que aparecer o termo "rede social" ele fará referência exclusivamente às redes sociais digitais, tal como Facebook, Twitter, Instagram, etc...

Like ou Curtidas: refere-se a uma ferramenta de interação do próprio Facebook que pode ser utilizada por qualquer página ou pessoa cadastrada na rede para demonstrar interesse por outra/o ou por algum conteúdo publicado.

ID: A sigla ID é utilizada pelo próprio Facebook para a abreviatura de identificação. As informações de ID são códigos numéricos que visam proteger as informações privativas de usuários da rede.

5.3 Do global ao local: a trajetória de aproximação da pesquisa

Tendo em vista o contexto global apresentado e discutido no referencial teórico, e com o objetivo de desenvolver uma análise mais substancial sobre o tema, optou-se por uma pesquisa prática para compreender como atuam no espaço virtual os grupos que se dedicam as práticas de urbanismo bottom-up.

Para isso buscou-se entender, por meio de dados, como e porque as transformações sociais debatidas no referencial bibliográfico aconteceram nesses determinados momentos. Neste sentido, a primeira etapa da pesquisa prática buscou compreender o crescimento do número de pessoas com acesso à internet no Brasil e no mundo assim como a relação entre os dois crescimentos ao longo dos últimos 10 anos. Também foram pesquisados dados sobre o aumento do número de smartphones no mundo, o que possibilitou o deslocamento e ocupação das cidades com dispositivos móveis conectados à internet e o crescimento do número de usuários do Facebook no mundo ao longo dos anos. No que diz respeito à tentativa de verificar relações entre a porcentagem da população conectada à internet e a emergência de práticas bottom-up, foram coletados e analisados dados sobre os países com maior número de usuários de Facebook e com maior número de pessoas com acesso à internet.

Não se trata de uma pesquisa aprofundada sobre a popularização da internet e de seus meios, mas dos fatores relacionadas à internet que contextualizam como os movimentos sociais como a Primavera Árabe desen-

cadearam um novo padrão de comportamento social e ocupação do espaço público.

Neste ponto é importante clarear que o objetivo da pesquisa é a investigação de um fenômeno global, que transpassa a consolidação da sociedade em rede e seus desdobramentos enquanto novas práticas sociais. Essa manifestação global, ao acontecer em diversas cidades do mundo assume características regionais e impacta a transformação de um espaço urbano específico por meio de práticas bottom-up. Por isso, para possibilitar uma compreensão mais ampla do fenômeno analisado, a estrutura da pesquisa será apresentada mediante 3 escalas: a global, a regional e a local.

Assim sendo, a pesquisa aborda (i) A análise da escala global através da relação da Primavera Árabe, dos Movimentos Occupy e das Jornadas de Junho no Brasil, tanto entre si como na projeção de outros movimentos de urbanismo bottom-up. O material de análise desta etapa são os dados coletados sobre a popularização da internet, das redes sociais, dos smartphones e da própria rede do Facebook a partir de um grupo escolhido como estudo de caso. (ii) A escala regional aborda o surgimento dos nós da rede analisada no estudo de caso e o impacto urbano de suas atuações por meio da análises e georreferenciamento dos movimentos. A escala local trabalha com os dados extraídos da página de Facebook do estudo de caso e alguns dados extraídos de páginas complementares no Facebook, tendo como objetivo compreender o funcionamento do grupo no processo de transformação espacial.

Os dados coletados para essa contextualização vieram de diversas fontes, devidamente referenciadas, e

foram organizados manualmente em planilhas que posteriormente foram transformadas em grafos e gráficos a fim de facilitar e elucidar as análises. Todos os gráficos e grafos apresentados foram produzidos pela própria pesquisa, assim como a maioria dos dados, que foram coletados no próprio Facebook. Em alguns casos os dados foram coletados de outros estudos e posteriormente transformados nos gráficos apresentados mais adiante, nestes casos estão devidamente referenciados. A partir desse material, foram feitas as correlações entre os dados analisados e a teoria debatida nos capítulos teóricos, indicando o aprofundamento da pesquisa. Espera-se, dessa maneira, que a pesquisa tenha analisado as 3 escalas de ação ao qual se propõe, do global ao local, comprovando o caráter "glocal" (SIENA, 2009) do fenômeno de urbanismo bottom-up.

5.4 A seleção do estudo de caso

Como estudo de caso, para a realização de uma análise mais profunda na escala local, foi escolhido o Largo da Batata na cidade de São Paulo. A seleção desse espaço dentro de um grupo prévio de 4 pré-selecionados teve como critérios (i) a longevidade das ações, que excluiu da pré-seleção movimentos como a Wikipraça no Largo do Arouche, (ii) a permanência de atuação no espaço público, que eliminou movimentos como o Parque Augusta, (iii) a possibilidade de visitas presenciais ao espaço e contato com integrantes dos movimentos e (iv) conhecimentos prévios adquiridos sobre o contexto urbano, social e político da cidade em que estivesse inserido, o que descartou movimentos como Ocupe Es-

telita e Praias do Capibaribe. A seleção do Largo da Batata como estudo de caso não determinou apenas sua análise em si, mas também seu posicionamento dentro de uma escala regional e global, a partir do território de São Paulo.

O processo de pesquisa também definiu a escolha de uma rede social, neste caso o Facebook, como fonte de dados para a análise da rede. A seleção levou em consideração a (i) escolha de uma rede que permitisse buscar dados em larga escala, (ii) o fato de ser a maior rede social do mundo e com maior alcance no Brasil, (iii) a facilidade na busca de informações e (iv) a possibilidade de utilizar diversos meios de comunicação, como imagens, sons, textos e links. Soma-se a isso, obviamente, o fato de ter sido a rede social mais utilizada para organizar ações no Largo da Batata durante o recorte temporal estudado.

5.5 Materiais e métodos

A partir da seleção do estudo de caso e da base de informações a ser analisada, o próximo passo foi a seleção da página de Facebook central a partir da qual a investigação deveria ser conduzida. A seleção da página a ser analisada levou em consideração a atividade do grupo nos meios digitais, (i) a constância no espaço físico, (ii) a popularidade da página e (iii) a intenção primeira do grupo em transformar o espaço. De acordo com esses critérios a página selecionada foi "A Batata Precisa de Você" (ID: 259834324182947, Link: <https://www.facebook.com/abatataprecisadevoce/>).

A página "A Batata Precisa de Você" é uma página

privada, em que apenas os proprietários ou pessoas autorizadas podem atuar como editores, realizar publicações e criar eventos. Embora tenha essas características, a página está vinculada a um grupo público no próprio Facebook chamado "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!" (ID: 602802213101983, Link: <https://www.facebook.com/search/top/?q=A%20Batata%20Precisa%20De%20Voc%C3%AA>) e criou um calendário virtual aberto (<http://largodabatata.com.br/>) em outra plataforma para que qualquer pessoa com acesso à internet consiga marcar seus eventos no espaço.

Uma vez selecionada a página que daria início a pesquisa da rede do Largo da Batata, a partir de agora chamado de "nó 01" da rede, passou-se a análise da rede em si, para a qual utilizou-se a API Netvizz, do próprio Facebook.

O método de coleta de dados do Netvizz utilizado para essa parte da pesquisa foi o "Page Like Network" referentes à página "A Batata Precisa de você" (nó 01). Este método de coleta de dados cria uma rede de conexões entre os nós, neste caso outras páginas do Facebook, por meio do rastreamento das "curtidas" que ocorrem entre elas, ou seja, entre uma página/nó e outra. Dessa maneira, nesta rede, as páginas do Facebook simbolizam nós, e as curtidas (likes) trocadas entre elas as arestas de conexão (edges), como mencionado anteriormente. Os dados adquiridos foram coletados com profundidade número 2 (depth 2), ou seja, não se referem apenas às páginas que se conectam diretamente com a página analisada, mas também àquelas páginas que se relacionam com outras páginas, que por sua vez se conectam com a página analisada, criando assim ca-

minhos de no máximo 3 nós e 2 arestas.

Todas as relações entre os nós, ou seja, as conexões entre eles, foram coletadas de maneira direcionada, o que nos permite verificar o sentido das arestas. A análise dessa especificidade nos possibilita verificar se a conexão entre determinados nós é recíproca ou se apenas uma das partes se conecta a outra, no caso, sem ter o "like" recíproco. Esse mecanismo também nos permite verificar a existência de possíveis robôs, os famosos "bots", que criam uma página no Facebook e começam a "curtir" sistematicamente diversas outras páginas com o intuito de se posicionarem na centralidade das redes, se tornando "populares", mas que, na prática, não recebem a mesma proporção de "likes" em retorno.

Os dados extraídos por esse método indicam 9 variáveis de cada nó da rede, sendo elas: 1. o "id" do nó no Facebook (identificação numérica de cada página no Facebook), 2. o label (título que cada nó utiliza como página do Facebook), 3. username (nome de usuário com o qual a página é identificada no endereço eletrônico), 4. category (a categoria de atuação em que cada página se aut nomeia, como por exemplo, Organização Não Governamental, Sociedade Civil Organizada, empresa, etc...) 5. post_activity (a quantificação das atividades de postagem de cada página) 6. fan_count (número de fãs de cada página, que corresponde ao número de curtidas que cada página recebeu) 7. talking_about_count (que corresponde ao número de vezes em que uma página é citada em comentários de outras páginas e outras pessoas) 8. user_can_post (identifica quais páginas são abertas para que outras pessoas possam fazer postagens em sua linha do tempo e quais requerem auto-

rizações específicas para isso) e 9. link (endereço virtual de acesso à página). Todos esses dados são extraídos e sistematizados em uma planilha, a partir da qual trabalha-se a relação entre as variáveis coletadas e as arestas existentes entre os nós.

Além da rede do "nó 01" citada, utilizou-se também o próprio Netvizz para coletar dados do grupo público de Facebook "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!", que por ser aberto a publicações de qualquer indivíduo, tornou-se um espaço de maior interatividade entre as pessoas que frequentam, utilizam e transformam o Largo da Batata.

Os métodos utilizados para a extração dos dados do grupo foram diferentes dos métodos "nó 01", o que se deve ao fato da estrutura dessas páginas no próprio Facebook serem diferentes. Utilizou-se o próprio Facebook como fonte de dados e do Netvizz como mecanismo extrator, mas o "Group data" como método de coleta de dados. Os dados extraídos por esse método que foram utilizados nesta pesquisa se dividem em 15 variáveis, sendo elas: type (que se refere a categoria do post publicado, como por exemplo, foto, vídeo, link, etc...), by (identificação numérica do usuário que fez a postagem), post_id (identificação numérica da postagem), post_link (endereço eletrônico para acessar a postagem), post_message (parte textual de uma postagem), picture (endereço eletrônico de acesso de baixa resolução para as imagens postadas), full_picture (endereço eletrônico de acesso de alta resolução para as imagens postadas), link (endereço eletrônico de links compartilhados no grupo), link_domain (proprietário do domínio do link compartilhado no grupo),

post_published (ano, mês, dia e hora da postagem), likes_count_fb (quantidade de likes que uma postagem recebeu), comments_count_fb (quantidade de comentários que uma postagem recebeu), reactions_count_fb (soma da quantidade like mais emojis de reação que uma postagem recebeu), shares_count_fb (quantidade de vezes em que a postagem foi compartilhada), engagement_fb (índice de engajamento medido pela soma das "reactions" com a quantidade de comentários e compartilhamentos da postagem). Todos os dados coletados foram sistematizados em uma tabela unificada, que a partir das métricas traçadas, tiveram seus resultados elucidados por gráficos.

A partir da extração automática de informações desse grupo teve início a coleta de dados manuais, que verificou em todas as postagens do grupo e em todo o calendário desde a sua criação quais eventos ocorreram no Largo da Batata. No total foram catalogados 281 eventos, sobre os quais foi possível registrar a data, o nome, o horário, o organizador, a categoria com que o próprio organizador se classifica no Facebook, a página virtual do evento, a descrição do evento, o número de interessados, o número de pessoas que confirmaram presença e o número de pessoas que foram convidadas. Além desses dados extraídos, todos os eventos foram analisados manualmente e receberam 3 "tags" de identificação de acordo com suas descrições. No total foram utilizadas 67 tags diferentes, como por exemplo esporte, gênero, música, dança, teatro e paisagismo. Vale ressaltar que as tags foram criadas pelo autor da pesquisa a partir da análise da descrição dos próprios eventos em suas páginas no Facebook e, em alguns

casos, de tags criadas pelos próprios movimentos por meio de ferramentas do Facebook.

5.6 Complementação da base de informações

Ao se analisar os dados das atividades realizadas no grupo público, da página “A BATATA PRECISA DE VOCÊ!” e do calendário virtual, percebeu-se que alguns dados, como por exemplo eventos, estavam duplicados em mais de um meio de comunicação. Percebeu-se, também, que alguns grupos que atuavam com certa frequência no espaço físico do Largo da Batata não publicavam suas atividades nas páginas com maior número de acesso e vinculadas diretamente ao espaço do Largo, mas apenas em suas próprias páginas.

Neste sentido, visando complementar informações e evitar duplicidades, todos os eventos marcados nas 3 páginas de acesso acima mencionados foram revisados um a um. Algumas páginas auxiliares foram analisadas e tiveram seus dados extraídos manualmente para complementar as informações sobre os eventos que ocorreram no espaço. Com o mapeamento dos eventos no Largo e a percepção da presença de muitos atores atuando no local, foi necessário determinar o escopo temporal que seria analisado. O período selecionado é compreendido entre o primeiro evento registrado no Facebook encontrado pela pesquisa, abril de 2014, e o final do ano de 2017, data em que se encerraram as atividades de coleta de dados para a análise.

6. Escala global

6. 1 Introdução

É possível que o ano de 2013 seja lembrado como um dos anos mais marcantes da história recente do Brasil em termos de manifestações populares. Diversas pesquisas (HOLSTON, 2016 ; ALC NTARA, MONTEIRO, BARBOSA, 2016) indicam novas formas de organização social, alguns pesquisadores argumentam pelo surgimento de novos gêneros de movimento social (BAPTISTA; ESPINOZA, 2016; CASTELLS, 2013), diversos debates na mídia abordam os temas dessas manifestações que tiveram início em junho de 2013 e que posteriormente ficaram conhecidas como "As Jornadas de Junho". Como amplamente abordado pela bibliografia já produzida (HOLSTON, 2016; CASTELLS, 2013), a maneira como as manifestações se iniciaram e como engajaram o público são indicativos de que as Jornadas de Junho foram a vertente brasileira dos movimentos Occupy ou Indignados, não pelas causas defendidas, embora haja semelhanças, mas pela forma de organização. Neste ponto, talvez seja possível dizer que as Jornadas de Junho foram um exemplo tardio no Brasil ainda vinculado às já referidas manifestações que de dezembro de 2010 a junho de 2011 se espalharam por 951 cidades de 82 países.

No Brasil, assim como em outros países como a Turquia, o estopim das manifestações estava vinculado a pauta urbana. Na Turquia as revoltas se iniciaram devido a destruição do Parque Gezi para a construção de um Shopping Center, no Brasil o Movimento Passe Livre

saiu às ruas para protestar contra o aumento das tarifas de ônibus na cidade de São Paulo. No Brasil, especificamente, vivíamos um momento de inquietação social e denúncias de desalojamentos de população de baixa renda em prol da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Outro fator de semelhança entre esses movimentos é que em ambos os países o grande engajamento da população nas manifestações não se deu pela pauta das manifestações em si, mas pela violenta repressão policial que ocorreu contra os primeiros manifestantes. A repressão policial violenta por si só não é novidade e nunca havia sido capaz de engajar tamanho número de pessoas de maneira tão rápida em diversos países. O fator que diferenciou essas manifestações das demais que já haviam ocorrido foi a transmissão do que estava ocorrendo nas ruas por novas formas de mídia e canais de comunicação diretos entre os participantes e àquelas que os assistiam.

Vale ressaltar que essa pesquisa não tem por objetivo discutir as relações entre comunicação e poder, tema já analisado por Castells em mais de uma obra (2013 e 2009), tampouco cabe ao trabalho se aprofundar na análise das Jornadas de Junho, tema amplamente abordado por outros pesquisadores (HARVEY, 2013 ; MARICATO 2013 e SAFATLE 2013). Neste sentido, o objetivo desta pesquisa ao comentar essas movimentações sociais é salientar que, assim como ocorreu nos movimentos Occupy, a presença de pessoas portando smartphones representou um marco na maneira de

atuar dos movimentos sociais.

Os fatos ocorridos nas jornadas de junho foram os primeiros conflitos brasileiros de grande proporções entre instituições de poder em face de uma sociedade empoderada com smartphones. Neste sentido, talvez pela primeira vez, os indivíduos tenham se sentido capazes de transmitir acontecimentos em tempo real e criar suas próprias narrativas com amplo alcance de divulgação. Claramente, narrativas individuais de conflitos sempre existiram, mas pela primeira vez as narrativas individuais superaram o alcance e o engajamento dos veículos de mídia tradicional. Dessa maneira, narrando a história das manifestações em tempo real, cada vez mais pessoas se aproximavam dos movimentados e ficavam indignadas, não só com a repressão policial desproporcional, mas também com o posicionamento da mídia tradicional.

Levando em consideração esses fatores, pode-se dizer que as Jornadas de Junho representaram um marco na conscientização da população, criando uma primeira percepção de que vivemos em uma sociedade em rede hiperconectada. Não se trata, entretanto, de uma conscientização plena de todos os fatores envolvidos no fato de estarmos amplamente conectados virtualmente, mas de uma consciência de que podemos nos articular em grupos de novas maneiras.

Talvez a melhor equivalência das Jornadas de Junho como fato conscientizador seja a auto imolação de Mohamed Bouazizi na Tunísia, que uma vez trans-

mitido via canais virtuais foi o estopim da Primavera Árabe. Assim como no Brasil, não se pode dizer que os tunisianos tenham tomado ampla consciência do que é uma sociedade em rede, mas uma grande parcela da população alterou sua forma de comportamento, até então submissa ao governo, a partir da percepção de que estavam conectados e empoderados por estarem unidos. (CASTELLS, 2013)

Independente do juízo de valor sobre as consequências a longo prazo tanto da Primavera Árabe quanto das Jornadas de Junho, essa pesquisa ressalta esses fenômenos sociais por suas novas formas de organização e articulação para ações. Não se trata, portanto, de compreender esses fenômenos do ponto de vista de suas conquistas, mas de sua cultura organizacional e da abertura de um novo horizonte de potencialidades. Novamente, vale ressaltar que não se trata de uma visão otimista da consolidação de uma sociedade em rede, mas da constatação de que novas maneiras de organização social emergiram e serão utilizadas para realizações, conflitos e disputas de poder.

Parece ter ocorrido no curso desses movimentos sociais contemporâneos um instante de reflexão (ainda que não cem por cento consciente), um momento em que a sociedade envolvida nesses fenômenos se olha, tateia os primeiros poderes da hiperconexão, e se reconhece como grupo conectado. É a sensação de grupo, gerada pelo encontro com descontentamentos semelhantes no espaço virtual que gera a motivação pela

mudança (CASTELLS, 2013). Esse processo coloca para a sociedade um novo horizonte de possibilidades de transformação.

Em meio ao contexto de crise urbana no Brasil, um dos avanços advindos dessa nova capacidade de organização diz respeito a luta pelo "direito à cidade" (LEFE-BVRE, 2011). Na cidade de São Paulo, especificamente, a combinação da crise urbana com as Jornadas de Junho gerou um estopim, um boom de movimentos em prol da cidade que reivindicaram diferentes causas do espaço urbano. Em menos de 6 meses após as Jornadas de Junho começaram a emergir nas redes sociais movimentos que atuam com temas diversos, desde questões ambientais amplas, em escala nacional que impactam nas terras do município, como movimentos indígenas que atuam no Pico do Jaraguá, até causas de mobilidade urbana, grupos de moradores de favelas, auto-gestão de praças e parques, etc. Este capítulo busca apontar algumas relações que foram responsáveis pela emergência desse novo padrão de comportamento.

6.2 O crescimento do número de pessoas com acesso à internet

O primeiro ponto de investigação da pesquisa prática foi verificar possíveis relações entre o aumento do número de pessoas com acesso à internet no mundo e as manifestações que se espalharam por 951 cidades de maneira praticamente concomitante entre o final de 2010 e o início de 2011. Com este objetivo alguns dados foram consultados, sistematizados em planilhas e

a partir deles desenvolvidos gráficos que permitiram a análise do crescimento do acesso à internet a partir de 2006.

Se considerarmos um período de análise a partir de 2006, data a partir da qual os dados são mais precisos e confiáveis, pode-se verificar que entre o final de 2010 e o início de 2011 atinge-se a marca de 2 bilhões de pessoas no mundo conectadas à internet. Essa marca é significativa, em termos práticos, por representar que no ano de 2011 aproximadamente 1/3da população mundial passou a estar conectada à internet (ver gráfico 01).

Analizando o crescimento do número de indivíduos conectados em relação aos anos anteriores, percebe-se que de 2006 à 2016 os 4 maiores percentuais de crescimentos ocorreram justamente antes da eclosão das manifestações mencionadas. Em 2007 o crescimento chega a 19,18% em relação ao ano anterior, em 2008 o crescimento é de 13,17%, em 2009 o aumento é de 11,76% e em 2010 de 15,15%. Após atingir os 4 maiores picos de crescimento dos 10 anos compreendidos entre 2006 e 2016, eclodiram as manifestações sociais com as proporções globais e com uso do espaço virtual e conectividade já mencionadas (ver gráfico 02).

Esses dados podem indicar que nos momentos de reconhecimento da sociedade em rede, quando existe um rápido aumento da conectividade entre as pessoas, os sentimentos de indignação se encontram, se conectam, e favorecem a ressonância dos pedidos por melhorias sociais conforme defendido por Castells (CASTELLS, 2013)

No Brasil, o crescimento da porcentagem da população com acesso à internet não acompanha o mesmo

crescimento do número de pessoas com acesso à internet no mundo ao longo dos anos.

Fonte de dados: <https://www.statista.com/statistics/273018/number-of-internet-users-worldwide/>

ritmo de crescimento do resto do mundo. Como é possível observar no (gráfico 02) as linhas de crescimento se cruzam com uma frequência máxima de 2 anos. O Brasil tem seu pico máximo em 2006, com um crescimento recorde de 35,62%. Neste sentido, o crescimento rápido do número de pessoas com acesso à internet no Brasil não significou a presença de movimentos sociais, o que pode ter sido amortizado pela razoável tranquilidade política e econômica que o país vivia (apesar de ter sido um ano de eleições presidenciais). Já em 2014, momento em que eclodem a maioria dos movimentos de urbanismo bottom-up, analisados mais adiante, verifica-se um crescimento de 13,86%.

Analisando os gráficos 03a e 03b, que abordam o contexto da população brasileira, é possível verificar que de 2005 a 2016 o crescimento do número de pessoas com acesso à internet é muito superior ao crescimento da população. O crescimento da população se mantém muito próximo a média de 1% ao ano, ao passo que o crescimento do número de pessoas com acesso à internet chega a atingir um pico de 35,62% (ano). Existem ainda outros picos de crescimento da população com acesso à internet, como em 2009 em que o acesso à internet cresce 17,08% e o crescimento da população brasileira é de 0,99%. Dessa maneira, ainda que o crescimento de acesso à internet seja instável ao longo do período analisado, é sempre muito superior ao crescimento da população. Hoje estima-se que a internet já seja acessada por 69% da população brasileira (Consumer Barometer With Google) em menos de 25 anos de disponibilidade do serviço. (ver gráficos 03a e 03b)

Os dados analisados nestes gráficos mostram que,

embora a maior parte da população brasileira já esteja conectada e os picos no aumento de conexão tenham sido registrados há mais de 10 anos atrás, o ritmo de crescimento ainda se mantém acelerado (a cima de 5%) e projeta que a concretização de uma taxa de conectividade superior a 90% da população (índice de países como Finlândia) não esteja tão distante. Esse dado pode ser um indicativo de que o acesso à internet não esteja necessariamente vinculado à renda e localização geográfica, apontando novas possibilidades de conexão entre grupos sociais e talvez um dos indicadores da heterogeneidade nos movimentos sociais contemporâneos como registrado por Castells (2013)

6.3 Smartphones e o acesso à internet móvel

Um dos fatores que colabora com a expansão do acesso à internet é a popularização dos smartphones devido ao preço mais acessível que os computadores e seu caráter de mobilidade (possibilidade de deslocamento). Neste quesito pesam dois fatores importantes, o fato das pessoas poderem se deslocar pelas cidades estando conectadas à internet, tema amplamente debatido por Beiguelman (2004) e Lemos (2008) e a possibilidade das pessoas que não possuem conexão à internet em suas casas e/ou planos de dados contratados de suas operadoras, se deslocarem com seus dispositivos para pontos de acesso com internet aberta e gratuita, como por exemplo praças, bibliotecas e centros culturais.

crescimento da POPULAÇÃO Brasileira e DO número DE Pessoas com acesso à INTERNET (MILHÕES). Fonte de dados: <https://www.consumerbarometer.com/en/trending/?countryCode=BR&category=TRN-NOFILTER-ALL>

Percentual de crescimento da POPULAÇÃO Brasileira e DO número DE Pessoas com acesso à INTERNET.

Levando em consideração a importância desses dispositivos para os processos de urbanismo bottom-up decidiu-se também coletar dados sobre seu uso e investigar a relação entre o aumento de sua popularidade, as manifestações analisadas e os processos de urbanismo bottom-up. Como se pode observar no gráfico 04 a venda de Smartphones no mundo teve seu maior crescimento em 2010, 72,09% de aumento em relação ao ano anterior. Neste mesmo período o número de smartphones vendidos alcançou a marca de 296 milhões (ver gráfico 05). O aumento no número de vendas de smartphones no mundo teve seus maiores crescimentos consecutivos nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013, ano em que ocorrem as Jornadas de Junho no Brasil e foram seguidos em 2014 pela Revolução dos Guarda Chuvas em Hong Kong.

Se na análise das manifestações de 2011 já ficava evidente a importância dos smartphones, que nessa época alcançava a marca de 472 milhões de dispositivos vendidos por ano, nas Jornadas de Junho esses dispositivos se tornam instrumentos imprescindíveis. A presença dos smartphones influenciaram a comunicação entre os participantes, a transmissão em tempo real dos acontecimentos, a criação de canais de mídia independentes e a organização dos próprios grupos de manifestantes. Embora o número indicado seja relativo ao total de smartphones vendidos no mundo todo, não se pode ignorar que em 2013, quando ocorrem as Jornadas de Junho, a venda ultrapassa no Brasil 969 milhões de aparelhos.

O uso dos smartphones nas manifestações os colocam como ferramentas básicas para os processos de ur-

banismo bottom-up que serão analisados mais adiante.

6.4 A popularização das redes sociais

Outro fator de forte influência sobre os grupos de urbanismo bottom-up que emergiram após as manifestações foi a popularização das redes sociais, que nos movimentos sociais foram tão importantes quanto os smartphones. Essas plataformas de comunicação possibilitaram outras estruturas para o diálogo e coordenação de ações em grandes grupos, como amplamente explorado por Shirky (2010) e Castells (2013).

No caso do Brasil a rede social com maior popularidade é o Facebook, sendo esse um dos motivos que a coloca como fonte de informações desta pesquisa. Para compreender de maneira mais detalhada a relação do Facebook com as manifestações e consequentemente com os movimentos de urbanismo bottom-up, optou-se por coletar alguns dados sobre a popularidade da plataforma.

Novamente, agora na análise do uso do Facebook, percebe-se que os anos de maior crescimento do número de usuários dessa plataforma no mundo foram em 2009 e 2010, crescendo respectivamente 260% e 68,89%, como pode ser visto no gráfico 06. Nesses anos o número de pessoas conectadas alcançaram, respectivamente 360 milhões e 608 milhões de indivíduos (ver gráfico 07). Não à toa, de acordo com Castells (2013), uma das maiores características organizacionais dos movimentos de urbanismo bottom-up, fato aprendido nas manifestações sociais, é a capacidade de compartilhamento de informações e engajamento de público

NÚMERO DE SMARTPHONES VENDIDOS POR ANO NO MUNDO. (MILHÕES)

GRÁFICO 04

nas ações por meio de redes sociais.

Nos gráficos 08a, 08b e 08c podem ser visualizadas comparações entre os 10 países com o maior número de pessoas conectadas ao Facebook. De maneira geral pode-se dizer que a posição dos países nos 3 gráficos se replica, mas vale ressaltar que nos gráficos 33b e 33c existe uma aproximação dos outros países em relação à Índia, o que pode ser compreendido na análise do gráfico 09.

No gráfico 09 a classificação dos países é feita de acordo com a porcentagem da população de cada país que tem acesso à internet, ficando evidente como as características sociais de países menos desenvolvidos impactam nessa relação. Países como o Reino Unido (país caracterizado como desenvolvido) alcançam taxas de aproximadamente 95% da população com acesso à internet, enquanto a Índia (país caracterizado pela situação de pobreza) possui apenas 34% da população conectada. Este fato pode ser um indicativo de que a tendência de organizações de movimento sociais como os de 2011 ou processos de urbanismo bottom-up ocupando o espaço híbrido não esteja vinculada à quantidade de pessoas de um país conectada à internet e ao Facebook (ver gráfico 10), mas sim a porcentagem da população do país que esteja conectada.

Como demonstra o gráfico 09, se a ordenação dos países passa a ser realizada de acordo com a porcentagem da população conectada à internet, percebe-se nas primeiras colocações a presença de países que tiveram manifestações sociais e/ou possuem processos de urbanismo bottom-up realizados através do espaço híbrido, como por exemplo EUA, Reino Unido, Turquia

e Brasil.

6.5 Introdução ao urbanismo bottom-up

Após os movimentos sociais descritos acima, ocorreu o surgimento de diversos grupos que se dedicam a atuar no espaço híbrido com pautas urbanas. A maneira de atuação desses grupos são fruto de um aprendizado cultural dos movimentos sociais organizados no espaço híbrido, como os Indignados e os movimentos Occupy.

De maneira generalista pode-se dizer que a história e prática desses grupos são razoavelmente semelhantes, principalmente no que diz respeito a criação de suas redes no espaço virtual. Normalmente um grupo de indivíduos encontra uma causa comum com a qual gostariam de atuar, criam um grupo no espaço híbrido para programarem e divulgarem suas ações, e com isso mais pessoas passam a conhecer a atividade do grupo e se aproximam deles, aumentando o grupo aglutinado em torno do tema, ou seja, a quantidade de fãs da página. No entanto, o crescimento do número de pessoas que “curtiram” a página de determinado movimento social não indica um aumento proporcional do número de pessoas físicas participando de suas ações, mas ao passo que o grupo fica mais conhecido a tendência é que mais pessoas se aproximem. Isso ocorre de maneira mais ou menos rápida de acordo com inúmeras variáveis, como por exemplo o número de pessoas conectadas, a causa do grupo, o momento social, político e econômico. Por exemplo, como foi constatado na Primavera Árabe (CASTELLS, 2013), o alinhamento de diversos descontentamentos e o impacto global da cri-

crescimento do número de usuários de facebook no mundo.

Fonte de dados: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>

—●— Crescimento ao ano

GRÁFICO 06

—●— nº de usuário

GRÁFICO 07

OS GRÁFICOS 33a, 33B e 33C APRESENTAM DADOS DOS 10 PAÍSES COM maior número de usuários no FACEBOOK.

Porcentagem da População dos Países que estava conectada à internet em outubro de 2017

Porcentagem da População dos Países que estava conectada ao Facebook em outubro de 2017

se econômica foram os fatores responsáveis pela rápida propagação.

Nesse sentido, o crescimento dos grupos em contato com mais pessoas e divulgando suas atividades, impacta no seu reconhecimento, passando a ser referenciado e conhecido por indivíduos e grupos que atuam de maneiras semelhantes, seja pelo método de atuação ou pela causa. É interessante observar que muitas pessoas participam de mais do que um desses movimentos, o que demonstra uma vontade de participar desses processos interativos não apenas por uma causa, mas pelo método de atuação. Esses grupos, como demonstram os grafos, não se conectam pelo Facebook apenas entre si, mas também com órgãos municipais, veículos de mídias tradicionais, páginas de ONGs, comunidades específicas, etc.

De maneira resumida, pode-se dizer que este é o processo responsável por criar a rede de atores que vemos conectada nas imagens dos grafos. No total, a rede do "nó 01" possui 1.152 nós das mais diversas categorias e áreas de atuação. Para que fosse possível compreender uma rede dessas proporções, optou-se pela utilização de grafos, que pudessem ser alternados por diferentes variáveis. Uma vez montada visualmente a rede, optou-se por uma separação dos nós em clusters, que elucidam a conexão entre essas páginas e como elas se dividem, dentro da própria rede, em sub-grupos. Para realizar a coleta de dados dos nós e das conexões entre eles utilizou-se os métodos descritos no tópico "Materiais e Métodos".

27. Force Atlas 2 é um algoritmo de código aberto em constante aperfeiçoamento que funciona junto ao software Gephi para organizar layouts de visualização na análise de redes

28. Em artigo publicado no próprio blog dos desenvolvedores do Gephi existe a recomendação de uso do gephi para a análise de clusters em redes pequenas e médias, com até 10.000 nós, como a analisada por esta pesquisa

6.6 Grafos

Em todos os grafos que serão apresentados na sequência, o agrupamento dos nós tem como objetivo elucidar os "clusters" que se formam na rede do "nó 01". A "clusterização" da rede é formada, no software Gephi, a partir da ferramenta "Modularity Class", que por meio do cruzamento de dados consegue separá-los em clusters formados de acordo com a conectividade entre os nós. Os dados levados em consideração para a realização da Modularity Class são as conexões de "likes" que as páginas trocam entre si, de maneira direta ou indireta, devido ao grau de profundidade 2 utilizado na coleta de dados.

Já a distribuição espacial dos nós e clusters se deve a escolha do layout "Force Atlas 2"²⁷. A escolha desse layout (vale ressaltar que, por se tratar de softwares de código aberto, esses algoritmos estão em constantes transformações de aprimoramento) faz com que a posição dos nós na rede seja determinada por sua relação com os demais, o que permite uma análise visual da relação do nó com a rede, por isso é amplamente recomendada para análise de clusters²⁸. Por outro lado, por se tratar de um posicionamento relacional entre os nós e não de um posicionamento em relação a eixos fixos, como em um plano cartesiano, a posição dos pontos não permitem qualquer análise isolada.

Além da distribuição espacial, os grafos apresentados se dividem em 2 variáveis, a primeira delas são as cores, que por serem vinculadas à formação dos clusters, optou-se por deixá-las sempre iguais em todos os grafos. Essa opção visa elucidar sempre a transforma-

ção da segunda variável, que trata do tamanho dos nós em relação aos demais e obedece a 6 critérios diferentes, como será demonstrado em cada um dos grafos.

No aspecto visual, para tornar os grafos inteligíveis e possibilitar as leituras necessárias, optou-se pela atribuição de um filtro baseado no "Degree Range Settings" que só torna visível os nós que possuem um determinado número de conexões. Em todos os grafos, por possuírem o mesmo número de nós, 1.153, optou-se pelo valor de no mínimo 10 conexões para que os nós se tornassem visíveis. Apenas como curiosidade, o nó mais conectado possui 639 arestas de conexão. Vale ressaltar, entretanto, que para a finalidade de cálculos, números absolutos consultados e gráficos gerados a partir desses dados, todos os nós foram considerados (mesmo aqueles com conexões inferiores a 10), trata-se apenas de uma alteração visual dos grafos.

6.7 Análise dos clusters

A separação da rede em clusters no mostra a presença de 9 grupos divididos em cores, como aparece na tabela a seguir. Para cada cluster, além de sua cor, foi determinado um número de identificação. (ver tabela 1, grafos 1, 2, 3, 4, 5 e 6)

Como pode-se observar, a formação de clusters nesta rede é equilibrada, 5 deles agregam entre 0 a 10% do total de membros, 2 deles de 10% a 20% e 2 deles de 20% a 25%. Para evitar distorções de cores em diferentes dispositivos e materiais impressos, na forma textual todos os clusters serão identificados por seus números, sendo as cores utilizadas apenas para a análises visuais

dos grafos. Para uma melhor compreensão de quem são os nós presentes em cada cluster e seus subgrupos internos, seguimos com uma análise específica para cada um.

Tabela 01

COR		Nº de Nós de cada cor	% de cada cor em relação ao todo
01	Lilás	261	22,64%
02	Verde	239	20,73%
03	Verde água	178	15,44%
04	Amarelo	145	12,58%
05	Vermelho	115	9,97%
06	Rosa	90	7,81%
07	Azul	69	5,98%
08	Terracota	35	3,04%
09	Cinza	21	1,82%

6.7.1 Cluster 01 (Lilás), 261 nós, 22,64% dos nós da rede.

É um cluster distanciado da centralidade da rede e possui pouca aproximação de seus nós com os demais clusters da rede, o que pode se justificar pela elevada presença de nós vinculados a um município específico, Curitiba, incluindo páginas de entidades públicas da cidade, como a da própria Prefeitura da cidade. Esse cluster é fortemente influenciado pelo nó “Salvemos o Bosque da Casa Gomm”, que por possuir um elevado

número de conexões, como demonstra seu tamanho em relação aos demais, ancora diversos subgrupos. Dentre eles podemos observar a proximidade de clusters relacionados ao ciclismo/cicloativismo, a presença de nós vinculados diretamente a questões de ativismo ambiental, Fundações culturais e de divulgação da cidade de Curitiba e 2 sub-grupos relacionados a livros e bibliotecas.

6.7.2 Cluster 02 (Verde), 239 nós, 20,73% dos nós da rede.

Embora possua nós muito relevantes, como o "Rios e Ruas" e "The Guardian" (ver os grafos apresentados) o cluster 02 se encontra disperso pela rede. A presença de um renomado órgão de imprensa (The Guardian), páginas de outros países, e temas relacionados a causas ambientais talvez sejam um fator que aumente a permeabilidade dos nós em outros clusters da rede. Como tema principal, e talvez por isso com permeabilidade, o cluster 02 agrega nós que trabalham a questão das águas e árvores no espaço urbano. Talvez seja possível afirmar que, assim como verificado por meio da popularidade das páginas analisadas (ver tópico Escala Regional), os temas relacionados a causas ambientais tenham maior aceitação e conectividade com os outros, o que pode aumentar a dispersão do cluster em meio a outros, assim como a conectividade de seus nós com nós de outros clusters.

Ainda que pareça, visualmente, que o cluster 02 não possua tantos nós para ocupar a posição de segundo

maior cluster da rede, os dados coletados mostram que grande parte de seus nós possuíam menos de 10 conexões, e por isso foram isolados visualmente por meio da aplicação do filtro "Degree Range Settings", conforme mencionado. Por outro lado, as páginas relacionadas ao meio ambiente que demonstraram boa popularidade entre fãs (ver tópico Escala Regional) talvez não tenham boa conectividade com outros nós da rede. Este fato pode ser um indicativo de que, para engajar outros grupos já consolidados e não apenas indivíduos, as páginas destes clusters poderiam realizar conexões diretas com outras páginas.

6.7.3 Cluster 03 (Verde água), 178 nós, 15,44% dos nós da rede.

O cluster 03 apresenta, visualmente, a maior presença de nós na rede e uma posição que lhe permite fazer zonas de fronteira direta com praticamente todos os outros clusters. Esse indicativo nos mostra que os nós desses clusters apresentam uma boa conectividade distribuída, com muitos nós possuindo mais do que 10 conexões.

Quanto aos temas trabalhados por esses nós, a abrangência é diversa, como a questão da água no espaço urbano, árvores, festivais de ecologia, ONGs, imprensa, novos processos democráticos e secretarias municipais. Trata-se, portanto, de um grupo diverso porém muito conectado com a totalidade da rede.

GRAFO 01

6.7.4 Cluster 04 (Amarelo), 145 nós, 12,58% dos nós da rede.

O cluster 04, por sua vez, parte de uma das periferias do grafo e cria uma ampla superfície de fronteira entre seus nós e os demais clusters da rede, mostrando excelente conectividade com nós dos clusters 03, 06 e 07. Os nós deste clusters se organizam em subgrupos temáticos dentro do próprio cluster, como por exemplo o nó "Parque dos Búfalos Jd. Apurá", que se conecta com nós de temas relacionados a parques e ocupação urbana; o nó "Parque Augusta", que se conecta a diversos atores que os apoiaram na luta pela implementação do Parque, como "Advogados Ativistas", movimentos de ocupação do espaço urbano e páginas com propósitos similares atuando em outras localidades; o nó "Minha Sampa", talvez o mais conector deste cluster por possuir conexões diretas com outros 6 clusters. Estes são apenas alguns casos que exemplificam a boa conectividade do cluster 04.

6.7.5 Cluster 05 (Vermelho), 115 nós, 9,97% dos nós da rede.

O cluster 05 é o mais isolado de todos em relação à centralidade de rede, e embora possua apenas 9,97% dos nós totais, indica a forte conexão internacional da rede. Os nós deste cluster se juntam, provavelmente, pela atuação internacional e atuação em outros territórios que os fazem "mais conhecidos" entre si do que

com o restante da rede. Neste caso os temas são amplos, mas de maneira geral pode-se dizer que estão relacionados com a pauta urbana, desenho urbano e processos colaborativos.

6.7.6 Cluster 06 (Rosa), 90 nós, 7,81% dos nós da rede.

O cluster 06 é marcado pela semelhança na atividade prática de seus nós, que em sua grande maioria são representados pelos diversos SESC's (Serviço Social do Comércio). Somam-se aos SESC's, neste cluster, outras páginas de atividades semelhantes, como centro culturais, artísticos e educacionais. O nó de maior destaque neste cluster é o "Catraca Livre", que atua com a divulgação de eventos abertos e gratuitos, o que o aproxima em alguns aspectos da atuação dos demais nós.

6.7.7 Cluster 07 (Azul), 69 nós, 5,98% dos nós da rede.

O cluster 07 apresenta um nó destacado (Ping Point), mas que, embora tenha boa conectividade, se destaca espacialmente do restante do grupo. Como principal tema entre os nós deste cluster se destacam institutos e coletivos que atuam com pautas de melhoria social, como o "Guerreiros sem Armas", "Instituto Elos" e "Células de Transformação".

6.7.8 Cluster 08 (Terracota), 35 nós, 3,04% dos nós da rede.

O cluster 08 é pequeno e pouco representativo, embora seja nele que esteja presente o "nó 01". Além da página "A Batata Precisa de Você", a página "Praias do Capibaribe", com ação muito semelhante e por vezes conjuntas, também se encontra neste cluster. É importante ressaltar que a presença da página "A Batata Precisa de Você" neste cluster pode indicar que o "nó 01" não possua boa conectividade com a sua rede e consequentemente não tenha grande poder de influência dentro de seu ecossistema de atores. Como consequência, a página pode ter um baixo engajamento com suas ações se comparado aos demais nós. Este fato não é necessariamente prejudicial, visto que alguns atores/nós não buscam a expansão do número de integrantes, mas sim a consolidação de um núcleo de integrantes ativos.

6.7.9 Cluster 09 (Cinza), 21 nós, 1,82% dos nós da rede

As conexões deste cluster são muito simples e pouco difusas. Tampouco possuem nós com grande representatividade que possibilitem análises mais aprofundadas.

6.8 Análise geral dos clusters.

A análise dos clusters desta rede nos fornece amplo material para a pesquisa e reflexões posteriores, sendo impraticável abordá-las todas nesta pesquisa. Sendo assim, o foco da análise se restringe aos apontamentos relacionados de

maneira mais direta com os processos de urbanismo bottom-up, tema central deste trabalho.

Primeiramente, do ponto de vista teórico e sendo uma das hipóteses desta pesquisa, pode-se verificar a presença de um forte cluster internacional, que abriga aproximadamente 10% da totalidade de nós da rede, o que reforça a revisão bibliográfica que coloca a atuação destes grupos como "fenômenos locais". Alguns nós do cluster 05 são reconhecidos atores internacionais, como os espanhóis do "Basurama Asociación", o laboratório itinerante "BMW Guggenheim Lab" que viaja pelo mundo incentivando práticas urbanas inovadoras com participação comunitária e o "Project for Public Spaces" que atua, principalmente nos Estados Unidos, incentivando práticas comunitárias de transformação do espaço público. Dentre os 1.153 nós desta rede, 475 deles atuam de maneira relacionada aos movimentos de urbanismo bottom-up, o que pode ser um indicativo de que as práticas ocorridas no Largo da Batata estão conectadas com atores internacionais, trocando experiências, se comportando de maneira semelhante, e muitas vezes atuando de maneira conjunta com práticas de outros locais.

Vale ressaltar, entretanto, que embora a rede do "nó 01" seja representativa para a sua atuação, sente-se a ausência de movimentos de urbanismo bottom-up reconhecidos mundialmente, como o "El Campo de Cebada" em Madri e o Dream Hamar na Noruega. O fato desses nós significativos não estarem presentes na rede não significa que as pessoas responsáveis pela página "A Batata Precisa de Você" e os demais nós da rede não estejam em contato ou tenham conhecimento deles, trata-se apenas da sua significativa ausência na rede. Por outro lado, a conexão com os movimentos mais significativos do Brasil se confirma pela presença de

28. Ao longo deste capítulo, todas as vezes em que a pesquisa qualifica determinadas pautas, como por exemplo mais amenas ou mais polêmicas, é preciso ter em vista que essa qualificação está vinculada ao recorte específico do estudo de caso, e não a uma regra geral dos processos de urbanismo bottom-up.

nós como o "Praias do Capibaribe", "Parque Augusta", "Movimento#OcupeEstelita", "Parque Minhocão" e "Ocupa Golfe".

Fazendo uma comparação entre a presença de nós nacionais e internacionais na rede, percebe-se uma diferença relevante. No contexto internacional, os nós parecem estar mais voltados aos insumos do urbanismo bottom-up do que a movimentos que o praticam em si, como o "nó 01" no Largo da Batata. Porém, de maneira geral, pode-se dizer que a análise da rede fortalece a teoria de que a prática desses grupos, na verdade, se coloca como um urbanismo em rede, ou seja, pedaços fragmentados, mas conectados, não atuam de maneira conjunta por jurisdições, fronteiras, ou proximidade física, mas por processos, métodos e propósitos de atuação, assim como ocorreu na Primavera Árabe e movimentos Occupy.

A análise dos clusters também nos permite compreender quais atores/nós são mais influentes em determinados grupos, o que pode ser de extrema utilidade para o planejamento de ações em espaços urbanos. Como exemplificação, se um dos nós da rede deseja realizar uma ação e precisar de apoio, ou se um grupo de nós da rede deseja realizar uma grande movimentação em rede, aos moldes do que aconteceu de maneira espontânea nas Jornadas de Junho, a distribuição dos clusters indica quais grupos podem ser impactados por quais nós de acordo com as conexões que possuem entre eles. Neste ponto, porém, a utilização da rede ainda pode ser melhor explorada, o que é debatido nos tópicos seguintes com a inserção de novas variáveis para abordar as características específicas de cada nó.

6.9 Analisando as diferenças entre os nós.

Uma vez feita a análise dos grafos a partir da segmentação dos nós em clusters, a pesquisa caminhou para a alteração do tamanho dos nós de acordo com outras 6 variáveis, sendo elas:

6.9.1 Closeness Centrality (ver grafo 01)

Esta variável calcula a soma de todas as menores distâncias que um nó precisaria percorrer para se conectar com todos os outros nós da rede. Portanto, o valor de closeness centrality atribuído a um nó é baseado na soma dessas distâncias que o conectam pelos caminhos mais curtos a todos os demais. Quanto maior o nó, significa que as suas somas acumulam um valor baixo, por isso ele tem uma boa atribuição de pontos no quesito closeness centrality, ou seja, ele está muito próximo de se conectar com todos os outros, possui boa conectividade e ocupa certa centralidade na rede.

A análise do grafo por closeness centrality nos mostra, como era de se esperar, que algumas páginas/nós reconhecidas por suas atuações, principalmente as internacionais, como por exemplo "The Guardian", possuem uma boa centralidade de conexão. Neste grafo a diferença de tamanho de alguns nós em relação a outros é bastante significativa, o que indica que alguns nós se destacam bastante na capacidade de se conectar à totalidade dos outros de maneira rápida e por ca-

minhos curtos. Provavelmente isso se deve a presença de páginas muito famosas, de prestígio internacional, além do jornal "The Guardian", o caderno do jornal The Guardian chamado "Guardian Cities" que é específico sobre cidades, a página "Architecture for Humanity", "Smart Cities Dive", "Kickstarter e Chicago Architecture Foundation" que, por coincidência, são internacionais e se encontram no mesmo cluster.

É interessante ressaltar que o reconhecimento da maioria destes nós não foi construído através da internet, já havia um grande prestígio desses atores antes da construção de suas páginas no Facebook. A criação de suas páginas, em consequência disso, conseguiram manter um bom nível de reconhecimento e se tornaram referências às quais muitas outras páginas se conectam.

Embora estejam em um cluster um pouco distante do centro do grafo, esses nós conseguem boa conectividade com o restante da rede, e um dos fatores que corrobora a facilidade de conexão de um nó é a presença de sua conexão direta com nós que estejam em outros clusters ou na maioria deles. Neste sentido, quanto mais ampla é a abordagem de temas com que um nó trabalha, maior é a possibilidade dele estar conectado com nós de outros cluster de uma mesma rede.

Também é possível verificar, talvez com menor destaque por estarem segmentadas em diferentes clusters, a presença de páginas nacionais, como "Os Gêmeos", "Salvemos o Bosque da Casa Comm", "Repórter Eco" e "Tudo Sobre Plantas". Sobre as 3 últimas referidas, é provável que o potencial de conectividade venha exatamente da pauta ampla e do trabalho com pautas mais

pacíficas²⁸ e amplamente aceitas como no caso do nó "Ping Point".

Outro ponto que deve ser levado em consideração sobre a boa conectividade dos nós é que, uma boa conectividade indica, ao menos em teoria, uma boa capacidade de articular grandes conexões nessa rede. Porém, se analisarmos que nessa rede os nós que possuem maior destaque são órgãos tradicionais de imprensa ou plataformas pouco acessíveis, fica difícil imaginar o desenvolvimento de uma ação a partir desses nós.

Ao analisar as páginas presentes na rede devemos levar em consideração que não se pode comparar a acessibilidade a movimentos como "A Batata Precisa de Você" e o "Praias do Capibaribe", com páginas como o "The Guardian" para que façam uma postagem, divulguem uma ação ou incentivem um movimento que precise da ação da rede. Talvez, uma possível estratégia de movimentação em rede, nesse caso, seja buscar os nós de porte médio, como Rios e Ruas, a própria a "Batata Precisa de Você", "Salvemos o Bosque da Casa Comm" e o "PingPoint".

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

- 1º - Smart Cities Dive - 1.0
- 2º - Repórter Eco - 1.0
- 3º - Guardian Cities - 1.0
- 4º - The Guardian - 1.0
- 5º - Os Gemeos - 1.0

6.9.2 Degree (ver grafo 02)

O índice de degree calcula o número de conexões que cada nó tem, ou seja, quantos "likes" ele deu e quantos recebeu, ou melhor dizendo, quantas páginas ele "segue" e quantos estão "seguindo ela". Na apresentação do grafo, quanto maior o tamanho do nó em relação aos demais, mais conexões ele possui.

Como dito no tópico "Materiais e Métodos", por se tratar de uma coleta de dados direcionada, é possível saber o sentido das arestas, ou seja, das conexões entre os nós, e ver se por acaso, um nó "curti" muitos outros mas não recebe "curtidas" recíprocas. Esta variável nos permite compreender a popularidade de um nó na rede, ou seja, quanta atenção ele atrai dos demais. Mas não se deve confundir a variável "degree" que mede a popularidade da página/nó com os demais nós da rede, com a variável "fan count" que mede o número de fãs, ou seja, a popularidade da página na sua interação com indivíduos (e não com organizações). De maneira geral esse grafo é pouco representativo devido a equidade entre os nós e clusters, destacando-se apenas as páginas "Rios e Ruas", "Salvemos o Bosque da Casa Gomm" e "PingPoint", que por já estarem em destaque em 2 grafos merecem ser olhadas com atenção.

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

1º - Rios e Ruas - 639

2º - Salvemos o Bosque da Casa Gomm - 517

3º - PingPoint - 183

4º - Existe água em SP - 177

5º - Parque Augusta - 127

6.9.3 Betweenness Centrality (ver grafo 03)

Esta variável indica o número de vezes em que um nó atua como "ponte" para que dois outros nós se conectem de maneira mais rápida, ou seja, como um caminho para a variável closeness centrality. Uma boa betweenness centrality indica que o nó é um elemento importante na agregação da rede, ou seja, merece destaque por fortalecer a conexão entre os elementos da rede. Na visualização do grafo, quanto maior o nó em relação aos demais, maior será o número de vezes em que ele atuou como conector.

Na análise deste grafo, 2 nós se destacam veementemente dos demais, os já mencionados "Rios e Ruas" e "Salvemos o Bosque da Casa Gomm", sendo seguidos com boa distância por "Parque Augusta", "Minha Sampa" e "A Batata Precisa de Você". Esse grafo nos mostra o quão importante são determinados nós para que a estrutura da rede seja mantida, o que é de fundamental importância para que se compreenda quem são os principais elos conectores entre os elementos da rede.

Para os processos de urbanismo bottom-up esta variável é bastante significativa por indicar quais páginas tem maior potencial de propagar informações e influenciar ações nesta rede. Imaginemos, por exemplo, que o "nó 01" deseje realizar uma ação e queira propagar a divulgação em sua rede, ou que queira o apoio de outras páginas do Facebook presentes na rede mas com quem não possui contato direto. Por meio das informações deste grafo de betweenness centrality é possível saber quais nós devem receber a mensagem para

que a rede seja impactada de maneira mais eficiente e com mais capilaridade.

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

1° - 319316.412154

2° - 233936.511717

3° - 76494.306231

4° - 53064.027957

5° - 50912.257607

6.9.4 Fan Count (ver grafo 04)

Esta variável indica o número de fãs/seguidores que cada nó/página do Facebook possui. Em termos de conectividade com a rede esta variável não possui grande relevância, porém é um forte indicativo de sua popularidade com os indivíduos/páginas de pessoas físicas. Quanto maior o nó em relação aos demais, maior é a sua popularidade social nessa comparação.

Esse grafo talvez seja o que possua a maior discrepância visual em relação aos demais. Uma página famosa no consenso popular, mas até então sem destaque nos outros grafos, "National Geographic TV", assume tamanha preponderância que os demais nós aparentam uma falsa homogeneidade em relação ao número de fãs. O número de fãs da página National Geographic (62.655.887) é praticamente 6 vezes maior que o do segundo colocado, página do famosos TEDs, que apresenta relevantes 10.740.489 fãs.

Na sequência dessas páginas aparecem mais 5 páginas de divulgação de informações e notícias, "Catra-

ca Livre", "The Guardian", "Veja" e "O Globo". Levando em consideração o atual uso das redes sociais, que em muitos casos é adotada como fonte de informação, não é de surpreender o peso dos canais tradicionais de mídia na categoria de contagem de fãs.

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

1° - National Geographic TV - 62.655.887

2° - TED - 10.740.489

3° - Catraca Livre - 8.798.761

4° - The Guardian - 7.833.917

5° - O Globo - 5.566.534

6.9.5 Post Activity (ver grafo 05)

Esta variável estabelece uma métrica para calcular o volume de postagem das páginas. Assim como no grafo anterior, essa variável não se conecta diretamente com a rede, mas indica a atividade dos membros no espaço virtual ao longo do tempo. Quanto maior for o nó no grafo, mais ativa é a página no Facebook.

Nesta variável, assim como na Fan Count, as mídias tradicionais ocupam as primeiras categorias, o que se deve, provavelmente, ao compromisso profissional com a divulgação de notícias. Assim como no grafo anterior, a página "Catraca Livre", que destoa dos demais ocupantes das primeiras posições, volta a aparecer com destaque e merece ser olhada com atenção nesta rede. É interessante observar, entretanto, que a página de Facebook desses atores se mantém ativas, e que, se observarmos o número de fãs e quantidade de conexões que possuem com as outras páginas da rede, é possível

saber quais são bons canais para divulgação de conteúdo na rede analisada.

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

- 1° - The Guardian - 3.36
- 2° - Catraca Livre - 3.11
- 3° - O Globo - 2.78
- 4° - Gazeta do Povo - 2.32
- 5° - Revista Galileu - 1.2

6.9.6 Talking About Count (ver grafo 06)

Esta variável está conectada tanto com a popularidade da página na rede quanto socialmente, seu indicativo mostra o número de vezes em que cada página/nó foi marcado por meio de hyperlink em uma postagem de outras páginas ou pessoas. Desta forma, quanto maior for o tamanho de um nó em relação aos demais, maior é a quantidade de vezes em que ele foi marcado. Aplicando esta variável ao tamanho dos nós pode-se perceber, assim como nas categorias anteriores, que a preponderância da variável é referente as páginas de Facebook que divulgam informações e notícias. Fica claro, neste grafo, o destaque absoluto no nó "Catraca Livre", que possui quase 13 vezes mais citações nessa rede do que o segundo colocado, "Avantgardens". Mais uma vez, vale ressaltar que, a página "Catraca Livre" merece ser olhada com atenção nesta rede.

A maior contribuição dos grandes nós nesse grafo é a oportunidade de identificar quais deles pos-

suem maior permeabilidade de conteúdo, afinal, como argumenta Shirky (2012) "o compartilhamento ancora a comunidade".

Os 5 nós mais importantes nesta variável:

- 1° - Catraca Livre - 1.396.012
- 2° - Avantgardens - 517.280
- 3° - TED - 502.475
- 4° - O Globo - 349.005
- 5° - The Guardian - 323.183

7. Escala Regional

7. 1 Introdução

Como explicado no tópico "Materiais e Métodos", uma vez feita a análise do contexto global, que abordou também a formação da rede e as características de seus nós, a pesquisa se aprofundou na compreensão dos nós que atuam diretamente com a pauta urbana. Para alcançar esse objetivo foi realizada uma filtragem manual dos 1.152 nós da rede, dos quais selecionou-se 475 nós que atuam com a pauta urbana em todo o seu universo de possibilidades. Após analisadas as características dos nós que atuam com a pauta urbana foi realizada uma segunda filtragem, dedicada a mapear, dentre os 475 nós, aqueles cujas suas atuações impactem na região metropolitana da cidade de São Paulo. No total, com a segunda filtragem, chegou-se a um total de 210 nós. Este subcapítulo trata, portanto, da análise dos nós desta rede que atuam diretamente com a pauta urbana e com um aprofundamento de análise dos nós que cuja atuação impactam diretamente a cidade de São Paulo.

7.2 O surgimento dos nós que atuam com a pauta urbana.

Apenas para a finalidade de análise e sem o objetivo de classificações deterministas, os 475 nós pré-selecionados foram divididos em 14 categorias de atuação relacionadas a pauta urbana. Como pode ser visto no gráfico 11, dentre as categorias criadas, a maior abran-

gência foi "Transformação Espacial" na qual se encontram 41,9% do total das páginas e englobam todas as páginas dedicadas a transformação espacial de um local determinado, como praças e parques. A segunda categoria mais abrangente "Águas" engloba todos as páginas que lidam com o tema das águas, englobando a recuperação de rios, nascentes e mananciais. A terceira categoria, "Mobilidade Urbana" (10,5%), engloba todos os grupos dedicados a trabalhar com melhorias no transporte público, transporte cicloviário, e demais categorias de mobilidade urbana.

Esta análise nos mostra quais as principais causas que motivaram pessoas a criar os seus próprios grupos e buscar uma ação prática. É importante ressaltar que a criação de grupos e as movimentações para ações práticas são sempre menores que a quantidade de fãs e/ou seguidores de determinadas páginas no espaço virtual. Deve-se ter atenção, portanto, ao fato de que a maior quantidade de páginas em uma determinada categoria não representa que esta categoria tenha maior popularidade, ou seja, maior aceitação da população não envolvida na criação dos nós. A popularidade de cada categoria está sujeita a diversos fenômenos sociais, políticos e econômicos que não estão no escopo desta pesquisa, embora sejam feitas algumas considerações. O gráfico 12 indica, por exemplo, que a conservação ambiental talvez seja um fato pouco passível de críticas no consenso geral por ter boa popularidade entre fãs. Já as ciclovias, que costumeiramente geram polêmicas em suas implantações, podem ser um dos fatores da baixa popularidade de fãs da categoria "mobilidade Urbana".

A própria transformação espacial em si causada pela

implementação de ciclo faixas, por estar em muitos casos vinculada a debates partidários, carregam certa carga ideológica e até mesmo de impopularidade. A elucidação deste fenômeno fica clara na comparação dos gráficos 11 e 12, que demonstra que as páginas atuantes com conservação ambiental, que representam apenas 6,9% do total de páginas, aglomeram 30,2% do total de fãs, enquanto a categoria "Mobilidade Urbana" que representa 10,5% do total das páginas tem apenas

4,7% do total de fãs. Analisando historicamente o surgimento desses grupos, como apresentado no gráfico 13, independente das categorias, o período de maior aparição dos nós que influenciam a transformação urbana ocorreu entre 2013 e 2014, período em que as Jornadas de Junho exerciam forte influência nas organizações sociais e no despertar de imaginários urbanos comuns entre os indivíduos. Pela multiplicidade de temas presentes nas Jornadas de Junho não é de surpreender a formação de grupos atuantes com as mais diversas pautas que se conectam às temáticas urbanas.

GRÁFICO 11

PORCENTAGEM DO TOTAL DE NÓS DE CADA CATEGORIA.

- Transformação espacial 41,9%
- Águas 13,9%
- Mobilidade Urbana 10,5%
- Direito à cidade 7,4%
- Conservação ambiental 6,9%
- Memória / Patrimônio Urbano 4,4%
- Órgão representativo 4,2%
- Informação 3,6%
- Arte Urbana 1,9%
- outros 5,3%

Também no gráfico 13 pode-se observar de maneira cronológica, e divididos de acordo com suas categorias por cores, o volume de entrada dos nós no Facebook. Embora todas as categorias tenham o grande movimento de entrada no Facebook compreendido entre 2011 e 2014, é interessante observar as movimentações específicas de cada categoria. No caso da categoria que trabalha a questão das águas, por exemplo, é visível um pico de entrada no ano de 2014, quando ocorreu a crise hídrica de São Paulo. Já na categoria de mobilidade urbana é possível verificar dois grandes aumentos em 2011 e 2012, anos em que respectivamente ocorreu o atropelamento dos ciclistas em Porto

Alegre²⁹ e que Fernando Haddad assumiu a prefeitura de São Paulo e se comprometeu com um plano de mobilidade urbana voltado ao ciclismo.

Com o intuito de fazer a aproximação com o recorte regional da pesquisa, o gráfico 14 aborda uma segunda filtragem, na qual aparecem exclusivamente os 210 nós que atuam na região metropolitana de São Paulo. Destaque-se, nesta filtragem, que guardadas as devidas proporções, o volume de entrada dos movimentos no Facebook acompanham as datas do contexto político e

GRÁFICO 12

PROPORÇÃO QUE CADA CATEGORIA TEM DO TOTAL DE FÃS.

- Conservação ambiental 30,2%
- Transformação espacial 22,3%
- Informação 17,2%
- Órgão representativo 13,3%
- Direito à cidade 5,5%
- Mobilidade Urbana 4,7%
- Águas 2,3%
- Memória / Patrimônio Urbano 1%
- Acesso a justiça 0,9%
- outros 2,6%

GRÁFICO 13

Entrada cronológica no FACEBOOK, DIVIDIDA EM CATEGORIAS, DOS 475 NÓS SELECIONADOS QUE ATUAM COM A PAUTA URBANA

29. No dia 25 de fevereiro de 2011 um motorista atropelou com seu carro por volta de 20 ciclista que participavam de uma passeata a favor do ciclismo na capital gaúcha. O caso ficou nacionalmente famoso e foi amplamente divulgado na mídia.

30. No dia 25 de fevereiro de 2011 um motorista atropelou com seu carro por volta de 20 ciclista que participavam de uma passeata a favor do ciclismo na capital gaúcha. O caso ficou nacionalmente famoso e foi amplamente divulgado na mídia.

socioeconômico mais amplo, tendo 2013 e 2014 como anos com maiores registros de crescimento. Dos nós atuantes na grande São Paulo, 45,2% estão dedicados à transformação espacial, porcentagem muito próxima a dos nós de mesma categoria no contexto geral (41,9%), já a pauta das águas que abrangiam 13,9% dos movimentos, passa a ser 16,7%, a terceira categoria mais popular, que no contexto geral era ocupada pela mobilidade urbana com 10,5%, é ocupada no contexto de São Paulo pela pauta do Direito à Cidade com 7,1%.

Dos 210 nós cujo as ações impactam diretamente na cidade de São Paulo, 76 deles atuam em espaços específicos, o que possibilitou o georeferenciamento (ver mapa 01) de suas atividades que foram divididas em 3 categorias, "Bairros" com 13 nós, "Praças, Parques, e Ocupações de Espaços Públicos Específicos" com 47 nós e "Rios, Nascentes, Mananciais e Bacias Hidrográficas" com 16 nós. Como alguns dos nós atuam com grandes espaços, como por exemplo "Rio Tietê - Rio da Vida" e "Muda Mooca", a posição do georeferenciamento foi marcada em um ponto aleatório do mapa, dentro do território de ação do grupo, que permitisse uma boa visualização da totalidade das demais marcações. Cada uma das três categorias possui um identificador específico. Também é possível, ao consultar cada um dos marcadores, obter informações sobre os nós marcados no mapa³⁰.

Os outros 134 nós atuantes em São Paulo possuem atividades como divulgação de informações, mobilidade urbana, atuação em múltiplas praças, roteiros itinerantes e demais atividades que, embora estejam vinculados a região metropolitana de São Paulo, não podem

ser atrelados a um espaço específico.

As atividades distribuídas por espaços específicos da cidade de São Paulo estão distribuídas por todas as zonas da cidade: norte, sul, leste, oeste e centro. A grande concentração acontece, entretanto, na região compreendida como centro expandido da cidade de São Paulo, sendo poucas as áreas das periferias e cidades da região metropolitana que possuem nós ativos em seus territórios.

7.3 Análise geral do recorte regional.

Ao analisar as categorias mais populares e as datas de criação das páginas no Facebook é interessante observar o quão presentes estavam essas pautas nas Jornadas de Junho, o que mais uma vez indica que a formação desses grupos foram germinadas durante as manifestações. Neste quesito, mais uma vez, a teoria de Castells (2013) se faz presente, demonstrando como a manifestação conectada é capaz de gerar o encontro entre descontentamentos e promover ações a partir dele.

No ano de criação do "nó 01", 2014, atinge-se o pico da criação de movimentos semelhantes na rede analisada, chegando a 43 movimentos no mesmo ano (ver gráfico 13). Neste ponto, pelo fato da rede mapeada ser construída a partir do próprio nó 01, não se pode afirmar que o "nó 01" tenha sido criado no momento de maior surgimento de movimentos semelhantes. É possível, embora não seja o esperado, que na prática o "nó 01" tenha se vinculado exclusivamente aos outros nós que estivessem emergindo junto com ele e não tenha dado continuidade a busca de novas conexões com nós

GRÁFICO 14

NESTE GRÁFICO CONSTAM OS 210 NÓS VINCULADOS À TRANSFORMAÇÃO URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO, DENTRE OS 475 DO GRÁFICO 38. A DISTRIBUIÇÃO CRONOLÓGICA É DE ACORDO COM AS SUAS DATAS DE ENTRADA NO FACEBOOK.

MAPA 01

já existentes ou nós que emergiram nos anos seguintes. Vale ressaltar, neste ponto, que a grande maioria dos nós mapeados por esta pesquisa atuam em território brasileiro, o que pode garantir que, devido ao momento social e político dos anos de 2013 e 2014 esse tenha sido, de fato, o período de maior emergência de grupos vinculados a pauta urbana.

Na análise dos picos de entrada dos nós de cada categoria no Facebook percebe-se a formação de swarmings ao longo do tempo (ver gráfico 13), o que pode ser gerado pelo encontro de diferentes descontentamentos nas redes de conexão. Na análise de redes um swarming representa uma aglutinação repentina sobre um determinado tema, ou seja, um “enxameamento” provocado por algo comum que conduz a um comportamento aglutinado de diversos indivíduos. O fenômeno de swarming pressupõe também uma inteligência coletiva adquirida pelo grupo. Não se trata de uma soma de saberes, mas de um aprendizado que o próprio coletivo consegue exercer sem coordenação centralizada.

Os fenômenos de swarming estão diretamente relacionados aos temas em pauta e são identificados neste gráfico pela segmentação em categorias. Isso pode ser verificado pela maior ou menor popularidade de certos temas. Não se deve, entretanto, confundir um swarming com um “comportamento de massa”, ou comportamento da maioria, trata-se da aglutinação de indivíduos que dão visibilidade para determinado assunto/questão, o que pode ocorrer muitas vezes com pautas minoritárias e pouco percebidas.

Neste ponto cabe uma interessante reflexão sobre o

ponto de conexão dos swarmings com a popularidade das categorias. Como pode-se perceber nos gráficos 11 e 12 o maior volume de páginas em uma determinada categoria não significa que esse tema seja mais popular, o que pode ser verificado através da análise da posição da categoria “Conservação ambiental” nesses gráficos. Fazendo a mesma análise dos gráficos 11 e 12 com os gráficos 15 e 16, pode-se perceber que categorias como “Mobilidade Urbana” e “Águas” que somam 22,9% do total das páginas não conseguem garantir boa popularidade em número de fãs e agregam apenas 7,8% do total de seguidores. Vale ressaltar, neste caso específico da cidade de São Paulo, que tanto o debate da crise hídrica quanto as discussões sobre mobilidade urbana assumiram características mais voltadas a disputas políticas do que debates engajadores em torno dos problemas em si. Neste sentido, as polêmicas a respeito de determinados temas acabam por gerar maior discordância e menor poder de aglutinação de diferenças.

Esse dado corrobora com a argumentação de que as pautas polêmicas, embora despertem a emergência de movimentos ativos, não possuem boa capacidade para o aglutinamento de indivíduos. Fica evidente, desta maneira, o quão importante é a temática do movimento que se cria, e com quais grupos se vincula, para alcançar uma boa participação, popular. Pautas como conservação ambiental são capazes de compor grupos diversos, que provavelmente teriam conflitos em outros temas, como gênero, moradia popular e mobilidade urbana. Talvez tenha sido esse um dos grandes trunfos e/ou problemas das Jornadas de Junho, uma pauta ampla, como “indignação com a situação do país”,

foi capaz de atrair grandes massas, e ao passo que as requisições começaram a se especificar o movimento começou a se desfazer.

No que diz respeito a análise da distribuição dos nós atuantes na cidade de São Paulo, percebe-se uma boa distribuição espacial se levado em conta o fato de que engloba atividades autônomas desenvolvidas pelos próprios cidadãos. Por outro lado, merece atenção o fato de que essas atividades, que não dependem de relações com o Poder Público, continuarem reproduzindo sua lógica de atuação, que concentra suas atividades nas regiões centrais e/ou com infraestrutura adequada e poucas atividades nas periferias. Vale ressaltar, entretanto, que esse fato não significa que não existam grupos atuantes nas periferias de São Paulo, mas que o mapeamento realizado não os identificou.

Ainda que não possamos analisar um impacto urbano de grandes proporções realizados por esses movimentos devido a seus poucos anos de atividade, é inegável que suas conquistas por novos métodos de atuação sejam significativas. Não é o objetivo desta pesquisa mapear todas as conquistas de todos os grupos atuantes em São Paulo, mas não se pode falar delas sem exemplificá-las. As escalas de conquistas destes movimentos são diversas, como por exemplo uma faixa de pedestres conquistadas no Largo da Batata, a autORIZAÇÃO municipal para o plantio da Horta das Corujas em Pinheiros e os primeiros passos para a conquista do Parque da Fonte. São fatos significativos e conectados que mostram como as transformações passam a acontecer de maneira conectada, porém distribuídas pela cidade.

As conquistas desses movimentos, se vistas isoladas, não possuem um fator inovador que mereça ser olhado com atenção, outras conquistas como essas já haviam ocorrido por meio de movimentos tradicionais e sem o uso do espaço híbrido. Porém, o fato desses movimentos serem desierarquizados e estarem conectados a uma ampla rede virtual que atua no município com diversas pautas urbanas, os coloca como um novo ator urbano. Esta constatação comprova uma das hipóteses desta pesquisa, na qual se coloca que os movimentos de urbanismo bottom-up não se tratam de fenômenos isolados transformando espacialidades específicas, mas de uma rede de nós conectados que atuam na escala urbana da metrópole.

Neste ponto, sob a ótica da análise de redes, é possível visualizar que o aumento da conectividade na cidade de São Paulo e as Jornadas de Junho geraram um fenômeno de Crunching. Sempre que ocorre um fenômeno de crunching os graus de conectividade são aproximados, facilitando a materialização do famoso "small-world phenomenon", que empodera os atores da rede. De maneira resumida pode-se dizer que isso ocorre pelo volume de pessoas e ferramentas que cada nó da rede passa a ter acesso para realizar ações. Embora Castells (2013) não utilize esse termo, suas observações sobre os movimentos sociais constata os mesmos fenômenos. No caso da cidade de São Paulo, o empoderamento dos grupos conectados se materializa nos movimentos de urbanismo bottom-up que passam a emergir principalmente a partir de 2013.

Claramente são fenômenos emergentes cujo a efetividade das conquistas e a consolidação do método de

atuação só poderão ser comprovadas pelo tempo. Por outro lado, as discussões teóricas e os dados coletados nesta pesquisa colocam o urbanismo bottom-up como uma tendência de transformação urbana com considerável probabilidade de consolidação e expansão.

Falta até este ponto da pesquisa uma melhor compreensão de como ocorrem as atividades nesses movimentos, e ainda que eles enquanto grupo não possuam um protocolo de ação pelo qual todos se comportem,

a análise em profundidade de um desses movimentos por meio das redes sociais pode identificar padrões de comportamento. Neste sentido, a pesquisa avançou para a compreensão de como um desses movimentos locais atuam, afinal, mais importante do que compreender as suas conquistas em si, o objetivo desta pesquisa é compreender os métodos e suas novas possibilidades.

GRÁFICO 15

PORCENTAGEM DE NÓS DE CADA CATEGORIA ATUANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO.

- Transformação espacial 45,5%
- Águas 16,7%
- Direito à cidade 7,2%
- Conservação ambiental 6,7%
- Mobilidade Urbana 6,2%
- Arte Urbana 3,8%
- Órgão representativo 3,3%
- Memória / Patrimônio Urbano 2,9%
- Ocupação 2,4%
- outros 5,3%

GRÁFICO 16

Porcentagem que cada categoria tem do total de fãs entre os nós atuantes na cidade de São Paulo.

- Conservação ambiental 39%
- Transformação espacial 25,6%
- Direito à cidade 12,6%
- Órgão representativo 9,3%
- Mobilidade Urbana 5,2%
- Águas 2,6%
- Arte Urbana 2,6%
- Memória / Patrimônio Urbano 1,1%
- Literatura 0,9%
- outros 2,5%

Fotografia 1 - Largo da Batata em 1991. <http://www.saopauloinfoco.com.br/bairro-de-pinheiros/>. Autor desconhecido.

Fotografia 2 - <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/18510-obras-no-largo-da-batata>. Fase final das obras de requalificação do Largo no ano de 2013. Fotografia de Moacyr Lopes Júnior

Fotografia 3 - Fotografia 3 - Intervenção urbana do grupo "A Batata Precisa de Você" \ <http://vadebike.org/2014/02/faixa-de-pedestres-intervencao-largo-da-batata/> . fotografia de Rachel Schein.

Fotografia 4 - Intervenção do grupo Batatas Jardineiras. <https://www.facebook.com/BatatasJardineiras/photo/a.1492936557415729.1073741828.1481722468537138/1876615132381201/?type=3&theater>. Canterios do Largo mantidos pelo grupo "Batatas Jardineira". Fotografia de Batatas Jardineiras

1

2

3

4

8. Escala Local

8.1 Introdução

Inicialmente e com a finalidade de compreender a transformação histórica do Largo da Batata foram consultadas produções acadêmicas (CALDEIRA, 2015; MASCARENHAS, 2014), matérias da imprensa tradicional (ORENSTEIN, 2014; ROSSI, 2014) além de registros fotográficos. Vale ressaltar que não é parte do escopo desta pesquisa realizar uma revisão histórica dos locais onde estão situados os processos de urbanismo bottom-up, o que exigiria um desdobramento em outras linhas de pesquisa. Neste sentido, a pesquisa histórica apresentada neste tópico tem como único objetivo evidenciar as transformações espaciais deste local ao longo dos anos, contextualizando sua forma atual.

A análise histórica das transformações no Largo da Batata se encerra em 2013, ano em que o espaço é reaberto ao público após mais de 4 anos fechado para reformas. Dentre tantos fatos ocorridos no Brasil em 2013, como as Jornadas de Junho e o vertiginoso crescimento dos processos de urbanismo bottom-up, a reabertura do Largo não passou despercebida e hoje abriga grupos auto-gestionados que foram, de certa forma, germinados nas Jornadas de Junho e que lutam pela transformação deste espaço.

8.1.1 O Largo da Batata ao longo da História

O nome “Largo da Batata”, embora utilizado para o terminal de ônibus instalado naquela região, foi oficializado apenas no dia 06 de julho de 2002 com a aprovação do projeto da lei 15.615 apresentado anos antes pelo vereador José Rolim (CALDEIRA, p. 29). No entanto, antes de receber este nome e mesmo antes do século XXI muita história já havia ocorrido naquele espaço.

Os primeiros registros históricos do local que hoje conhecemos como Largo da Batata o indicam como parte do caminho de Peabiru. Era por essa trilha que a São Paulo intra-rios, - aquela contida entre os rios Pinheiros, Tietê e Tamanduateí -, se conectava com as terras a sul e a oeste do Estado. Essa antiga passagem era utilizada inicialmente pelos índios, que a indicavam como o trecho mais estreito no leito do rio Pinheiros. Não por acaso, foi também neste trecho que foi construída a primeira ponte sobre o rio Pinheiros.

Ao analisar a história desta região um ponto é claro, o Largo constituiu-se como um local de passagem e de permanência, um ponto de conexão entre diferentes grupos que por ali circularam: índios, jesuítas, bandeirantes, japoneses e nordestinos. Poucos pontos da cidade possuem de maneira tão latente as características de São Paulo, as mudanças da conformação espacial e união de diferentes pessoas estão no gene deste território. (CALDEIRA, 2015)

De acordo com Petrone (1963, p. 23), as características desta região a configuraram como “localidade -ponte”, como um local de passagem, mas também de

permanência e conexão. Curiosamente, embora fosse considerada um local de conexão, a região de Pinheiros desenvolveu sem fortes ligações diretas com a região central de São Paulo até o início do século XX. Foi apenas em 1908 que as questões geográficas que dificultavam o transporte entre a região de Pinheiros e o centro foram superadas por obras de aterramento, tornando possível a chegada dos bondes (Caldeira, 2015 apud PETRONE, 1963, p. 99; REALE, 1982, p. 73; AMARAL, 1985, p.87).

Ainda de acordo com Caldeira (2015), é possível afirmar que a dificuldade de acesso à região central fez com que Pinheiros se desenvolvesse de maneira autônoma, provendo estrutura e bens de consumo necessários para a população que passava a viver em suas imediações.

Foi com a chegada do bonde e a maior movimentação comercial que se instalou na região o primeiro entreposto comercial de pinheiros. O Mercado de Pinheiros criado nesta ocasião foi apelidado de mercado dos caipiras, por ser ali que a população rural das regiões de Cotia, Itapeverica da Serra e Embu vendiam suas produções. Inicialmente era neste mercado que os produtos agrícolas chegavam a São Paulo em quantidades atacadistas, e de onde eram redistribuídos para as demais localidades da cidade. Na década de 1950 a venda de produtos em atacado foi proibida dentro do mercado, causando uma proliferação de novos mercados e galpões adjacentes para suprir essa demanda, ao passo que no interior do Mercado se especializavam as vendas de varejo que abasteciam a classe média e média-alta (CALDEIRA, 2015, p. 33) que passava a habitar o

bairro. Neste período a região do atual Largo da Batata ganhou enorme notoriedade como zona comercial e de oferta de empregos, trazendo como consequência um rápido adensamento populacional.

No final da década de 1950 a chegada da Estrada de Ferro e a consolidação das rodovias Régis Bitencourt e Raposo Tavares como vias de escoamento de mercadorias alteraram a conformação física e social da região. Ao mesmo tempo que a região periférica de São Paulo se adensava nas áreas lindeiras às rodovias, as ofertas de emprego no “entreposto comercial de pinheiros” atraíam as populações de baixa renda que migravam da região nordeste do país para a cidade de São Paulo.

Com a chegada dos migrantes e suas ofertas de mercadoria, teve início a proliferação de camelôs e de vendedores ambulantes que se espalhavam pelas ruas da região. Durante o dia o número de ônibus que passava pelo antigo terminal se proliferava sem que qualquer infraestrutura fosse adaptada para receber essa nova demanda. No período noturno os bares de forró e casas de prostituição movimentavam o bairro.

Os novos fluxos que ocorriam no território tornaram o ambiente “caótico”, até que em 2004 tiveram início as obras para a remoção do terminal de ônibus e instalação da estação Faria Lima do metrô. Neste ponto é importante ressaltar que o projeto de “requalificação” do Largo da Batata é alvo de inúmeras críticas por parte de urbanistas. A maioria das argumentações contrárias aos moldes em que a reforma se estabeleceu se devem as relações pouco claras, ou mesmo conflituosas, com a Operação Urbana Consorciada Faria Lima e sua relação com o setor imobiliário. Diversos autores (SALES, 2005

; FIX, 2001 ; MARICATO, 2002) já conduziram investigações sobre esse processo. No entanto, um aprofundamento nesta análise não faz parte do escopo da presente pesquisa.

Do ponto de vista de uma análise histórica reduzida, foi essa sequência de fatos que consolidaram o local que hoje chamamos de Largo da Batata. Do ponto de vista espacial, pode-se dizer que o atual Largo teve início com uma confluência de vias urbanas planejadas a partir dos projetos de intervenção na Avenida Faria Lima, até então chamada de Rua Iguatemi. A partir da década de 1970 o espaço do Largo foi associado ao terminal de ônibus que perdurou até o início dos anos 2000, quando tiveram início as obras do metrô e o concurso público nacional para a "Reconversão Urbana do Largo da Batata".

Neste período de início das obras diversas manifestações artísticas e culturais passaram a ocupar a região. De acordo com Caldeira (2015), as intervenções artísticas foram fortalecidas pela presença de importantes atores sociais na região, como instituto Tomie Othake e o SESC Pinheiros. Soma-se a presença física desses atores a própria exposição "Escolha", no ano de 2005, da artista Rochelle Costi sobre o Largo da Batata e a realização, em 2004, do projeto "Estão Vendendo Nosso Espaço Aéreo" do coletivo Bijari.

Na sequência está relatado um ordenamento cronológico dos fatos que consolidaram a espacialidade do atual Largo da Batata.

8.1.2 Linha cronológica das intervenções que consolidaram a conformação atual.

1966. Na década de 1960 as elites paulistas já habitavam as regiões para além do espigão da Av. Paulista. Bairros como os Jardins, Itaim e Pinheiros já vinham recebendo investimentos de famílias com maior poder financeiro. De acordo com Caldeira (2015) um marco desta nova ocupação das elites em direção ao rio Pinheiros é a construção do Shopping Center Iguatemi no ano de 1966.

1967. José Vicente de Faria Lima apresenta o projeto de lei 7.104 com a proposta de alargar a Rua Iguatemi, que viria a ser chamada de Av. Brigadeiro Faria Lima. O projeto também previa um novo caminho deste viário que correria paralelamente ao rio Pinheiros conectando a parte norte (Rua Pedroso de Moraes) com a parte sul, atual Av. Dos Bandeirantes. (CALDEIRA, 2015, P. 34)

1971. Concluída a primeira etapa do projeto de intervenção urbana na região de Pinheiros. Este projeto não possuiu qualquer tipo de participação popular ou debate público.

1974. Construção do terminal de ônibus "Largo da Batata" entre as ruas Teodoro Sampaio e Cardeal Arcoverde.

1993. Parado por aproximadamente 20 anos, o projeto de intervenção urbana da Avenida Faria Lima foi

retomado pelo então prefeito Paulo Maluf. Desta vez o projeto enfrentou a primeira manifestação popular contrária à sua implementação, que foi organizada pelo Movimento Pinheiros Vivo.

1994. 19 de janeiro de 1994 foi instaurado o decreto de lei nº33.947 que determinava a desapropriação de 19064,34m2 com o objetivo de conectar a Av. Faria Lima com o Largo da Batata e Av. Pedroso de Moraes.

1995. Promulgada a lei 11.732 que instituiu a Operação Urbana Faria Lima.

1996. Em 25 de abril de foi publicada a lei 12.047 na qual constava que “[e]ntre as obras necessárias, merece destaque o alargamento do Largo da Batata, tendo em vista que, além do aumento crescente do número de veículos coletivos que por ali trafegam, torna-se prioritário que eles sejam integrados à Estação do Metrô, que será construída no local para atendimentos dos usuários da futura linha 4” (SÃO PAULO, 1996) (in Caldeira, p. 36).

2001. Criado em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil o “Concurso Público Nacional — Reconversão Urbana do Largo da Batata”

2002. Anunciado o arquiteto Tito Lívio Frascino como vencedor do concurso nacional.

2003. I início das desapropriações do decreto de lei nº33.947 de 1994.

2004. Firmado o contrato referente a licitação para a realização da obra.

2004. A lei 11.732 sofre adequações devido ao Estatuto da Cidade, sendo denominada a partir de então como Operação Urbana Consorciada Faria Lima (OUCFL)

2005. Desativação do terminal de ônibus devido as obras da linha 4 do metrô.

2007. Ano em que se iniciam as obras no Largo da Batata.

2011. Reabertura do Largo da Batata.

8.1.3 A situação do Largo após as obras

Com a finalização das obras no Largo da Batata o que se avistava era um cenário árido e pouco convidativo a permanência, sem qualquer relação com a memória e as pessoas que habitavam aquele espaço. O projeto de reconversão havia sido alvo de inúmeras críticas arquitetônicas mas não enfrentou resistências significativas em sua implementação.

A liberação do espaço após a obra gerou descontentamento de determinados grupos sociais devido ao desvirtuamento de vocação e usos em relação às dinâmicas sociais estabelecidas antes da “reconversão”. Algumas críticas acusam o projeto de ser higienista e elitista, buscando muito mais uma adequação do espaço ao cenário de investimentos imobiliários na região do que uma real requalificação espacial para os cidadãos. Neste sentido, as críticas apontam que o Largo da Batata foi adotado como um prolongamento da Avenida Faria Lima, criando mais um espaço apto à ser explorado pelo capital imobiliário.

Na prática, verificou-se que de fato ocorreram lançamentos de empreendimentos imobiliários na região após a reconversão urbana. De acordo com Caldeira (2015), pode-se dizer que os novos empreendimentos tinham uma tentativa clara de amenizar as características populares que povoaram o imaginário urbano vinculado do uso histórico daquela região da cidade. Embora o mercado imobiliário seja eficiente em construir sua proposta de valor, a população também se mobilizou para reabilitar o Largo como o conheciam antes.

Atualmente torres de vidros concorrem com bares de forró, executivos cruzam com artistas de rua, e o conflito estético é evidente.

O escopo desta pesquisa está focado no período de transformação do Largo após sua reabertura para a população. É neste sentido na sequência se apresenta uma contextualização do momento em que a pesquisa está inserida.

8.2 Introdução à análise da escala local

A análise da escala local se dedica a compreender, por meio de dados coletados no Facebook, o processo de urbanismo bottom-up que ocorre no Largo Batata, espaço adotado como estudo de caso desta pesquisa. A escolha do “Facebook” como fonte de dados se deve ao fato desta ser a plataforma digital na qual se insere a maior parte das interações virtuais do movimento em torno do Largo da Batata. Vale ressaltar que o presente estudo argumenta que a hibridização dos espaços é um fato consolidado, de modo que atualmente é praticamente impossível dissociar físico e virtual de determinado espaço urbano.

Tendo em vista que o objetivo do trabalho é compreender a importância do espaço híbrido para os processos de urbanismo bottom-up, a análise da escala local se divide, basicamente, em dois momentos. Primeiramente é feita uma análise de todos os eventos que ocorreram no Largo da Batata entre abril de 2014 e janeiro de 2017 conforme os métodos explicados no

capítulo "Materiais e Métodos".

Em grande parte dos casos investigados, os eventos têm início quando algumas pessoas conversam presencialmente, e neste caso especificamente no espaço ou arredores do Largo da Batata, e decidem promover uma ação. Uma vez determinado o que será o evento, qual sua programação, atividades, nome e demais características, o grupo que o desenvolveu cria uma página para ele no Facebook. Por meio desta página o alcance dos eventos se torna exponencial e muitas pessoas que em um primeiro momento não saberiam da sua realização passam a conhecê-lo, podendo, inclusive, convidar amigos e divulgá-lo em sua própria página pessoal a fim de ajudar para que mais pessoas compareçam.

Outro fator importante é que a própria página dos eventos se torna um local de comunicação entre as pessoas que de alguma maneira participam deles, neste sentido, a página de Facebook de cada evento se torna um prolongamento de sua duração, que tem início quando é criada e se estende até que algum dos organizadores a desative. Como pode ser visto na imagem 01, postada 1 dia antes do evento que ocorreu em 25 de abril de 2014, e na imagem 02, postada 1 dia depois do mesmo evento, as atividades dos participantes no grupo do Facebook transpassam as atividades presenciais no Largo. A análise dos eventos é construída buscando compreender essas dinâmicas, o engajamento do público e a relação com as transformações espaciais.

O segundo ponto a ser analisado são as atividades no grupo público de Facebook "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!", que possui 6.533 membros e do qual foram coletadas todas as postagens desde a sua criação, em 21

de março de 2014 até a sua última postagem no ano de 2017, no dia 29 de dezembro. As publicações no grupo são abertas para qualquer usuário, embora tenha 15 administradores, que pelas normas do próprio Facebook, podem barrar o acesso de outros usuários. Ainda que exista essa possibilidade, as análises da pesquisa indicam que este grupo é bastante horizontal, uma vez que a participação e o diálogo dos atores envolvidos no processo de urbanismo bottom-up do Largo da Batata permaneceu, aparentemente, assegurada.

Vale ressaltar, que é através desta página do Facebook que diversos grupos que promovem eventos e que atuam no Largo da Batata realizam seus diálogos. A sua análise tem como objetivo verificar como ocorrem as dinâmicas virtuais relacionadas ao Largo da Batata e compreender como este espaço de troca se relaciona com os eventos realizados e com os processos de transformação espacial.

8.3 Introdução à análise de eventos

Ao todo a pesquisa conseguiu registros de 276 eventos ocorridos no Largo da Batata entre abril de 2014 e dezembro de 2017. Os dados foram pesquisados na própria página de Facebook "A Batata Precisa de Você", no grupo público "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!", no calendário eletrônico criado pelo movimento "A Batata Precisa de Você", na página "Gaymada SP" (<https://www.facebook.com/gaymadaSP/>), na página "Batata Eletrônica" (<https://www.facebook.com/batataeletronica/>) e na página "Batatas Jardineiras" (<https://www.facebook.com/BatatasJardineiras/>).

Os dados coletados sobre cada evento foram: nome, horário, local, organizador, categoria do organizador, link de acesso, descrição, número de convidados, número de interessados e número dos que confirmaram presença. Além dessas informações recolhidas nas páginas dos próprios eventos no Facebook, cada evento foi analisado individualmente e recebeu até 3 palavras chaves, tags, que identificam sua atividade. No total, foram criadas 68 tags diferentes para abranger toda a diversidade de temas dos eventos analisados.

IMAGEM 01

31. Teatro Ópera Urbe (<https://www.facebook.com/>)

32. Como o gráfico não apresenta boa leitura em sua forma impressa, pode ser melhor visualizado por meio do hyperlink "https://datastudio.google.com/open/1fEE_fvG-G-ognOB531t5R3Eynk-thuOxtH" no qual possui interatividade com o cursor do mouse.

8.3.1 Análise de eventos ocorridos no Largo da Batata

A primeira análise realizada diz respeito à frequência dos eventos, neste sentido, um primeiro olhar sobre o gráfico 17 indica que o período com maior quantidade de eventos foi agosto de 2016, com 18 eventos. Porém, com o auxílio do gráfico 18, verifica-se que essa discrepância em apenas um mês se deve a um evento espe-

IMAGEM 02

cífico e itinerante chamado teatro Ópera Urbe³¹, que se instalou no Largo por aproximadamente 25 dias consecutivos, realizando 15 eventos entre os dias 06 e 31 de agosto. Voltando a atenção para o gráfico 17 e descon siderando os 15 eventos mencionados, percebe-se que há uma grande alternância no fluxo usual de eventos ao longo do tempo. Por outro lado, a alternância de atividades se mantém em ritmo constante, entre altos e baixos, enquanto a curva do número de eventos se mantém praticamente estável, com uma ligeira tendência de queda.

No gráfico 18 pode-se observar a realização dos eventos separados por seus organizadores, cada um representado por uma cor. Aparecem neste gráfico apenas os 9 organizadores que realizaram a maior quantidade de eventos durante o período de análise. Essa lupa no gráfico se justifica devido a grande quantidade de eventos (276) e ao grande número de organizadores (68)³². A fim de facilitar a leitura da frequência de atividade dos principais organizadores de evento foi desenvolvido o gráfico 19, no qual a frequência dos eventos é segmentada apenas por anos, o que reduz a variação temporal e torna o gráfico mais inteligível. A análise deste gráfico demonstra que a página "A Batata Precisa de Você" (nó 01 da rede), embora seja o organizador com maior número de eventos, tem uma atuação bastante decrescente, passando de 35 eventos em 2014 para 1 evento em 2017. ww

Alguns outros organizadores, como "Batata Jardineiras", embora tenha uma participação tímida apenas com atividades mais recentes, revela uma capacidade de articulação promissora. Isso não se deve apenas ao

compromisso direto do grupo com a intervenção espacial, mas também pelos 6 eventos promovidos em 9 meses, o que demonstra uma boa frequência de atividades. De todos os modos ainda é cedo para conclusões, de forma que será necessário acompanhar a permanência, ou não, dessas ações no futuro. Outros organizadores bastante engajados já tiveram inícios recordes mas não sustentaram as atividades a longo prazo.

Vale ressaltar também, ainda sobre o gráfico 19, que no ano de 2016 a maioria dos principais organizadores estavam ativos e promovendo eventos no Largo. Este é o ano, inclusive, em que o maior número de organizadores iniciou suas atividades no Largo. Fica evidente, entretanto, que os organizadores que iniciaram suas atividades nesse ano tiveram atuação decrescente até 2017.

No gráfico 20 pode-se observar que dos 9 principais organizadores de eventos, o menos ativo organizou 4 eventos ao longo do período analisado. Se somadas as atividades dos 9 principais organizadores chega-se a um total de 44% dos eventos, ou seja, 121 eventos do total de 276. Esse fato corrobora com a análise do gráfico 19, na qual se aponta que as atividades dos pequenos organizadores são mais volumosas e garantem maior constância que a de grandes atores. Também é preciso ser levado em consideração que entre os 9 grandes organizadores de eventos existe uma grande diferença do primeiro colocado para os demais. Como demonstrado no gráfico 21, o maior organizador de eventos, "A Batata Precisa de Você", organizou 62 eventos do total de 276, o que equivale a 22,5% do total e a 51,2% dos eventos

GRÁFICO 17

organização cronológica de todos os eventos promovidos no Largo da Batata.

GRÁFICO 18

QUANTIDADE DE EVENTOS
276

OS 276 eventos registrados no Largo a Batata possuíram 125 organizadores diferentes, que atuaram, hora concomitantemente, hora de maneira dispersa ao longo do período analisado. Este gráfico apresenta uma análise cronológica da atuação dos principais organizadores de eventos.

GRÁFICO 19

NESTE GRÁFICO, SEGMENTADO POR ANOS DE ATUAÇÃO, ELUCIDA-SE A ATUAÇÃO DOS PRINCIPAIS ORGANIZADORES DE EVENTOS.

realizados pelos grandes organizadores.

Esses dados indicam que "A Batata Precisa de Você" (62) organizou aproximadamente 4 vezes mais eventos do que o segundo maior organizador (15), isso sem levar em consideração que o segundo colocado nesse ranking atuou pontualmente com 15 peças de teatro compreendidas no mês de agosto de 2016. Se a comparação for feita entre o primeiro e o terceiro colocados no ranking do gráfico 21, percebe-se uma diferença de 51 eventos, caindo de 62 para 11 eventos. No gráfico 22 a distribuição em porcentagens por barras elucida a grande diferença existente no total de eventos organizados do primeiro para o segundo colocado, e como, a partir do segundo, o volume de eventos organizados é praticamente homogêneo.

Em números totais, os 276 eventos foram promovidos por 125 organizadores. Se levado em consideração que dos 276 eventos 62 foram organizados por um único ator e 15 por outro, percebe-se que os 199 eventos restantes foram organizados por 123 organizadores. Esses dados demonstram o quão intensa e importante é a presença dos pequenos organizadores de eventos, que realizando menos de 11 eventos ao longo de todo o período analisado são responsáveis por 72% dos eventos realizados.

Após analisar a atividade dos organizadores de evento e como eles estavam distribuídos ao longo dos anos, a pesquisa se voltou a compreender um pouco mais sobre quem são esses organizadores. Não se trata, obviamente, de uma análise pessoal dos promotores de eventos, mas das características das organizações e quais temas abordavam. Neste sentido foi construído

o gráfico 23, que elucida quais as principais categorias dos organizadores de eventos. As categorias utilizadas para essa segmentação são opções dadas pelo próprio Facebook para que cada página, ao ser criada na plataforma, identifique como se descreve.

Nesta análise pode-se perceber que os principais organizadores de evento são das categorias "Comunidade" e "Pessoa Física", sendo respectivamente 36,1% e 26,4% do total dos organizadores. Esse dado, embora significativo para se compreender quais categorias de grupos promovem mais eventos no espaço analisado, não indica que essas sejam as que consigam atrair maior público para o Largo da Batata, como explicado abaixo.

O gráfico 24 ordena as categorias de organizadores de acordo com a quantidade de pessoas que confirmaram presença em seus eventos, ou seja, as categorias são separadas de acordo com a porcentagem do total de público que confirmou presença nos eventos realizados por organizadores de cada uma das categorias. Essa separação indica a porcentagem de público que teoricamente foi levada ao espaço por cada uma dessas categorias.

Ao comparar-se o gráfico 23 com o gráfico 24 é possível perceber que, embora a categoria "Pessoa Física" compreenda 26,4% do total de organizadores de evento e ocupe a segunda posição nesse gráfico, essa categoria tem baixo potencial para levar público aos eventos no espaço, caindo para a quinta colocação no gráfico 24.

Se avaliadas no quesito de movimentação de público no espaço, como demonstrado no gráfico 24, as principais categorias são "Comunidade" com 30,5% do total

do público que confirmou presença em eventos, "Organização" com 12,5%, "Turnê" com 12,4%, "Organização Sem Fins Lucrativos" com 11,6% e só então "Pessoa Física" com 11,3%.

Se os mesmos critérios do gráfico 23 forem analisados pelo gráfico 25, que dispõe as categorias em barras, pode-se perceber uma grande diferença da primeira para a segunda categoria, com 27 eventos a menos. A diferença da segunda categoria, "pessoa física", para a terceira, "Músico/banda" é ainda mais acentuada, totalizando 58 eventos a menos. Da ter-

ceira categoria em diante ocorre um declínio gradual no número de eventos de cada uma, o que permanece até a 18ª colocação, a partir da qual todas as categorias não possuem mais do que 1 evento registrado.

Esta análise deve levar em consideração, inclusive por ser uma descoberta da própria pesquisa, que a importância do organizador de eventos "A Batata Precisa de Você" é bastante relevante na totalidade dos eventos

GRÁFICO 20

Dentre os 276 eventos registrados (100%), alguns organizadores específicos foram responsáveis por uma alta porcentagem.

- A Batata Precisa De Você 22,5%
- Carlos Zimbher, Rubia Konstantyni, Pedro Renaud, Breno Barros, Felipe Chacon, Leona Jhovs, Franco Orlando, Rodrigo Zanettini, Glauber Bento, André Cezar Mendes, Fábio Viana, Barão Di Sarno, Andreas Giumarães, Flavio Barollo 5,5%
- Batata Eletrônica 4,0%
- Gaymada São Paulo 2,9%
- Batatas Jardineiras 2,2%
- Laura Sobral 1,8%
- Luiz Pereira 1,8%
- Ilumina Sampa 1,8%
- Cia dos Tortos 1,5%
- outros 56%

GRÁFICO 21

TOTAL DE eventos organizados por cada um dos 10 principais organizadores.

GRÁFICO 22

NESTE GRÁFICO APRESENTA-SE A PORCENTAGEM, DO TOTAL DE 276 EVENTOS, QUE CADA UM DOS 10 PRINCIPAIS ORGANIZADORES FOI RESPONSÁVEL POR ORGANIZAR.

(22,5%), e por estar na categoria "Comunidade", nos permite compreender que dos 101 eventos realizados por essa categoria, 62 são de um único organizador. Levando isso em consideração e isolando, apenas imageticamente, esse valor na análise do gráfico 25, seria possível verificar que o número de eventos promovidos pela categoria "Pessoa Física" superaria o de eventos promovidos por "Comunidade".

GRÁFICO 23

NESTE GRÁFICO PODE-SE VISUALIZAR, DE MANEIRA PERCENTUAL, QUAIS AS CATEGORIAS DOS ORGANIZADORES DE EVENTOS MAIS ATUANTES.

Após a análise das categorias e do comportamento dos organizadores de eventos, a pesquisa buscou compreender um pouco mais sobre os próprios eventos. Neste sentido foram analisadas, dentre as 68 TAGs criadas, quais foram as mais populares entre os eventos promovidos e o número de vezes em que se repetiram.

O gráfico 26 ordena as tags de acordo com a sua popularidade, ou seja, com a porcentagem de utilização de cada uma em relação ao todo. A análise desse gráfico indica uma forte discrepância, tendo

a primeira tag, "Música e Dança" ocupando 25,8% do total das tags utilizadas enquanto a segunda posição ocupa apenas 8,1% do total. Vale lembrar, neste ponto, que cada evento recebeu até 3 tags e que a maioria dos eventos eram diversos, com múltiplas atividades planejadas e, em alguns casos, concomitantes. Também é importante ressaltar que a maioria dos eventos

ocorridos no Largo da Batata possuía música e dança em suas descrições. Embora este fato possa dar uma ideia homogeneizadora das tags, eles também indicam uma característica comum a grande parte dos eventos, afinal, a música e a dança nessas ocasiões sempre estiveram vinculadas ao caráter de festividade que foi comum às dinâmicas de muitos dos eventos.

GRÁFICO 24

NESTE GRÁFICO PODE-SE VISUALIZAR, DE MANEIRA PERCENTUAL, QUAIS CATEGORIAS DE ORGANIZADORES DE EVENTO ATRAÍAM MAIOR PÚBLICO DE ACORDO COM O TOTAL DE PESSOAS CONFIRMADAS NOS EVENTOS.

- Comunidade 30,5%
- Organização 12,5%
- Turnê 12,4%
- Organização sem fins lucrativos 11,6%
- Pessoa Física 11,3%
- Organização Política 5,2%
- Coletivo 4,3%
- Músico/banda 3,8%
- Organização política 2,5%
- outros 5,9%

GRÁFICO 25

A segunda tag mais utilizada foi "Roda de Conversa", com 8,1% do total das utilizações, sendo utilizada na descrição de 41 eventos. Este fato se deve, em parte, aos múltiplos eventos realizados pelo organizador "A Batata Precisa de Você", que além de seu método participativo para as decisões de novas ações, realizou eventos que tinham como tema principal o diálogo, e para isso convidavam estudiosos de determinados temas para uma roda de conversa no Largo da Batata.

A terceira colocação, "Ato Político", embora bem menos expressiva que as duas primeiras é representativa do momento histórico em que os eventos ocorreram e, como se verá mais adiante, promoveu os eventos com maiores engajamentos de público.

O gráfico 27 organiza em ordem decrescente as tags mais populares, demonstrando o número de vezes em

GRÁFICO 26

NESTE GRÁFICO PODE-SE OBSERVAR AS TAG'S MAIS POPULARES ENTRE OS EVENTOS QUE OCORRERAM NO LARGO DA BATATA.

- Música e Dança 25,8%
- Roda de conversa 8,1%
- Ato Político 4,7%
- Teatro 3,9%
- Jogos 3,7%
- Mobiliário Urbano 3,5%
- Festa 3,5%
- Reparos 3,3%
- Paisagismo 3,3%
- outros 40%

que cada uma foi utilizada. Neste ponto, a visualização geral do volume de utilização de cada tag é um importante indicativo de um dos temas mais relevantes da pesquisa, a transformação espacial. É possível verificar neste gráfico que as tags "Mobiliário", "Reparos" e "Paisagismo" aparecem, respectivamente, 18,17 e 17 vezes, indicando a presença dessas ações nos eventos realizados. Obviamente os eventos relacionados a intervenção espacial não foram a maioria dentre os 276, mas por serem um dos temas centrais da pesquisa, foram analisados com maior atenção, tendo um tópico dedicado exclusivamente a eles.

8.3.2 Análise geral dos eventos.

A análise desta série temporal de eventos, apresentada nos gráficos 17, 18 e 19 pode ser um indicativo de que, na prática, esteja ocorrendo uma redução das atividades promovidas pela página "A Batata Precisa de Você" e pelos demais grandes organizadores. Como pode ser observado no gráfico 19, a categoria "outros", que compreende organizadores pequenos (por organizadores pequenos entende-se aqueles que realizaram menos de 4 eventos em 4 anos), é a que demonstra a atuação mais constante ao longo do tempo. Na prática, esses dados podem estar indicando que nos anos mais recentes a maioria dos eventos foram organizados por pequenos grupos com atuações pontuais, e não por coletivos ou grupos que dedicavam seus esforços em manter atividades constantes no Largo da Batata.

Este fenômeno possibilita duas reflexões fundamentais para a pesquisa. A primeira delas seria um indicativo

de que, na prática, grupos que buscam uma ação constante e disciplinada no espaço não estão conseguindo assegurar longa durabilidade. A outra leitura possível seria a de que os grandes organizadores tiveram fundamental importância no início do processo de urbanismo bottom-up, quando o Largo da Batata passava por seu pior momento de desertificação, mas que uma vez realizado o engajamento de outros grupos, os grandes atores se retiram para não criarem centralidades dentro de um processo horizontal.

Ambas as reflexões parecem ser pertinentes na análise dos processos de urbanismo bottom-up, porém, no caso específico do Largo da Batata, parecem haver outras variáveis para complementar essa leitura. Na análise do gráfico 19 pode-se observar que em menos de 6 meses os eventos promovidos por pequenos organizadores já havia superado o número de eventos realizados pelos principais organizadores. Outro fator que deve ser levado em consideração é o fato dos organizadores da página "A Batata Precisa de Você" terem ganho um edital público, "Edital Redes e Ruas"³³, pelo qual receberam financiamento do Poder Público para promover atividades no Largo da Batata. Ainda que não seja possível realizar uma afirmação quanto a isso, este fato abre a possibilidade para se interpretar que o fim do financiamento público para as atividades no Largo, que teve início em janeiro de 2015 e duração de 6 meses, foi um dos fatores de diminuição das atividades promovidas por esse grupo.

Outro ponto que merece ser levado em consideração na análise da atuação da página "A Batata Precisa de Você" é a questão política no âmbito das relações

GRÁFICO 27

estabelecidas com membros do Partido dos Trabalhadores que, inclusive, atuavam em cargos públicos no período em que Fernando Haddad estava à frente da prefeitura. Neste sentido vale lembrar, por meio do gráfico 19, que é a partir do momento em que João Dória é eleito para a prefeitura de São Paulo a atuação desta página na organização de eventos sofre sua queda mais vertiginosa.

Outra variável válida para a análise em todos os grupos que atuam em movimentos de urbanismo bottom-up, é que, por não ser uma atividade remunerada, a longa dedicação dos indivíduos pode ficar sujeita a questões individuais e pessoais. Este fato não diminui em nenhum ponto a importância dos grandes organizadores de eventos e suas constâncias por períodos curtos, mas os recursos podem, sim, ser um fator de desarticulação para ações de mais longo prazo.

Com relação aos pequenos organizadores de eventos é fundamental que existam também os eventos pontuais, para garantir a desvinculação dos processos de urbanismo bottom-up de atores centrais. Essa possibilidade de desvinculação demonstra a característica mais marcante dos processos de urbanismo bottom-up, a independência das relações entre transformação urbana e os momentos pessoais de grandes atores, como acontece, por exemplo, nas secretarias municipais e suas vinculações com as disputas de poder político.

Os gráficos 23 e 24 corroboram com esse indicativo, e demonstram que embora a categoria "Pessoa Física" não tenha bons resultados na atração do público, é a segunda categoria que mais organiza eventos. A concatenação desses fatos, como mencionado anteriormen-

te, pode significar que os eventos organizados por "Pessoa Física" são menores e não atraem muito público, mas na realidade uma análise detida indica que eles estão dispersos entre inúmeros organizadores de eventos que mantêm uma frequência de eventos no Largo.

O gráfico 25 apresenta um importante indicativo neste sentido ao demonstrar o volume de eventos produzidos por "Pessoa Física". Como já dito na análise deste gráfico, a retirada dos eventos organizados por "A Batata Precisa de Você", que se enquadra na categoria "Comunidade", faria com que a categoria "Pessoa Física" fosse a mais atuante na organização de eventos. Este dado não seria tão significativo se não fosse a análise do gráfico 19, que demonstra que o organizador "A Batata Precisa de Você" já está praticamente inativa no Largo. Neste sentido, é provável que os eventos organizados por "Pessoa Física", ainda que dispersos e pulverizados entre múltiplos organizadores, devam se tornar a tendência dos eventos organizados no Largo da Batata para os próximos anos.

Do ponto de vista dos processos de urbanismo bottom-up este é um excelente indicativo por ser um fenômeno descentralizador, diminuindo a importância dos grandes atores. Por outro lado, isso não pode representar uma redução do número total de eventos organizados, em termos de apropriação do espaço público.

Sobre a realização dos atos políticos no Largo da Batata, estes são, certamente, um ato marcante em sua história. Todo o processo de reforma deste espaço descrito no tópico "Histórico do Largo da Batata", a polêmica reabertura do espaço e a rápida apropriação do espaço por movimentos que lutam pelo direito à cida-

33. O edital Redes e Ruas foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo que buscava incentivar propostas de inclusão digital, cultura e cidadania por meio de ações em praças, telecentros e pontos de cultura. Ocorreram duas edições do edital, na primeira delas os eventos deveriam ocorrer no primeiro semestre de 2015 e na segunda edição no segundo semestre de 2016.

de agregaram uma nova camada política a esse espaço histórico da cidade. Foi no Largo da Batata que as Jornadas de Junho iniciaram um de seus maiores atos, após isso as manifestações sobre a crise hídrica ocuparam o Largo, atos de apoio a políticos específicos foram realizados, manifestações pró e contra impeachment e ato do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, essa movimentação sempre constante de atos políticos se tornaram rotineiras no espaço do Largo, o que ajuda a construir um imaginário comum de espaço democrático. Entretanto, é preciso ter atenção para que o Largo da Batata não se torne um espaço marcado por determinados grupos políticos, candidatos e posturas ideológicas. Caso isso aconteça, existe o risco deste espaço se tornar vulnerável a questões partidárias, recebendo por exemplo, mais ou menos investimento público conforme o momento histórico.

Mas nem só de política vive este espaço, o Largo da Batata também é para se dançar, afinal a tag mais popular nos eventos foi "Música e Dança". A utilização dessa tag não se deve apenas a pequenos eventos, mas aos shows de música eletrônica, festivais com renomados artistas e o carnaval de São Paulo que passaram a ocorrer no Largo. Tampouco tratam-se apenas de grupos auto-gestionados promovendo atividades no Largo, grandes empresas realizam ali intervenções, festas e festivais. Fica claro, entretanto, que o processo de urbanismo bottom-up que vem ocupando o Largo da Batata não ocorre em um território vazio ou despercebido.

O que se percebe, pela análise dos eventos, é que ao passo que os movimentos auto-gestionados utilizam e promovem eventos no Largo da Batata com frequência

e periodicidade, eventos de grandes proporções o utilizam e depois o abandonam, como movimentos pendulares mais longos. Observa-se, portanto, uma ocupação em picos, hora com sobrecarga de pessoas, a qual a própria infraestrutura não suporta, momentos despovoados e sem capacidade de acolhimento aos indivíduos. Não é sem justificativa que a principal crítica dos movimentos que lutam para a transformação espacial do Largo, é a ausência da dimensão do pedestre, buscando fazer dele um espaço humano, não com potencial para receber apenas multidões, mas também voltado aos indivíduos.

Uma vez compreendida a dinâmica dos eventos e a frequência com que ocorriam, a pesquisa exigia uma maior compreensão sobre a relação dos eventos com o público. Afinal, os eventos por si só não garantem popularidade, presença no espaço público e transformação espacial. É necessário que o espaço seja ocupado para que a transformação aconteça, e para isso as pessoas devem participar dos eventos.

8.4 Introdução da relação do público com os eventos.

A análise da relação do público com os eventos tem como intuito medir a popularidade dos eventos, a relação do público com os eventos ao longo do tempo e verificar quais foram as datas mais populares. Esta análise é baseada nas informações coletadas dos 276 eventos, que tiveram 280.056 confirmados, 223.259 interessados e 1.094.177 convidados.

8.4.1 Análise da relação do público com os eventos

No gráfico 28 pode-se verificar 4 linhas de desempenho ao longo do tempo, a primeira delas, na parte de baixo do gráfico, indica a ocorrência dos eventos, enquanto as 3 superiores indicam a relação do público com os eventos a partir das 3 opções disponibilizadas pelo Facebook: Confirmação, Interesse e Convite. Como indicado no gráfico 17, a ocorrência de eventos no Largo da Batata, embora possua grande variação no curto espaço de tempo, mantém uma média constante ao longo do período analisado, como indicado pela linha de tendência. O gráfico 28 evidencia que o fluxo de eventos está diretamente relacionado com a interatividade com o público, que obedece, guardadas as devidas proporções, curvas de crescimento e redução semelhantes. É importante ressaltar que grandes eventos isolados e que tiveram uma boa interatividade com o público não foram capazes de desestabilizar a frequência demonstrada nos gráfico 28.

A principal análise que esse gráfico nos mostra é que, embora exista uma ligeira tendência de queda no número de convidados (ver gráficos 28c), o número de interessados se mantém estável (ver gráfico 12b) e o número de confirmados mostra um crescimento vertiginoso (ver gráfico 12a). Este é um fenômeno pouco usual na organização de eventos, quer seja pelo Facebook ou pelas vias tradicionais. Na maioria dos casos, como verificado nos eventos analisados, o número de pessoas convidadas para um evento é sempre superior ao número das pessoas que confirmam presença.

No gráfico 28 fica evidente que esse fenômeno passa a ocorrer a partir de setembro de 2017, mas por ser um período muito próximo ao final do recorte temporal analisado,

não seria possível afirmar se que se trata de um fenômeno individual causado por um evento pontual ou de uma tendência para longo prazo. Um dos fatores que indica a consolidação dessa tendência pode ser observado no gráfico 28a, que demonstra, que na verdade, o número de confirmados vêm crescendo desde abril de 2014, o que fica evidente se comparado com os gráficos 28b e 12c. O gráfico 28c corrobora com esta análise, demonstrando de maneira sintética como o número de confirmados nos eventos teve uma performance muito melhor que o número de convidados e de pessoas que demonstraram interesse, atingindo seus melhores números em 2017.

No total, os 276 eventos analisados receberam 280.056 confirmações de presença. Dentre eles, as 9 datas de eventos mais populares são demonstradas no gráfico 30a de acordo com o total de confirmações registradas em cada evento. A análise desse gráfico demonstra que ocorreram três eventos de grande popularidade, que receberam respectivamente 13,3%, 11,2% e 10,9% do total de convidados. Isso significa que apenas 3 eventos receberam 35,4% do total de confirmações, ou seja, 99.050 confirmações. É relevante observar que os 3 eventos mais populares aconteceram entre junho e dezembro de 2017, período em que o maior organizador de eventos, "A Batata Precisa de Você", realizou apenas um evento depois de aproximadamente 1 ano sem realizações.

Por outro lado, a temática desses eventos não está relacionada com a transformação espacial em si, e são bastante diversos, abrangendo, por exemplo, um ato político no qual 21.564 pessoas confirmaram presença, um show com renomados músicos brasileiros para a comemoração dos 20 anos do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto no qual 10.871 pessoas confirmaram presença e um jogo recreativo que

GRÁFICO 28

POPULARIDADE DOS EVENTOS PROMOVIDOS

Confirmados 280.056 Interessados 223.259 Convidados 1.094.177 Quantidade de Eventos 276

— Confirmados — Interessados — Convidados — Quantidade de Eventos

A interrupção da linha nos gráficos indica a ausência de eventos no período.

GRÁFICO 28 A

Linha de tendência das confirmações em eventos ao longo do tempo.

GRÁFICO 28 B

Linha de tendência das demonstrações de interesse em eventos ao longo do tempo.

GRÁFICO 28 C

Linha de tendência dos convites para eventos ao longo do tempo.

aborda as questões de gênero no qual 4.745 pessoas confirmaram presença. No total dos 9 eventos mais populares, 6 deles foram atos políticos, o que corrobora com a argumentação de que os movimentos políticos têm adicionado uma nova camada ao espaço do Largo da Batata como espaço de manifestações políticas. Por outro lado, dos 6 eventos de atos políticos, apenas um ocupa uma das 3 primeiras posições de eventos que mobilizaram mais indivíduos.

O gráfico 31A demonstra que o número de confirmados nos três eventos mais populares possuem certa aproximação, sofrendo uma queda para o quarto colocado que se mantém razoavelmente estável até a sétima posição, a partir do qual todos os eventos passam a ter menos de 10.000 confirmados. Esta média nos mostra que o tema dos eventos é de fundamental importância para sua popularidade. No entanto, o engajamento desses eventos depende do contexto social, político e da própria descrição das suas atividades em sua página no Fa-

GRÁFICO 29 ordenação da interação das pessoas com os eventos ao longo dos anos.

cebook. O evento mais popular em número de confirmados se chama "SP pelas Diretas Já" e proclama um descontentamento geral com a classe política, além de anunciar a presença de renomados músicos brasileiros. O segundo evento também anuncia shows com renomados músicos nacionais, mas tem como título "Ato 20 anos MTST com Caetano Veloso e convidados" e tem uma diferença de 5.740 confirmações para o evento mais popular. Já o terceiro evento, que aborda as questões de gênero, leva o título "Gaymada para cura hétero", que apesar de

ser um tema que ainda gera polêmica, conseguiu alcançar alta popularidade. Uma das possíveis razões para que isso tenha acontecido pode ser o contexto social, ao qual o título do evento se referiu muito bem, afinal, no momento deste evento um dos assuntos mais comentados no Brasil era a polêmica da "Cura Gay"³⁴.

A pesquisa também buscou compreender se os eventos

GRÁFICO 30a Confirmados
280.056
PORCENTAGEM QUE OS 9 EVENTOS MAIS POPULARES, NO CRITÉRIO DE CONFIRMAÇÕES, TIVERAM DO TOTAL DOS CONFIRMADOS EM RELAÇÃO AO TODO.

4 de jun de 2017	13,26%
10 de dez de 2017	11,21%
30 de set de 2017	10,89%
22 de mai de 2016	5,73%
1 de mai de 2016	5,2%
8 de set de 2016	4,45%
26 de nov de 2016	4,17%
24 de mar de 2016	3,01%
31 de jul de 2016	2,44%
outros	39,63%

com maior popularidade de confirmados eram aqueles que possuíam maior número de interessados e de convidados, como pode ser visto nos gráficos 30b e 30c. O intuito desta análise era verificar se a proporção de convidados e interessados poderia indicar o número de confirmados, o que possibilitaria calcular o engajamento do público com base nessas duas variáveis.

No entanto, a análise destes grafos (30a, 30b e 30c) demonstram que a popularidade máxima nos 3 níveis de interatividade disponibilizados pelo Facebook não ocorreu em nenhum dos eventos analisados, ou seja, nenhum evento conseguiu estar nas mesmas posições das 3 categorias, como seria, por exemplo, se o evento com maior número de confirmados tivesse recebido o maior nível de interessados e o maior nível de convidados. Porém, 3 eventos, identificados nos gráficos por suas datas, se repetem entre os 9 mais populares das 3 categorias.

GRÁFICO 30B 1.094.177

Porcentagem que os 9 eventos mais populares, no critério de convites, tiveram do total de convidados em relação ao todo.

1 de nov de 2014	11,73%
14 de jan de 2016	10,85%
31 de jul de 2016	7,72%
4 de jun de 2017	5,12%
24 de mar de 2016	4,42%
15 de abr de 2015	4,41%
23 de out de 2014	3,98%
22 de mai de 2016	2,94%
8 de set de 2016	2,78%
outros	46,05%

Outros 4 eventos ainda aparecem em 2 categorias como sendo um dos 9 eventos mais populares.

Nos gráficos 31b e 31c ainda é possível verificar, pelo número de convidados e interessados, respectivamente, o volume de pessoas que interagiram com cada evento. A análise do gráfico 31b demonstra que os três primeiros colocados em número de convidados também se distanciam bastante dos demais, assim como acontece no gráfico 31a com o número de confirmados, embora

sejam eventos diferentes. Já no gráfico 31c são apenas os 2 primeiros colocados que possuem bom distanciamento dos eventos que os seguem.

Interessados
GRÁFICO 30C **223.259**
PORCENTAGEM QUE OS 9
EVENTOS MAIS POPULARES, NO
CRITÉRIO DE INTERESSE, TIVERAM
DO TOTAL DOS INTERESSADOS EM
RELAÇÃO AO TODO.

- 4 de junho de 2017 9,67%
- 01 de novembro de 2014 7,91%
- 10 de dezembro de 2017 4,88%
- 31 de julho de 2016 4,52%
- 28 de setembro de 2015 4,44%
- 14 de janeiro de 2016 4,32%
- 8 de setembro de 2016 3,18%
- 22 de maio de 2016 3,13%
- 15 de abril de 2015 2,93%
- outros 55,03%

GRÁFICO 31a

NÚMERO TOTAL DE CONFIRMAÇÕES DE Presença nos 10 eventos mais POPULARES.

TABELA 02

Popularidade	Confirmados	Interessados	Convidados
1º	04/jun/2017	04/jun/2017	01/nov/2014
2º	10/dez/2017	01/nov/2014	14/jan/2016
3º	30/set/2017	10/dez/2017	31/jul/2016
4º	22/mai/2016	31/jul/2016	04/jun/2017
5º	01/mai/2016	28/set/2015	24/mar/2016
6º	08/set/2016	14/jan/2016	15/abr/2015
7º	26/nov/2016	08/set/2016	23/out/2014
8º	24/mar/2016	22/mai/2016	22/mai/2016
9º	31/jul/2016	15/abr/2016	08/set/2016
AS DATAS IDENTIFICAM OS EVENTOS			

8.4.2 Análise geral da relação do público com os eventos.

A primeira observação sobre a interação do público com os eventos ao longo do tempo é de que os grandes eventos, com boa interatividade de público, não desestabilizaram a frequência de ações, como demonstrado no gráfico 28. Este fenômeno pode ser um indicativo de que, na prática, é a constância dos eventos que leva um maior número de pes-

soas ao Largo, e não os eventos de grande porte, por si só.

Outra importante observação desenvolvida após a análise diz respeito ao aumento do número de indivíduos confirmados para cada evento quando comparado ao número de convidados e interessados nos eventos dos últimos meses analisados. Este fenômeno pode ser um indicativo de que, na prática, começa a ocorrer a formação de um núcleo de pessoas que se mantém ativo nas ações que ocorrem no

34. Em Setembro de 2017 um juiz da 14ª vara do Distrito Federal concedeu uma liminar solicitada por uma psicóloga para realizar "pseudoterapia de reversão sexual", o que vai em sentido contrário as normativas do Conselho Federal de Psicologia. A caso gerou inúmeras polêmicas e foi popularmente apelidado de "cura gay".

35. Durante o evento "Espaços Culturais Urbanos" (SESC Bom Retiro) e "Inquietudes Urbanas" (Universidade de São Paulo), ambos ocorridos em São Paulo, as pessoas que estavam "representando" movimentos horizontais de urbanismo bottom-up foram questionadas sobre sua real representatividade para os grupos.

Largo da Batata. Ainda que os dados coletados não possam confirmar a veracidade desse indicativo, a formação de um núcleo de atores fixos nas atividades teria como implicação a configuração de uma certa constância na prática dos movimentos de urbanismo bottom-up, o que podemos identificar como o processo de "formação espontânea de liderança". Este fenômeno ocorre quando uma determinada pessoa ou um determinado grupo passa a atuar em um processo de urbanismo bottom-up com frequência tão superior aos demais que acaba se tornando uma liderança local, não por assumir alguma posição de hierarquia, mas por ter mais conhecimento sobre os processos de engajamento para, por exemplo, a realização de ações, ser mais reconhecido pelos outros integrantes, etc.

Este fato, embora indesejado é frequente nestes processos, e conflita diretamente com os principais ideais de movimentos horizontais, desierarquizados e auto-gestionados. Como diversas vezes debatido em seminários³⁵ e no próprio grupo do Facebook, um grupo que não possui lideranças ou representantes oficiais, na teoria, não poderia ter pessoas se colocando como representantes desses movimentos para diálogos com a mídia e os representando em conferências. Claramente muitas outras questões permeiam essa formação espontânea de lideranças, como a disputa de grupos dentro do próprio movimento de urbanismo bottom-up, a presença constante nos eventos, que de fato faz com que pessoas sejam mais reconhecidas neste meio, e a relação com o Poder Público, que exige a presença de representantes.

Embora essa seja uma análise polêmica sobre um aspecto delicado subjacente aos processos de urbanismo bottom-up, não se trata de um fenômeno tão recente, as próprias Jornadas de Junho, organizadas de maneira muito seme-

lhante, passaram pelos mesmos questionamentos quando a mídia solicitava um líder que pudesse falar em nome do grupo. Este fato está longe de ser compreendido em sua plenitude, tratam-se de novos modelos organizacionais com os quais ainda estamos aprendendo a nos relacionar, tanto individualmente como em grupo.

No que diz respeito à confirmação de presença nos eventos, sabe-se, claramente, que esses números não foram reais na prática, obedecendo a tendência natural de haver muito mais participação no espaço virtual do que no físico. O que não quer dizer, entretanto, que essas pessoas que não foram ao evento presencial não tenham interagido com ele, afinal, receberam informações do evento, souberam o nome de todos os envolvidos e receberam atualizações em tempo instantâneo de tudo o que ocorria no espaço virtual do evento, que muitas vezes eram informações do que ocorria no próprio Largo da Batata.

Como dito na descrição da pesquisa, esse estudo não se propõe a fazer uma análise das atividades presenciais no Largo da Batata, mas sim das atividades de urbanismo bottom-up registradas online. Neste sentido, a análise se focou em compreender quais variáveis no espaço virtual foram responsáveis pelo aumento da popularidade dos eventos.

Ao analisar os eventos mais populares no âmbito dessa pesquisa, no quesito de confirmações de presença, é interessante observar como o evento "SP pelas Diretas Já" apresentou uma pauta muito similar ao evento das Jornadas de Junho, que foram capazes de atrair um público diverso. Já a descrição do segundo evento mais popular em "confirmações de presença", ainda que similar ao primeiro por anunciar grandes shows de músicos renomados e não citar qualquer corrente política ou ideológica, trata-se de um evento come-

morativo do MTST, que devido a relações políticas e partidárias, pode ter gerado certa impopularidade em determinados grupos sociais.

Já no terceiro evento, bem diferente dos dois primeiros tanto na pauta quanto nas ações, pode ser um indicativo de que um excelente "timing" social é capaz de gerar alta popularidade. Os jogos Gaymada que já havia realizado outras edições com aproximadamente 430 confirmações passou para aproximadamente 4.700 no dia 30 de setembro de 2017. O diferencial desse evento em relação aos anteriores foi o momento em que a sua pauta era um dos temas mais discutidos na mídia e redes sociais. (ver tabela 03)

No que diz respeito a predominância da popularidade dos eventos de atos políticos em relação ao número de confirmações de presença, é interessante observar que a maioria dos eventos promovidos pela "A Batata Precisa de Você" estavam mais dedicados à questões urbanas e de transformações espaciais do Largo, do que propriamente a uma demanda política. Talvez este seja, na verdade, um dos motivos pelos quais nenhum dos eventos realizados por este grupo esteja nas primeiras colocações de eventos mais populares. Este fato pode ser um indicativo de que os eventos de transformação espacial não agregam grandes públicos, mas atuam com constância devido às dinâmicas necessárias para realmente realizar transformações espaciais significativas.

Quanto a popularidade dos eventos de acordo com o número de convidados, interessados e confirmados, ainda que não exista uma métrica entre os três níveis de engajamento, é possível afirmar que eles estão diretamente relacionados. Deste modo, é possível dizer que um evento que deseje boa popularidade deve ter: pautas pouco polêmicas, alinhamento com o momento social, conexão com os "trend topics" da

internet e engajar as pessoas para que convidem outras pessoas ao evento. Não é o objetivo desta análise criar um manual de sucesso para eventos ou qualquer tipo de diretriz nesse sentido, mas esses fatores são indicativos de popularidade que merecem ser olhados com atenção. Tampouco faz-se qualquer tipo de contra recomendação sobre pautas polêmicas, mas deve-se levar em consideração que se a proposta do evento for envolver públicos amplos, provavelmente uma pauta de maior consenso tenha maior sucesso.

Imagem 03

Eventos mais populares em níveis de engajamento de público.

Imagem 03.
<https://www.facebook.com/events/720238461389556/>

Imagem 04.
<https://www.facebook.com/events/742823952581601/>

#DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ #DIRETAS JÁ

Imagem 04

batatapérgola

Imagem 05 - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205369101011266&set=gm.896355560413312&type=3&theater> . Postagem de Tom Bojarczuk

8.5 Introdução à análise dos eventos de transformação espacial.

Dentre os 276 eventos analisados no tópico anterior percebeu-se que 51 deles estavam relacionados com intervenções espaciais diretas no Largo da Batata, ou seja, eram convocações para que as pessoas fossem até o espaço e realizassem ações com suas próprias mãos. Estes eventos estão diretamente relacionados com os conceitos e práticas de urbanismo bottom-up desenvolvidas nos capítulos teóricos, como por exemplo DIY, DIWO e hand made urbanism. Pelo fato desta pesquisa estar inserida no campo da arquitetura e do urbanismo, os eventos que se relacionam diretamente com transformações espaciais específicas serão olhados com maior cuidado. É com esse intuito que as análises a seguir foram desenvolvidas.

8.5.1 Análise dos eventos de transformação espacial

Com o intuito de demonstrar a frequência dos eventos dedicados a transformações espaciais ao longo do tempo, foi desenvolvido o gráfico 32. Como pode ser observado, esses eventos não acompanham a mesma frequência da totalidade dos 276 eventos, o que fica claro em uma comparação com o gráfico 17. Por outro lado, embora menos frequentes, a comparação das linhas de tendência dos gráficos 32 e 17 indica que a totalidade dos eventos vem sofrendo ligeira queda, enquanto a frequência dos eventos de transformação espacial, após queda entre outubro de 2016 e julho de 2017 (gráfico 32), apresentam boa recuperação.

A análise no número de confirmados nestes eventos (gráfico 32a) não é tão otimista quanto nos eventos gerais, na

qual é percebida uma tendência de aumento acentuada. Por outro lado, se comparado ao número de interessados (gráfico 32b) e de confirmados (gráfico 32c), pode-se verificar uma tendência de estabilização em comparação às tendências de queda. Este fenômeno corrobora com os indicativos da análise geral dos eventos, que demonstram que ao longo do tempo diminui-se o número de convidados e interessados nos eventos, mas aumentou a quantidade de confirmados, consolidando uma comunidade ativa.

Quanto aos organizadores de eventos, o gráfico 33a indica que 49% dos eventos de intervenção espacial (25 eventos) foram organizados por "A Batata precisa de Você", que também é o maior organizador na análise de eventos totais, com 22,5% do total equivalentes a 62 eventos promovidos. Esses valores nos permitem concluir que desse número, 25 deles estavam ligados diretamente com transformações espaciais.

O segundo maior organizador de eventos relacionados a transformação espacial são as "Batatas Jardineiras", com 6 eventos, desde que iniciaram suas atividades no Largo em março de 2017. O grupo trabalha basicamente com atividades pontuais de plantio de árvores, mudas e construção de canteiros vivos.

Esse grupo confirma o indicativo de que com o tempo existe a tendência de formação de um núcleo reduzido de pessoas que atuam com constância no espaço. Em seus 6 eventos, o número de envolvidos foram respectivamente entre interessados e confirmados, 18 e 8; 80 e 10; 4 e 3; 28 e 9; 39 e 4; 26 e 8. Esses dados são muito diferentes daqueles apresentados nos grandes eventos que envolvem shows, artistas renomados e atos políticos. Se somado todos os confirmados em todos os eventos de intervenção espacial e dividir

GRÁFICO 32

EVENTOS relacionados a alterações espaciais.

N° de Confirmados
4.388
 N° de Interessados
4.515
 N° de Convidados
34.812
 N° de Eventos
51

GRÁFICO 32A

LINHA DE TENDÊNCIA DO
 número de
 confirmações em
 eventos

GRÁFICO 32B

LINHA DE TENDÊNCIA DO
 número de interessados
 em eventos

GRÁFICO 32C

LINHA DE TENDÊNCIA DO
 número de convidados
 para eventos

esse número pelo número total de eventos, chega-se a uma média de 86 pessoas por evento. Como se sabe, existe uma grande redução do total de confirmados no evento virtual quando comparado ao número de pessoas que realmente vão ao evento presencial, o que demonstra o quão pequenos esses eventos realmente foram em termos de participantes se comparados aos eventos gerais.

É interessante observar que entre os 9 maiores organizadores de eventos relacionados à transformação espacial, apenas 3 deles possuem mais do que 1 evento realizado. Por ordem decrescente, os maiores organizadores realizaram

25, 6 e 2 eventos, do terceiro maior realizador em diante, todos se igualam com apenas 1 evento realizado. Por meio desta análise fica ainda mais evidente a preponderância do organizador "A Batata Precisa de Você", principalmente quando a temática dos eventos é a transformação espacial.

Além do volume de eventos realizados por cada organizador é possível verificar pelo gráfico 33b as categorias de Facebook, com as quais os próprios organizadores se clas-

GRÁFICO 33A

NESTE GRÁFICO VERIFICA-SE A PORCENTAGEM DE EVENTOS RELACIONADOS A ALTERAÇÃO ESPACIAL REALIZADOS POR CADA UM DOS ORGANIZADORES.

- A Batata Precisa De Você 49%
- Batatas Jardineiras 11,8%
- Instituto A Cidade Precisa de Você 3,9%
- Doria, pra que destruir nosso parquinho? 2,0%
- Laura Sobral 2,0%
- Ana Luiza Pradella 11 99629-6652 2,0%
- Sociedade civil + coletivos Largo da Batata + Subprefeitura de Pinheiros+Fernanda Salles + Sasha Hart + Rachel Schein 2,0%
- Sergio Reis e Nik Sabey 2,0%
- ZPB - Zeladoria do Planeta Brasil 2,0%
- outros 23,5%

sificam, quais são as mais ativas na realização de eventos. Neste quesito existe uma grande preponderância dos organizadores que se definem como "comunidade", que realizaram 64,7% do total de eventos. Essa grande preponderância se deve ao fato dos 2 maiores organizadores estarem na mesma categoria, "comunidade", e serem responsáveis por 60,8% do total de eventos. A única categoria além de "comunidade" que possui mais do que um evento realizado é "Organização

não Governamental" e se deve aos 2 eventos realizados pelo "Instituto A Cidade Precisa de Você".

Em termos de valores absolutos de eventos realizados, é possível verificar no gráfico 34 a diferença entre os 3 principais organizadores e a sequência dos demais organizadores que não realizaram mais do que 1 evento. No total, foram contabilizados 21 organizadores de eventos como os responsáveis pela organização dos 51 eventos de transformação espacial. Destes 21 organizadores, 18 deles organizaram apenas 1 evento. Ainda que o volume de 51 eventos se deva

GRÁFICO 33B

NESTE GRÁFICO VERIFICA-SE A PORCENTAGEM DE EVENTOS RELACIONADOS A ALTERAÇÃO ESPACIAL REALIZADOS POR DIFERENTES CATEGORIAS DE ORGANIZADORES.

- Comunidade 64,7%
- Pessoa Física 21,6%
- Organização não governamental (ONG) 3,9%
- Entretenimento 2,0%
- Artista 2,0%
- Jogos 2,0%
- Organização sem fins lucrativos 2,0%
- Coletivo 2,0%

às atividades promovidas pela "A Batata Precisa de Você", vale ressaltar que as atividades deste grupo são cada vez mais raras, como pode ser observado no gráfico 19. Vale ressaltar, que o último evento relacionado a transformação espacial promovido pela "A Batata Precisa de Você" ocorreu em 26 de junho de 2016.

É interessante comparar esta análise com a retomada do fluxo de eventos de transformação espacial iniciada em julho de 2017, o que nos demonstra que as atividades recentes estão vinculadas a grupos menores e que realizam atividades pontuais.

Sobre a atuação dos principais organizadores, é possível verificar no gráfico 35 como foi a frequência de suas atuações ao longo do tempo. Devido ao fato de

apenas 3 organizadores terem realizado mais do que 1 evento, a maioria das atividades foi pontual, mas vale ressaltar que a maioria delas ocorreu após março de 2016, quando a "A Batata Precisa de Você" já havia realizado a grande maioria de seus eventos, faltando apenas 2 que seriam realizados em junho. A análise do gráfico 35 demonstra também que a distribuição dos eventos de acordo com seus organizadores foi concentrada em blocos. Ainda que o principal organizador tenha atuado entre abril de 2014 e junho de 2016 para realizar os 25 eventos de transformação espacial, 19 deles foram realizados até novembro de 2015. O segundo maior organi-

zador de eventos teve suas 6 atividades concentradas em 9 meses, de março a dezembro de 2017 e o terceiro maior organizador concentrou suas atividades em 3 meses, de outubro a dezembro de 2015.

A concentração das atividades promovidas pelos grandes organizadores, que somam 64,7% do total de eventos, e a dispersão de atividades pontuais de outros grupos, que somam 35,3% do total das atividades, conduziram a pesquisa à uma investigação para saber se havia algo comum conectando as atividades de transformação espacial desses grupos.

Ainda que os eventos promovidos tenham sido realizados por diferentes organizadores que se denominam em diferentes categorias, buscou-se compreender quais eixos convergentes conectam os eventos e pessoas que se propunham a realizar transformações espaciais no Largo. Neste sentido foi feita uma pesquisa sobre o universo verbal desses eventos por meio de suas descrições em seus espaços virtuais no Facebook. A palavra mais utilizada pelos organizadores de eventos de transformação espacial foi "espaço", repetida 81 vezes na descrição de 51 eventos. Na sequência do ranking das palavras mais utilizadas, seguem "vamos" com 67 vezes, "Largo" com 66, "cidade" com 50 e "construção" com 35. A lista das imagens mais utilizadas por ser conferida na tabela 03 e na "word cloud" apresentada na sequência, que demonstra de forma visual o universo verbal utilizado.

TABELA 03

espaço	81	vocês	18
vamos	67	lixo	18
Largo	66	sabe	18
cidade	50	vez	18
construção	35	há	18
ocupação	34	possibilidades	17
sempre	33	organização	17
melhor	32	cuidar	17
PRECISA	31	picnic	17
VOCÊ	31	temos	17
podem	30	grupo	17
gente	28	traga	17
sua	27	participação	16
nossa	26	permanente	16
conversa	25	encontros	16
batata	24	melhorar	16
Vamos	24	proximos	16
trazer	21	vencedor	16
público	20	diversão	16
sexta	20	horário	16
tudo	20	fazendo	16
atividades	19	atenção	16
processo	19	depois	16
ideia	19	chuva	16
lugar	19	geral	16
suas	19	civil	16
sexta-feira	18	ações	16
qualidade	18	toda	16
maneira	18	base	16
aberto	18	seus	16

GRÁFICO 35

Nº de Eventos 51 Nº de Convidados 34.812 Nº de Interessados 4.515 Nº de Confirmados 4.388

ATUAÇÃO DOS PRINCIPAIS ORGANIZADORES DE EVENTOS RELACIONADOS À TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

8.5.2 Análise geral dos evento de transformação espacial.

Sobre a análise da frequência de eventos, pode-se dizer que o fato de haverem menos confirmados ao longo do tempo do que os eventos gerais (apesar da tendência de estabilização), talvez seja um indicativo de que as grandes ações de transformação espacial, como as oficinas abertas de mobiliário, tenham acabado, e que agora pequenos grupos, como "As Batatas Jardineiras", estejam promovendo ações menores e mais constantes com um número estável de presentes, ainda que reduzido.

No que diz respeito ao número de confirmações de presença nos eventos relacionados a intervenções espaciais, os dados demonstram que esses eventos não possuem grande potencial de engajamento, mas parecem atrair um público frequente, que participa constantemente dessas atividades. Esse indicativo, se comparado com o público que frequenta os eventos gerais, demonstra como existem, de fato, duas escalas de transformação espacial presentes no processo de urbanismo bottom-up do Largo da Batata. Se de um lado grandes eventos ocupam o espaço atraindo extenso público e gerando grande movimentação, de outro, grupos menores trabalham na transformação espacial em pequena escala, como a produção de mobiliário urbano e canteiros de plantas.

Neste ponto fica evidente um novo fator: as transformações em grande escala, necessárias para receber multidões, dependem de ações do Poder Público, que incluem desde o fechamento de vias até a instalação

de sanitários móveis. Por outro lado, com a escala do indivíduo, os processos DIY parecem ser mais eficientes por compreenderem a escala humana na praça, fato que o Poder Público não tem demonstrado interesse e habilidade para absorver como demanda em seus enrijecidos processos de projeto.

Outro ponto que merece ser analisado com atenção é a diminuição das atividades promovidas pelo principal organizador de eventos, que mais uma vez pode ser um indicativo da consolidação das atividades de pequenos grupos. Este apontamento não tem como objetivo realizar um juízo de valor positivo e/ou negativo sobre a atuação de qualquer grupo em particular, mas a diminuição das atividades de atores centrais pode ser fundamental para evitar a formação de lideranças em processos horizontais. É possível, inclusive, que a determinação dos grandes organizadores em fazer os primeiros eventos com tamanha frequência tenha sido despertada a partir de um comportamento emergente, fazendo com que novos grupos auto-gestionados passem a intervir no Largo.

Do total de 62 eventos promovidos pela "A Batata Precisa de Você", 57 deles foram organizados antes de março de 2016, e no que diz respeito a eventos dedicados a transformação espacial, apenas mais dois foram realizados após essa data. Vale ressaltar que a maior concentração de atividades individuais após março de 2016 é mais um indicativo da redução da atuação de grandes atores e da entrada de organizadores de eventos menores e pontuais.

A concentração das atividades dos maiores organizadores em períodos específicos e a concentração das

ações dos organizadores individuais principalmente após março de 2016 podem indicar, também, que com o tempo, grandes grupos não conseguem sustentar a frequência de suas ações, enquanto pequenos grupos, provavelmente influenciados pelas grandes ações anteriores, começam a realizar atividades pontuais no espaço do Largo.

Sobre a análise da conexão entre os eventos por meio do universo verbal é possível verificar um eixo comum, que conecta todos os eventos, com um sentido de "convocatória para a ação". Nas palavras mais utilizadas, podemos identificar palavras com sentidos similares buscando estabelecer a construção de um imaginário comum para a ação coletiva no espaço. Algumas palavras, como por exemplo "cidade", "ocupação", "construção", "público", "atividades" e "processo" conseguem elucidar este fenômeno. Do ponto de vista dos eventos, parece haver uma ideia de coletividade e do ponto de vista dos indivíduos que participam desses eventos parece existir a ideia de conexão com os demais eventos que já ocorreram.

8.6 Introdução à análise do grupo no Facebook.

O período de atividades do grupo analisado por essa pesquisa está compreendido entre 21 de março de 2014 e 29 de dezembro de 2017, estas são, respectivamente, as datas da primeira e da última postagem analisada.

No total foram coletadas e analisadas 6.107 postagens que se dividem entre fotos, links, status, eventos, vídeos e notas. Algumas informações presentes nos dados e gráficos seguem escritas na língua inglesa, ou seja, no mesmo formato em que estes dados foram extraídos do próprio Facebook. Por não haver nenhum prejuízo na manutenção desta escrita ao longo da pesquisa e por facilitar a comparação e utilidade desta pesquisa com demais análises de rede que utilizem o Facebook como fonte de dados, optou-se por deixá-las em sua forma padrão.

Espera-se ter esclarecido na descrição do capítulo de materiais e métodos que alguns dados referentes a eventos possuem certa discrepância em relação à realidade, como por exemplo entre o número de confirmados e de pessoas que realmente compareceram aos eventos. No caso da análise deste grupo as diferenças praticamente não existem, visto que a análise é feita sobre as atividades que aconteceram neste espaço virtual, ainda que em muitos casos impacte em atividades físicas no espaço do Largo. Com o objetivo de compreender as atividades e dinâmicas deste grupo foi realizada a análise que se apresenta na sequência.

8.6.1 Análise das atividades no grupo do Facebook.

Na análise dos padrões de comportamento que ocorrem no Facebook considera-se que existem 3 níveis de interação com uma postagem, que determinam maior ou menor envolvimento. Em ordem crescente de envolvimento, os níveis de interatividade são "reaction" (reações), "comment" (comentários) e "share" (compartilhamentos). As reações (reaction) são os níveis mais simples e usuais de se interagir com uma publicação, e ocorrem quando se clica no botão "like" (curtir) de uma postagem utilizando o símbolo do polegar levantado ou uma de suas variáveis em emojis. O segundo nível de interação acontece quando um usuário utiliza o espaço de "comentários" (comments) de uma postagem para deixar uma mensagem ou criar um canal de hyperlink para que algum outro usuário veja aquela mesma mensagem. Esse procedimento é conhecido no Brasil como "marcar uma pessoa nos comentários" e pressupõe um nível de interatividade maior do usuário com a postagem, pois além do maior tempo dedicado à interação, a partir do momento que um usuário comenta em uma postagem ele tende, a depender do algoritmo do Facebook, a receber notificações sobre ela. O terceiro nível é o compartilhamento (share), no qual o usuário compartilha uma postagem em a sua própria página pessoal, ou de terceiros, a fim ampliar a sua divulgação. Nesse caso o usuário não apenas reage a uma postagem vista ou faz um comentário sobre ela, mas passa a ser seu próprio difusor, elevando o alcance da postagem para que impacte mais pessoas.

Para analisar as atividades que ocorreram no grupo "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!" a primeira medida foi o desenvolvimento do gráfico 36, que demonstra ao longo do tempo 4 variáveis: "Post-published" que se refere a atividade de postagem no grupo, "reactions_count_fb" que se refere a quantidade de reações que uma postagem teve, "comments_count_fb" que se refere ao número de comentários que uma postagem recebeu e "share_count_fb" que se refere a quantidade de vezes em que uma publicação foi compartilhada. No total foram contabilizadas 6.093 postagens, 74.954 reações, 21.279 comentários e 1.262 compartilhamentos.

Como pode ser observado as atividades de postagem ocupam uma posição central no gráfico, estando abaixo do número de reações e de comentários, o que já era imaginado ao levar-se em consideração que cada postagem feita tenha pelo menos duas reações e dois comentários, principalmente por estarem em um grupo com mais de 6.000 membros. O número de compartilhamentos, entretanto, segue uma linha bem abaixo do número de postagens, se aproximando delas apenas em março de 2017. Neste período acontece inclusive um fenômeno atípico na ordem cronológica, que faz com que ocorram mais compartilhamentos de postagens do que novas postagens em si. No mês de julho de 2017, inclusive, o volume de compartilhamentos quase se iguala ao de comentários.

Os gráficos 37a e 37b demonstram como o volume de reações está sempre muito acima do número de postagens, que é acompanhado proporcionalmente pelo volume de comentários. Já o gráfico 37c demonstra como o número de compartilhamentos tende a fi-

car abaixo do número de publicações, o que significa que nem toda postagem é compartilhada. Análise mais significativa da comparação destes três gráficos é que o "compartilhamento", indicativo de interatividade menos usual, é o indicador de interatividade que, na verdade, mais cresce ao longo do tempo de análise.

Analisando as postagens e seus níveis de engajamento pelas 3 variáveis, como demonstrado no gráfico 36, pode-se observar que as "reações" e "comentário" acompanham de maneira quase sincrônica as postagens realizadas. Já os compartilhamentos apresentam uma baixa significativa e destoante entre os meses de junho e novembro de 2015. A ausência de compartilhamentos das postagens realizadas no grupo, que podem ser um indicador da baixa interatividade no processo de urbanismo bottom-up com o público, não apresentam qualquer relação com a frequência dos eventos realizados no espaço ou o engajamento do público nesses eventos (ver gráficos 17 e 28), afinal nesses casos a participação esteve dentro das variáveis esperadas.

Na busca por compreender mais sobre quais são os fatores que fazem com que uma postagem tenha maior ou menor interatividade entre os usuários, construiu-se o gráfico 38. Este gráfico demonstra uma segmentação das 6.093 postagens em 6 categorias: photo, link, status, event, video e note. Pode-se observar que existe ampla predominância na postagem de photos, que representam 37,2% do total de postagens e é equivalente a 2.264 postagens. As duas próximas categorias mais utilizadas são links e status, que representam praticamente a mesma porcentagem do total, respectivamente 23,8% e 23,4%. O gráfico 39 permite uma melhor

GRÁFICO 36

POSTAGENS realizadas no GRUPO DE FACEBOOK "A BATATA PRECISA DE VOCÊ!"

GRÁFICO 36A

Linha de Tendência das "reactions"

GRÁFICO 36B

Linha de Tendência dos "comments"

GRÁFICO 36C

Linha de Tendência dos "shares"

NOS GRÁFICOS 37A, 37B e 37C é POSSÍVEL analisar como as reações, comentários e compartilhamentos acompanharam o TOTAL DAS PUBLICAÇÕES ao LONGO DO TEMPO.

GRÁFICO 37A

GRÁFICO 37B

GRÁFICO 37C

elucidação dos valores absolutos de postagens de cada categoria além de demonstrar as diferenças no volume de postagens de cada uma.

Após compreender o percentual de utilização de cada uma das categorias, foram criados mais 3 gráficos (40a, 40b e 40c) que organizam os dados para que sejam feitas análises a respeito de como cada uma das 6 categorias de postagem se relacionam com os 3 níveis de engajamento, reactions, comments e shares. A análise desses 3 gráficos leva sempre em consideração o percentual de cada categoria no total de postagens,

como indicado no gráfico 39. No gráfico 40a é possível observar que as postagens de photos, que representam 37,2% do total de postagens, receberam 51,6% do total das reações. Este dado pode ser um indicativo de que a popularidade de fotos como categoria mais utilizada, é justificada pelo bom engajamento obtido com as reações. As duas categorias de postagem que ocupam a segunda e terceira colocação no gráfico 40a demonstra ligeira perda em relação a suas porcentagens no total de postagens, gráfico 39, e caem respectivamente de

GRÁFICO 38 6.093

OS 6093 POSTS ANALISADOS SE DIVIDIRAM EM 6 CATEGORIAS APRESENTADAS NA SEQUÊNCIA TANTO EM PORCENTAGEM QUANTO EM VALORES ABSOLUTOS

● photo	2.264
● link	1.449
● status	1.426
● event	539
● video	414
● note	1

GRÁFICO 39

OS 6093 POSTS ANALISADOS (100%) SE DIVIDIRAM EM 6 CATEGORIAS APRESENTADAS NA SEQUÊNCIA DE ACORDO COM A SUA PORCENTAGEM.

23,8% para 19,6% e de 23,4% para 17,6%. Tendo em vista que a postagem de notas não é representativa, as duas últimas categorias, event e video trocam de posição. Event, que ocupava a quarta posição no total de postagens com 8,8% só obtém 5,2% do total de reactions e cai para a quinta colocação. A categoria "video", que estava em quinto lugar do total de postagens com 6,8%, também sofre uma queda, mas se mantém acima da categoria event com 6,1%, quarta colocação.

No gráfico 40b as porcentagens indicadas são referentes ao total de "comments" que cada categoria de postagem recebeu em comparação com o total. Este gráfico demonstra que na interatividade por "comments" a categoria "photos" ainda aumenta seu potencial de engajamento em relação ao total de suas postagens (gráfico 39), indo de 37,2% para 46,1%, mas já não é tão interativa quanto no volume de "reactions" (51,6% demonstrados no gráfico 40a). O grande destaque indicado no gráfico 40b é o potencial de interatividade da categoria "status", que possuindo 23,4% do total de postagens (gráfico 39) e 17,6% do total de "reactions" (gráfico 40a) sobe para 34,1% do total de comentários (gráfico 40b) e ocupa a segunda posição substituindo link, que cai para terceira posição com apenas 12,2%. As outras três categorias perdem espaço na interatividade por "comments", e somadas chegam a apenas 19,85% do total.

O gráfico 40c relativo a categoria "share", demonstra que essa é opção menos utilizada pelos usuários. Neste gráfico, novamente, a categoria "photos" está em preponderância com 50,3% do total. A categoria "link" volta ao segundo lugar com 22,6% e o "status" a tercei-

ra posição com 12,7%. A composição deste gráfico, em termos de porcentagem, é razoavelmente similar à do gráfico 40a, o que pode ser um indicativo de que essas categorias se comportem de maneira semelhante nas interações por "reactions" e "shares", tendo suas maiores diferenças na interação por "comments".

Uma vez analisado como as diferentes categorias de postagem conseguem engajar o público, a pesquisa se dedicou a entender se as diferentes categorias foram postadas com a mesma frequência ao longo do tempo ou se existiram momentos em que determinadas categorias de postagem foram mais frequentes do que outras. O gráfico 41a demonstra que, embora ocorram variações, e guardando as proporções de postagem de cada categoria, elas foram postadas razoavelmente com a mesma frequência. Observa-se também, que ao longo de todo o período analisado ocorreu uma diminuição gradual no volume de postagens, de maneira proporcional em todas as categorias. A maior exceção ocorre entre junho e outubro de 2017, quando as postagens de "photos" aumentam com ligeira desproporção em relação aos demais que ficam bastante próximos neste período.

O gráfico 41b reproduz o gráfico 41a, mas insere sobre ele as curvas de tendência de postagem de cada uma das categorias. É possível observar pelas curvas de tendência que embora todas as categorias de postagem estejam em movimento de redução desde dezembro de 2014, elas se estabilizaram em março de 2017 e iniciaram um processo de aumento gradual no volume de postagens que se mantém até o final do período analisado.

GRÁFICO 40A

NESTE GRÁFICO CADA CATEGORIA É APRESENTADA DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE REAÇÕES QUE GERAROU.

GRÁFICO 40B

NESTE GRÁFICO CADA CATEGORIA É APRESENTADA DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE COMENTÁRIOS QUE GEROU.

GRÁFICO 40C

NESTE GRÁFICO CADA CATEGORIA É APRESENTADA DE ACORDO COM A QUANTIDADE DE COMPARTILHAMENTOS QUE GEROU.

8.6.2 Análise geral do grupo no Facebook.

A análise da interatividade com as postagens no grupo de Facebook demonstra semelhanças com a análise dos eventos que ocorreram no Largo da Batata, e destaca alguns indicativos importantes sobre o processo de urbanismo bottom-up analisado. Como demonstrado no gráfico 17, a quantidade de eventos sofre uma diminuição gradual, assim como o número de convidados, conforme demonstrado no gráfico 28c. Já o gráfico 28b demonstra uma curva de tendência praticamente estável, sem conseguir um grande engajamento do público interessado. Embora este fenômeno possa demonstrar um desinteresse do público no caso dos eventos, ele é compensado por uma crescente elevação no número de confirmados (ver gráfico 28a). Ainda que não possam ser comparadas em números, a análise das movimentações no grupo do Facebook (ver gráfico 36) são muito semelhantes ao que ocorre com a interatividade nos eventos. Se comparada a redução do número de eventos com a redução no número de postagens, a redução no número de convidados com a redução no número de "reactions" e a estabilidade do número de interessados com a queda no número de "comments", seria possível dizer que são indicativos da decadência deste processo de urbanismo bottom-up. Mas assim como acontece com os eventos, pode-se também comparar o aumento do número de confirmados com o aumento no número de "shares". Sobre esse fenômeno, ressalta-se ainda, que essas são as categorias de envolvimento, confirmados e shares, respectivamente nos eventos e

UTILIZAÇÃO DAS DIFERENTES CATEGORIAS DE POSTAGEM AO LONGO DO TEMPO. NO GRÁFICO 41A É POSSÍVEL ACOMPANHAR O FLUXO real DE CADA TIPO DE POSTAGEM e no GRÁFICO 41B a LINHA DE TENDÊNCIA DE CADA UM DOS TIPOS DE POSTAGEM

no grupo, que demonstram o maior índice de interatividade, ou seja, são as categorias mais significativas que sofrem aumento com o passar do tempo, o que mais uma vez tende a indicar a formação de uma comunidade.

O período de diminuição no volume das postagens de todas as categorias (ver gráfico 41b), entre março de 2015 e maio de 2017, coincide com o período em que os maiores organizadores de eventos, principalmente a "A Batata Precisa de Você", diminuí significativamente suas atividades na organização de eventos (ver gráficos 18 e 19). Já o período de recuperação, em que as postagens voltam a experimentar um aumento de fluxo, entre maio de 2017 e dezembro de 2017 (ver gráfico 41b), coincide com o aumento da promoção de eventos por organizadores menores e que muitas vezes realizam atividades pontuais. Esta pode ser uma justificativa para a recuperação e o aumento discreto nas postagens, que talvez estejam sendo realizadas por grupos menores, porém mais constantes. Embora o grupo não seja um espaço de discussão exclusiva sobre os eventos que acontecem no Largo, não se pode negar que exista uma relação entre o engajamento das atividades na camada física e na camada digital, afinal isso seria negar que os processos de urbanismo bottom-up ocorrem em um espaço híbrido. A relação entre essas duas camadas, demonstradas no gráfico 41a, indicam que de fato as duas camadas de um espaço unificado estão sujeitas aos mesmos estímulos e ações, compondo um espaço único.

No que diz respeito ao índice de "reactions" por categorias de postagens, que é considerado um primeiro

estágio de envolvimento do público, no qual o tempo de interação tende a ser menor, as fotos demonstram ser um excelente meio de comunicação. Há ainda no gráfico 40a uma mudança de posição entre duas categorias, que embora não sejam tão significativas, indicam uma ligeira vantagem de "video" em relação a "event". É possível que isso se deva ao fato do envolvimento com os eventos ocorrer através da confirmação de presença ou demonstração de interesse no espaço virtual do próprio evento do que por reações à divulgação do evento. Vale ressaltar que tanto no gráfico 40b quanto no gráfico 40c essa troca se mantém, em ambos a categoria "event" também ocupa a 5ª colocação.

O crescimento no percentual de interatividade da categoria "status" na quantificação de "comments" (ver gráfico 40b) pode ser um indicativo de que ao escrever um texto em "primeira pessoa", como são as postagens da categoria "status", abre-se um canal de comunicação mais direto entre membros. Ainda que não haja confirmação desses indícios, é possível que isso ocorra devido a "relação pessoal" com quem se comunica no espaço híbrido. O reconhecimento de outra pessoa como propagadora da mensagem pode induzir mais a diálogos do que ao compartilhamento de uma imagem ou de um link. Por não se tratar de uma pesquisa inserida no campo da "Comunicação" opta-se por não aprofundar este tema, acrescentando apenas este indicativo. Já a maior popularidade das fotos na porcentagem total de "shares" pode ser um indicativo de que as mensagens rápidas são mais visualizadas e facilmente compreendidas, aumentando as chances de serem compartilhadas.

Ainda que não haja qualquer pretensão em se cons-

truir um guia ou manual de boas práticas para conseguir bom engajamento no espaço híbrido frente a processos de urbanismo bottom-up, as análises da interatividade com cada categoria de postagem podem gerar indicativos interessantes para a ação nestes grupos.

9. Conclusões

Antes de apresentar as conclusões da pesquisa, vale ressaltar, tendo em vista a contemporaneidade do tema estudado e o desenvolvimento da metodologia utilizada, que a pesquisa é consciente em relação aos riscos de se realizar uma análise sobre um fenômeno em curso. As possibilidades de superação metodológica por avanços tecnológicos ou novos rumos dos fenômenos analisados são reais mas ainda imprevisíveis, por outro lado não se pode esperar uma postura de estanqueidade das investigações científicas frente a um fenômeno como o urbanismo bottom-up, que já alcançou tamanha dimensão e disseminação. Neste sentido, tendo claro o momento e os riscos envolvidos nesta produção é que se apresentam as seguintes conclusões.

Ao analisar as transformações sociais em curso é possível verificar que por meio das redes de comunicação os movimentos de urbanismo bottom-up trocam experiências, compartilham informações e atuam de maneira conjunta, ainda que distantes fisicamente, no que talvez possa ser considerado um enfrentamento de forças globais de produção do espaço urbano. As "hordas desorganizadas de produtores de cidade" definida por Harvey parecem começar a encontrar novas formas de organização que as permitem enfrentar, de certa maneira, o ímpeto de um fluxo internacional de capital que impacta diretamente na conformação urbana das cidades. Esse fenômeno pode ser visto em vários casos concretos, como no Movimento Ocupe Estelita, no Parque Augusta, El Campo de Cebada e no Parque Gezi.

Neste sentido, a crítica de Bauman (2009) referente a incapacidade de enfrentamento ao capital desterritorializado, começa a ser revista por novas possibilidades emergentes. Isso não significa que as atividades de especulação imobiliária estejam sendo ameaçadas, mas que novos atores urbanos estão criando obstáculos ao *modus operandi* da produção urbana.

O que se constata com esse fenômeno de apropriações públicas dos espaços das cidades é que os indivíduos têm assumido de maneira cada vez mais direta o papel de construtores e transformadores diretos do espaço urbano. Por meio dessas pequenas ações de transformação direta, causas comuns tem sido construídas, como por exemplo, a manutenção de canteiros no Largo da Batata ou a construção de um parquinho para as crianças. Indivíduos que querem construir um parquinho para as crianças brincarem não necessariamente concordam com as ações relacionadas à liberdade de gênero que ocorrem no Largo da Batata, mas a construção de brinquedos infantis os faz convergir e conviver, independente de outras discordâncias ou concordâncias. Essas dinâmicas indicam que a proposta teórica de Žižek (2012), para a construção de "projetos universais" capazes de fazer indivíduos diferentes convergirem, encontram ressonância nas práticas de urbanismo bottom-up. Não que a pauta urbana seja por si só uma causa capaz de agregar diferenças, seria demais utópico e cerceador de liberdades pensar em um projeto amenizador dos conflitos inerentes ao espaço público, mas pequenas ações de transformação do espaço

público demonstram possuir esse potencial de "projeto universal".

Com o avanço nas TICs e por meio da consolidação do espaço híbrido tornou-se possível a virtualização das dinâmicas dos processos de urbanismo bottom-up, tanto em tempo real, como na transmissão de eventos, quanto como base de informações que podem ser utilizadas, por exemplo, por essa pesquisa ou por outros movimentos de urbanismo bottom-up que desejam realizar atividades similares. Mas o que se destaca de mais relevante na disponibilidade de informações no espaço virtual é a rede de nós que passam a se conectar por meio dessa atuação híbrida. Uma vez que as ações, debates e propostas são disponibilizados na rede social digital, possibilita-se que outros indivíduos utilizem essas informações para gerarem propostas inovadoras.

Deste modo, deve-se levar em consideração também que as páginas com baixo volume de postagens, ou seja, que não fornecem muitas informações sobre suas atividades, tem poucas conexões e baixa popularidade, o que as distancia das demais. Neste sentido, quanto mais as páginas de movimentos bottom-up atuam nas redes sociais mais interagem e mais se conectam, e como coloca Franco (2015), quanto mais se interage, menores ficam os graus de separação. Esse fator pode ser um indicativo de que o volume de atuação no espaço virtual seja responsável pela conexão entre os movimentos de urbanismo bottom-up.

O caráter globalista da atuação destes movimentos se comprova com a concomitância de seu surgimento,

com a presença de temas comuns e com suas dinâmicas de ocupação e transformação do território. Ainda que adaptados a cada realidade, os movimentos de urbanismo bottom-up enfrentam situações delicadas com a polícia e com construtoras, discutem o direito à cidade e políticas públicas, produzem mobiliário urbano e atividades de plantio de árvores. A pesquisa prática confirma a hipótese de que os movimentos bottom-up estão conectados em escala global, não apenas com outros movimento bottom-up mas também com organizações de diversos setores.

Outro ponto em comum que une esses movimentos no Brasil são as pautas urbanas presentes nas Jornadas de Junho e a cultura organizacional dos movimentos sociais herdadas a partir da Primavera Árabe. A horizontalidade na organização se comprova, inclusive, pelos conflitos existentes entre os núcleos de um mesmo grupo, como por exemplo entre skatistas e produtores de mobiliário urbano no Largo da Batata. Neste caso, mais uma vez, a análise das redes sociais se mostra um excelente meio de investigação para descobrir os pontos de tensão, as opiniões sobre pautas polêmicas e os dados em larga escala sobre cada conflito que impacta na transformação urbana.

Levando em consideração que aproximadamente 40% da rede do "nó 01" são nós que se dedicam a pauta urbana, é possível dizer que os movimentos formam, de fato, uma rede de atuação. Se considerarmos que o aumento na interação gera aproximação, é provável que essa rede se fortaleça gerando resultados em duas

escalas. Na mais direta delas, conecta os indivíduos que atuam em cada movimento, gera compartilhamento de experiências e aproxima a atuação dos grupos. Na escala indireta uma rede com alta interatividade fica mais forte e mais visível, quanto maior a interação entre determinados grupos mais visíveis eles se tornam, o que potencializa a divulgação de suas atividades e atrai novos indivíduos interessados

No que diz respeito a divulgação das atividades desses grupos, a conexão do "nó 01" com demais nós atuantes tanto em escala municipal como nacional demonstram mais uma vez o potencial dos movimentos bottom-up como novos atores urbanos. Grupos como "Praias do Capibaribe", "Parque Augusta", "Movimento#OcupeEstelita" e "A Batata Precisa de Você" foram diversas vezes matérias de grandes veículos de comunicação, como o jornal El País, a Folha de São Paulo e Estadão. Esse fato demonstra que suas atividades não passam despercebidas, suas atuações são contundentes e impactam tanto o espaço urbano quanto o contexto social onde estão inseridos. Ainda que na maioria das vezes esses nós tenham sido noticiados de maneira independente, é inegável sua atuação conjunta, fato que pode ser comprovado pela criação de uma página compartilhada entre o movimento "Praias do Capibaribe" e "A Batata Precisa de Você". A página se chama "A Cidade Precisa de Praias" e se dedica às atividades promovidas em conjunto pelos dois movimentos.

O período compreendido entre o final de 2013 e o início de 2014 registrou o maior número de criação de nós pertencentes a rede do "nó 01", isso fortalece os indicativos da relação entre os movimentos de urbanismo

bottom-up no Brasil e as Jornadas de Junho. Se analisarmos este fenômeno sob a ótica de Steven Johnson, os grupos de urbanismo bottom-up representam um comportamento emergente, uma resposta às informações trocadas naquele contexto social, ou melhor, uma reação, uma nova maneira de se comportar de acordo com alterações que estavam em curso. Com o tempo esse fenômeno foi se repetindo, surgiram novos grupos em novos locais e o comportamento se tornou um padrão emergente. O contexto social se transformou, novas dinâmicas surgiram e essa nova conformação passou a abrigar esse novo comportamento como parte natural de suas dinâmicas. Hoje já não surpreende o surgimento desses grupos. Essa aplicação da teoria de Johnson pode ser um indicativo que os processos de urbanismo bottom-up são um comportamento natural às dinâmicas das cidades contemporâneas, talvez intrínsecas a elas, mas que também geram impactos que podem transformá-las.

É interessante analisar sobre o início desse padrão de comportamento que, embora tenha um momento específico caracterizado por maior crescimento, alcançou novos grupos que continuaram surgindo, e que a entrada de diferentes movimentos ao longo do tempo também acompanha os fenômenos de swarming, conforme analisado na pesquisa do estudo de caso. A aparição desses swarmings e as pautas presentes nos momentos de criação dos nós são mais um indicativo de que esses grupos surgem como resposta a informações trocadas no meio, ou seja, surgem de acordo com temas e dinâmicas que permeiam o contexto social.

Embora, em certa medida, os dados disponíveis no

Facebook possam não corresponder ao que ocorre de fato no espaço urbano, é impossível dissociá-los. Tomando como exemplo um evento, é preciso ter clareza que caso organizado no virtual mas cancelado no espaço físico, esse fato não implica na perda de sua significância ou desconsideração de seu impacto. Embora possa não ter ocorrido no Largo, ocorreu na camada virtual, agregou pessoas, gerou discussões, impactou pelo conteúdo proposto e aproximou indivíduos que se interessam por assuntos comuns. Neste sentido, eventos cancelados ou propostas que não se materializaram, embora possam parecer insignificantes do ponto de vista de práticas urbanas tradicionais, neste formato passam a gerar informações e elucidar dinâmicas urbanas fundamentais para a compreensão e futuras transformações das cidades.

Por se tratarem de novas maneiras de organização social, é necessário compreender que o viés, positivo ou negativo, das organizações emergentes não se dará pelo modelo de organização, mas, sim, pela intenção dos indivíduos e atores sociais envolvidos. O que se constata com essa observação é que estamos diante de um novo campo para disputas de poder, por isso a necessidade de compreender com mais profundidade as diferentes possibilidades de utilizar os modelos organizacionais para construir laços sociais, visto que também estarão sendo utilizados para fazer prevalecer interesses particulares.

A questão dos BIDs apresentada por Mariana Fix (2007) aponta para a reflexão de que a princípio os movimentos de urbanismo bottom-up se propõem a gestionar os espaços de maneira aberta e transparente,

mas a ausência de vínculos com as instituições do Poder Público é um fator que demonstra possibilidades diversas e ambíguas de cooptação. Este ponto merece atenção e uma cobrança de posicionamento do Poder Público, que precisará criar mecanismos que permitam essas práticas mas que garantam o caráter público e democrático das atividades. Neste sentido, o que fica evidente, é a necessidade de se reinventar o exercício do urbanismo, não apenas no que tange a prática dos profissionais diretamente envolvidos na área, mas também nas políticas e atividades das esferas governamentais. Tomando como exemplo o projeto Dream Hamar, é possível verificar possibilidades para que o Poder Público se adapte aos comportamentos da sociedade em rede e trabalhe de maneira colaborativa e eficiente com o urbanismo bottom-up.

No que diz respeito a análise feita sobre a relação de um dos grupos que atuam no movimento do Largo da Batata com um edital público, não se pretende criticar esses modelos de editais, nem o financiamento público para essas atividades, pelo contrário, espera-se apenas que sejam indicativos de como melhorar essas relações para que o processo não seja prejudicado a longo prazo. No que tange aos apontamentos sobre as diferenças de atuação do grupo "A Batata Precisa de Você" na gestão de João Dória ou Fernando Haddad, não se pretende fazer críticas ou análises sobre a postura de cada gestão em relação aos processos de urbanismo bottom-up, o que exigiria um aprofundamento de análise que foge ao escopo desta pesquisa. O fato do mapeamento não ter identificado processos semelhantes em regiões periféricas possibilita duas interessantes

discussões, a primeira delas diz respeito às fronteiras no espaço digital, que podem reproduzir lógicas espaciais e não aproximar práticas economicamente distantes. A segunda discussão diz respeito às possibilidades de atuação conjunta do Poder Público com os processos de urbanismo bottom-up para estimular essas práticas na periferia.

No que diz respeito às relações do Poder Público com o movimento do Largo da Batata, um dos principais pontos de conflito observado são os eventos de grande porte. Se por um lado indicam que aos poucos o Largo vem recuperando seu papel no imaginário popular da cidade com festivais e eventos, por outro, quando a multidão se retira, os integrantes do movimento de urbanismo bottom-up costumam veem seus trabalhos destruídos. Se de um lado as críticas ao projeto arquitetônico do Largo são contundentes, de outro os grandes eventos tiram proveito da pouca presença de árvores e mobiliários para aglomerar multidões. Talvez seja este um dos principais embates deste processo de urbanismo bottom-up, a relação com diferentes públicos, a comunidade que se cria e o público esporádico, a ausência de ajuda do Poder Público para a materialização de pequenas ações, como mobiliário urbano, e a liberação do uso do espaço para atividades.

A contemporaneidade dos fenômenos aqui discutidos ainda não permite respostas exatas sobre todos os questionamentos levantados, porém, é possível visualizar perspectivas prósperas para uma nova maneira de conduzir o desenvolvimento dos espaços urbanos com a participação direta da população. As conclusões sobre os fenômenos de urbanismo bottom-up indicam

que a superação do modelo que determinou o desenvolvimento do espaço urbano por décadas não pressupõe uma simples retomada do poder do Estado nos processos decisórios sobre os rumos das cidades. A dicotomia entre Estado e Mercado nas influências sobre o espaço da cidade é que está sendo revista pela entrada de novos agentes de transformação.

Como já foi dito, a análise dos processos de urbanismo bottom-up não esteve focada em seus resultados, mas sim na cultura organizacional, que demonstra o quão intrínsecas são as relações entre o fenômeno bottom-up e o contexto social que vem se desenhando. De qualquer forma, é inegável que os resultados obtidos ainda são tímidos e pouco expressivos na escala urbana em que estão inseridos, mas deve-se reconhecer que alguns casos de sucesso já estão consolidados e solidificaram conquistas importantes. Sobre o fato dos movimentos estarem distantes fisicamente e suas conquistas a nível de escala urbana ainda não serem tão significantes, indica-se como possibilidade de continuidade da pesquisa o levantamento, sistematização, mapeamento e análise de todas as conquistas alcançadas por cada um dos nós atuantes na cidade de São Paulo. Acredita-se que esse novo material traga novos indicativos sobre as reais transformações urbanas, sobre o impacto na cidade e sobre os métodos necessários para se alcançar, por métodos bottom-up, determinadas transformações urbanas.

Ao se tratar especificamente do Largo da Batata e tendo em vista a diminuição das atividades do grupo que mais atuou com a pauta urbana (A Batata Precisa de Você), ainda ficam questões sobre o que de fato foi

alterado espacialmente e qual o legado deixado ao espaço físico após 3 anos (analisados nesta pesquisa) de atividade. É exatamente neste ponto que se propõe a retomada de um dos principais conceitos debatidos ao longo do texto, que trata da compreensão do urbanismo bottom-up como processo e não como resultado. Neste sentido, a pesquisa abre horizontes de discussão sobre o real propósito das ações em processos de urbanismo bottom-up, se são desenvolvidas como metodologias que aprimoram a definição de formas definitivas, se desenvolvem um processo de apropriação e transformação constante ou se permeiam essas duas possibilidades ao longo do tempo.

É provável que parte dos conflitos com o Poder Público e com práticas privatistas passam também por essa discussão, que aborda a real intenção das atividades. Não se trata, entretanto, de qualificar uma proposta em detrimento de outra. Se por um lado as soluções definitivas podem ser melhor desenvolvidas por processos bottom-up, por outro é preciso levar em consideração que as apropriações legítimas do espaço público podem ser tão benéficas para as cidades quanto mudanças definitivas.

Analisando o impacto das transformações sociais e urbanas para o campo da arquitetura e urbanismo é possível perceber a abertura de um novo horizonte, no qual práticas inovadoras estão emergindo pautadas na elaboração de processos e não de projetos. A apropriação de conceitos originários dos softwares livres pelos arquitetos e urbanistas indica a maneira como as transformações sociais em curso estão vinculando as áreas de conhecimento em relações transdisciplinares. Ana-

lisando o panorama global de transformações sociais percebe-se que a prática do urbanismo bottom-up surge neste campo como fruto da ampla reestruturação social vigente.

Como complementação às práticas emergentes e como demonstrado pela metodologia utilizada, as novas possibilidades de atuação de arquitetos e urbanistas cobram também novas áreas de conhecimento no ensino e formação dos futuros profissionais.

10. BIBLIOGrAFIA

ALC NTARA, E.; MONTEIRO, F. F. C. G.; BARBOSA, R. R. Social Networks and Resilience in the Fight for the Right to the City. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 2, p. 255-274, MAI-AGO 2016.

ARANTES, O. **Berlim e Barcelona**: duas imagens estratégicas. 1ª Edição. São Paulo: Annablume, 2012.

ASHTON, K. Criador do termo “internet das coisas” discute comunicação e cotidiano: entrevista. [16 de janeiro, 2015]. Revista Inovação em Pauta, 18ª Edição. Disponível in: <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2015/01/criador-do-termo-internet-das-coisas-discute-comunicacao-e-cotidiano>>. Acesso em: 13 de setembro, 2015.

ASSANGE, J. [et al.]. **Cypherpunks**: liberdade e o futuro da internet. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

ASSANGE, J. **Quando o Google Encontrou o WikiLeaks**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2015.

BAPTISTA, P. C. L.; ESPINOZA, J. C. H. Beyond the Jornadas de Junho. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 2, p. 275-290, MAI-AGO 2016.

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Z. É possível que já estejamos vivendo em meio a uma revolução: entrevista. [09 de dezembro, 2014]. São Paulo: MG Magazine. Entrevista concedida a Justo Barranco.

BEIGUELMAN, G. **Admirável Mundo Cíbrido**. In: Brasil, A.; Alzamora, G.; Falci, C. H.; Jesus, E. de. (Org.). Cultura em Fluxo (Novas mediações em Rede). 1ª Edição. Belo Horizonte: PucMinas, 2004. v. 1, p. 264-282.

BEIGUELMAN, G. Giselle Beiguelman, uma pensadora da contemporaneidade: entrevista. [jul/dez/2013]. São Paulo: Revista Comunicação & Educação. São Paulo: USP. Ano XVIII, número 2. Entrevista concedida a jornalista Cláudia Nolato.

BORBA, M.; FELIZI, N.; REYS, J. **Brasil Movimento**: Reflexões a Partir dos Protestos de Junho. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

BORJA, J. **Ciudadanía y Espacio Público**. Disponível em: <<http://urban.cccb.org/urbanLibrary/htmlDbDocs/A011-B.html>>. Acesso em 24 jun. 2014.>

CALDEIRA, D. **Largo da Batata**: transformações e resistência. 2015. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

CARNEIRO, H. S. (2012). Apresentação – Rebeliões e ocupações de 2011. In I. Jinkings, & B. Leme (Eds.), **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas** (1a ed., p.57-64). São Paulo: Boitempo & Carta Maior.

CASTELLS, M. **La Ciudad y las Masas**: sociología de los movimientos urbanos. Madrid: Alianza Editorial, 1986a

CASTELLS, M. **Mudança Tecnológica, Reestruturação Econômica e a Nova Divisão do Trabalho**. Espaço e Debates, 6 (17):5-23, 1986b

CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. 1ª Edição. Madrid: Alianza Editorial, 2009

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

CASTELLS, M. **A era da Informação**: economia, sociedade e cultura; V.1, A Sociedade em Rede. 6ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2013

CASTELLS, M. Um país educado com internet progride; um país sem educação usa a internet para fazer estupidez: entrevista. [17 de maio, 2015]. Florianópolis: **Diário Catarinense**. Entrevista concedida a Ingrid Santos.

FIX, M. **São Paulo Cidade Global**: fundamentos financeiros de uma miragem. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2007.

FIX, M. **Parceiros da exclusão**: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada. 1ª Edição. São Paulo: Editora Boitempo, 2001.

Franco, A. (2015). Viver em rede, viver da rede. [Filme - vídeo]. G. C. Ortuso & L. Lobão Prod., M. Maia, dir. Campinas: Instituto CPFL | Cultura, Café Filosófico. Disponível em: < <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2015/04/27/viver-em-rede-viver-da-rede-com-augusto-de-franco-versao-tv-cultura/>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

FREITAS, K. A Ressonância das Imagens da Multidão. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Cidades e Insurgências: novos e velhos conflitos, agências e direitos, nº 17(3), 17-33. ISSN eletrônico: 2317-1529, 2015.

GARCIA DOS SANTOS, L. **Politizar as novas tecnologias**: o impacto sociotécnico da informação digital e genética. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 24ª Edição. São Paulo: Loyola, 2013.

HARVEY, D. [et al.]. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2013.

HARVEY, D. Las Raíces Urbanas de las Crisis Financieras: Reclamar la Ciudad para la lucha Anticapitalista. In: BELIL, M.; BORJA, J.; CORTI, M. (Eds). **Ciudades, una ecuación imposible**. Barcelona: Icaria Editorial, 2012. p. 321-358.

HOLSTON, J. Rebeliões Metropolitanas e Planejamento Insurgente no Século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 2, p. 191-204, MAI-AGO 2016.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

JOHNSON, S. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LAMA, J. P.; PÁEZ, S. M.; ANDRADE, L. H. **Wikiplaza**: Request for Comments. 1ª Edição. Barcelona: DPR-Barcelona, 2011.

LEMOS, A. As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço. Salvador: texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom - UFBA, 1996.

LEMOS, A. Mídia Locativa e Território Informacional. In: Arantes, P.; SANTAELLA, L. (Orgs). **Estéticas Tecnológicas**: No-

vos Modos de Sentir. São Paulo: EDUC/SP, 2008.

LÉVY, P. **O que é virtual?** 2ª Edição. São Paulo: Editora34, 2014.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva:** por uma Antropologia do Ciberespaço. 8ª Edição. São Paulo: Loyola, 2011.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. 2ª Edição. São Paulo: Editora34, 2011.

MARICATO, E; FERREIRA, J. S. W.; OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA: diversificação urbanística participativa ou aprofundamento da desigualdade?. In: OSÓRIO, L. M. (Org.) FABRIS, S. A. (Ed.) **Estatuto da Cidade e Reforma Urbana:** novas perspectivas para as cidades brasileiras. 1ªEd. Porto Alegre:xxx , 2002. cap.11. Disponível em: <2002 http://labhab.fau.usp.br/biblioteca/textos/ferreira_operacoesurbanasconsorc.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017

MARICATO, E. [et al.]. **Cidades rebeldes:** passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo e Carta Maior, 2013.

MARICATO, E. **Para Entender a Crise Urbana.** 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015

MASCARENHAS, L. P. **Reconversão Urbana do Largo da Batata:** Revalorização e novos conteúdos da Centralidade de Pinheiros. 2014. Dissertação (Mestrado na Área de Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MOZAS, J. El Espacio Público como Campo de Batalla. Architecture + Technology: Strategy and Tactics in Public Space. Vitoria-Gasteiz. Espanha, Otoño 2011, nº38.

ORENSTEIN, José. "O Baixo Pinheiros está em alta". **Estadão**, 10 de julho de 2014. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,baixo-pinheiros-esta-em-alta-imp-,1526390> Acesso em 15 fev. 2018.

RIFKIN, J. **A Terceira Revolução Industrial:** como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo. 1ª Edição. São Paulo: M.Books, 2012 SP.

ROSA, M. ; WEILAND, U. E. Handmade Urbanism: from community initiatives to participatory models. 1ª Edição. Berlim: Jovis Publishers, 2014.

ROSA, M. Microplanejamento: práticas urbanas criativas. 1ª Edição. De Cultura. São Paulo, 2013.

ROSSI, Marina. "São Paulo quer se apropriar de si mesma". **El País Brasil**, 13 dez. 2014. Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/13/politica/1418479186_366653.html Acesso em 22 fev. 2015.

SÁ, A. I. J. A.Cidades de código aberto: por um urbanismo de segunda ordem.**VIRUS**, São Carlos, n. 10, 2014. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 22 Fev. 2018.

SALES. P. M. R. de, **Operações Urbanas em São Paulo: crítica, plano e projetos. Parte 2 – Operação Urbana Faria Lima**: relatório de avaliação crítica. São Paulo, 2005. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqui-textos/05.059/481>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6ª Edição, 1ª Reimpressão. São Paulo: Edusp, 2012a.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 7ª Edição. São Paulo: Edusp, 2012b.

SASSEN, S. **Making Public Interventions in Today's Massive Cities**. London: London Consortion, 2006. Disponível em : < <http://www.saskiasassen.com/PDFs/publications/Making-Public-Interventions.pdf> >. Acesso em: 13 set. 2015.

SEABRA, O. C. L. Urbanização: bairro e vida de bairro. Travessia, São Paulo: set./ dez. 2000, p. 11-17.

SEABRA, O. C. L. **Territórios do Uso**: Cotidiano e Modo de vida. Cidades (Presidente Prudente), v. v.1, p. 181-206, 2004.

SENNETT, R. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SHIRKY, C. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SHIRKY, C. **Lá Vem Todo Mundo**: o poder de se organizar sem organizações. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

SIENA, D. d. **Espacios Sensibles:** Hibridación físico-digital Para la revitalización de los espacios públicos. 2009. 346f. Tese de Doutorado - Programa de Doctorado Periferias, Sostenibilidad y Vitalidad Urbana del Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, Madrid (2009).

WU, T. **Impérios da Comunicação:** Do telefone à internet, da AT&T ao Google. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ŽIŽEK, S. **O Ano em que Sonhamos Perigosamente.** 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2012.

New Tutorial: Layouts in Gephi. Postado por SÉBASTIEN HEYMANN. Disponível em: <<https://gephi.wordpress.com/tag/force-atlas/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo. Redes e Ruas_ primeira edicao_1470695131.pdf. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Redes%20e%20Ruas_%20primeira%20edicao_1470695131.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo. Redes e Ruas segunda edicao_1470695165.pdf. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Redes%20e%20Ruas%20segunda%20edicao_1470695165.pdf>. Acesso em 20 fev. 2018

Number of monthly active Facebook users worldwide as of 4th quarter 2017 (in millions). Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

Internet user penetration in Brazil from 2015 to 2022. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/292757/brazil-internet-user-penetration/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

Number of internet users worldwide from 2005 to 2017 (in millions). Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/273018/number-of-internet-users-worldwide/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

List of countries by population (United Nations). Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_population_\(United_Nations\)](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_population_(United_Nations))>. Acesso em: 20 fev. 2018

Countries with the highest number of internet users as of June 2017 (in millions). Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/262966/number-of-internet-users-in-selected-countries/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

Leading countries based on number of Facebook users as of January 2018 (in millions). Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>>. Acesso em: 20 fev. 2018

Consumer Barometer With Google. Disponível em <<https://www.consumerbarometer.com/en/trending/?countryCode=BR&category=TRN-NOFILTER-ALL>>. Acesso em: 20 fev 2018.

Lista de fotografias

. Fotografia 1 - Largo da Batata em 1991. <http://www.saopauloinfoco.com.br/bairro-de-pinheiros/>. Autor desconhecido.. p.

. Fotografia 2 - <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/18510-obras-no-largo-da-batata>. Fase final das obras de re-qualificação do Largo no ano de 2013. Fotografia de Moacyr Lopes Júnior. p.

. Fotografia 3 - Intervenção urbana do grupo "A Batata Precisa de Você". . p. <http://vadebike.org/2014/02/faixa-de-pedestres-intervencao-largo-da-batata/> . Fotografia de Rachel Schein.. p.

. Fotografia 4 - Fotografia 4 - Intervenção do grupo Batatas Jardineiras. <https://www.facebook.com/BatatasJardineiras/photo/a.1492936557415729>.

1073741828.1481722468537138/1876615132381201/?type=3&theater. Canteiros do Largo mantidos pelo grupo "Batatas Jardineira". Fotografia de Batatas Jardineiras. p.

. Fotografia 05 - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152076384222477&set=pcb.502594833200781&type=3&theater> . Fotografia de Carmen Lidja. p.

Lista de Imagens

Imagem 01 - <https://drive.google.com/file/d/1o7Ly675hYML4Cq33A8OyhZoxZ-GGaj7V/view?usp=sharing>. p.

Imagem 02 - https://drive.google.com/file/d/1qBDob7_ssyzz7T_2G7E-jejzdRIYn9H/view?usp=sharing. p.

Imagem 03 - <https://www.facebook.com/events/720238461389556/>. p.

Imagem 04 - <https://www.facebook.com/events/742823952581601/>. p.

Imagem 05 - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205369101011266&set=gm.896355560413312&type=3&theater> . Postagem de Tom Bojarczuk. p.

WORLD CLOUD - p.

TABELA 02 - p.

Mapa

<https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt=-BR&mid1=cBJLKIbdhYHRt-yIwnL9BlvdR7tHoRss&ll=-23.63660692550419%2C-46.576527777777756&z=11>. p.

Lista de Grafos

- 01 - <https://drive.google.com/file/d/14EznBjY4K-1xNedmd4F8rRSmb4ouUQKH/view?usp=sharing>. p.
- 02 - <https://drive.google.com/file/d/1cgHECj7EzT2kyrEnkBUSjMBrs-Mu-30y/view?usp=sharing>. p.
- 03 - https://drive.google.com/file/d/1ZQTTP0WWP9J-v_BvoCokKSG1D9kQG8V7/view?usp=sharing. p.
- 04 - https://drive.google.com/file/d/1kX6TT4F_XH7y1IN6CnUCCAy70I5BLG4R/view?usp=sharing. p.
- 05 - <https://drive.google.com/file/d/1zLSRsJIJcCbCNjhKr39vz56A8-wcdCSK/view?usp=sharing>. p.
- 06 - <https://drive.google.com/file/d/1Kjb5dPW-jsF4pnkl7Fnyp6XdhnlIzql0/view?usp=sharing>. p.

Lista de Gráficos

- 01 e 02 - https://datastudio.google.com/open/1yAlovs9zZGq_lgFse_J-ft3wVMs_TvDn . p. 81
- 03 - <https://datastudio.google.com/reporting/1LJZJjq9YhW2iUQEKP-DjADiFrbXDzIPp/page/TwrN> . p. 83
- 04 e 05 - https://datastudio.google.com/reporting/1dK5TtFO7-FBk35maj3qula6Q_53VI5bG/page/NwrN . p.85
- 06 e 07 - <https://datastudio.google.com/reporting/13obmdqL0q26giPv5GJZ0D-qGS3Hha3JO/page/EwrN>. p.87
- 08 - https://datastudio.google.com/reporting/1H3CBDATTfs8DcXQ_-ELgr45aK1bpF1HP/page/5vrN p. 88
- 09 e 10 - https://datastudio.google.com/reporting/1BNjuOj6W6XYIIMC_MaUqGZtmHpXNbm7c/page/DwrN. p. 89
- 11 - <https://datastudio.google.com/reporting/1Lnt26IPUXj1hE-f2-l-980fD7KbSSp75/page/NurN> p. 107
- 12 - <https://datastudio.google.com/reporting/1ygPrRXUrpVqKsXQntcLVem8rkoebrr3d/page/RurN>. p. 108
- 13 - <https://datastudio.google.com/reporting/1cukUyjCHKJioWiEqa2xIYKRhwWc7WoTY/page/FurN>. p. 109
- 14 - https://datastudio.google.com/reporting/1XwOYjvf8heloEf_SunItl6lZBwTGkOXD/page/SurN. p. 111
- 15 - <https://datastudio.google.com/reporting/111T7F2tbBnmH4rKI7G4RM8wr39tHWNu3/page/VurN>. p. 115
- 16 - https://datastudio.google.com/reporting/1AAs1xyo-pS0IOUOYBNwl_hskoL2Qttqi/page/YurN p. 116
- 17 - https://datastudio.google.com/reporting/1yAlovs9zZGq_lgFse_J-ft3wVMs_TvDn/page/iurN. p. 126
- 18 - https://datastudio.google.com/reporting/1Wv_IV5S72_szsNpCYgj0eJ4GIFMqxVcg/page/jurN. p. 127
- 19 - <https://datastudio.google.com/reporting/1CcdCqXUJZTeKr7R8RiwXMvNvDQUjBORl/page/nurN>. p. 128
- 20 - https://datastudio.google.com/reporting/1XvZ_4U48GXv0eQanbMhhKkcp6JBj421n/page/2urN. p. 130
- 21 - https://datastudio.google.com/reporting/1K6032X2PdKOBk2nOlnZIT-3ld58_PqaQ/page/6urN. p. 131

22 - <https://datastudio.google.com/reporting/1KS5VK9CwhwUJEqcE8sHamNUqt3wc0lrQ/page/BvrN>. p. 132

23 - <https://datastudio.google.com/reporting/1HHc5PtpynxQH4zWHI9NeVUSi2VB6z2Ya/page/CvrN>. p. 133

24 - https://datastudio.google.com/reporting/1D4EzingJ7VkePsZ6C3B_sauCv5Umr1zG/page/FvrN. p. 134

25 - <https://datastudio.google.com/reporting/1xlPhCcivopd63NjEaMsNqd9K0iglNaG/page/JvrN>. p. 135

26 - <https://datastudio.google.com/reporting/1ZqMDK5HStcskHXqPpsoyim5MeaGe-ehJ/page/RvrN> p. 136

27 - <https://datastudio.google.com/reporting/16ldSE6g6fTmmlyXShJZtfqCXB9xEGrGv/page/WvrN>. p. 138

28 (a,b,c) - https://datastudio.google.com/reporting/1FcGCgNHvdltsUGkjq5-4DT7TAAVv_OTX/page/YvrN. p. 142

29 - <https://datastudio.google.com/reporting/1gTfcEa5g8DwVA57Kzfwf6oO2WOd7P3Tp/page/bvrN>. p. 143

30 a - <https://datastudio.google.com/reporting/14B66PC9F388fPcydwuIP890Ymxqq4u1f/page/evrN>. p. 144

30b - https://datastudio.google.com/reporting/1flsZsAwBQtLaXCjWuLu1wgz_XQzlc3AE/page/nvrN. p. 145

30c - https://datastudio.google.com/reporting/1OLk1EAYhUrgyUj4PM3VAdsrGlt_UkjQM/page/qvrN. p.146

31a - <https://datastudio.google.com/reporting/1tRsk23jGYQ3zCyLcF-IVLc0hCuASqnu4/page/jvrN>. p.147

31b,c - https://datastudio.google.com/reporting/1VV_SRCVcAHDxKARUlgJYUgSUfiW7swh_/page/OvrN. p. 148

32 a,b,c - https://datastudio.google.com/reporting/1dqiOq1JA6Y4NxaL9IOGqIQKL5LA-_Lea/page/zvrN. p. 155

33,a - https://datastudio.google.com/reporting/1uQ33a_g80o9YyOUUIn4TF0OeH1jIRtWV/page/6wrN. p. 156

33,b - <https://datastudio.google.com/reporting/1DatU0C0ZsCamh3N40rNzRT267AEXOAR5/page/CxrN>. p. 157

34 - https://datastudio.google.com/reporting/12AcCQb1D7RkjLFjecOauQX8vHzRdt_kx/page/lxrN. p. 158

35 - <https://datastudio.google.com/reporting/1TT-iguLPtQewFIYH-mMxNIH-NQ7sjTnq/page/OxrN>. p. 161

36,a,b,c - https://datastudio.google.com/reporting/17Al6DYp42cAOOZoXKaC_veMmI9g6vJ0N/page/UwrN. p. 166

37a,b,c - <https://datastudio.google.com/reporting/1JnwF57b4AVCrqHrc-SWt3Q9jk52Uu5gY/page/ZwrN>. p. 167

38 - <https://datastudio.google.com/reporting/1dCCgPzylQl7KeEhdb9fczmhIasSwocbT/page/fwrN>. p. 168

39 - https://datastudio.google.com/reporting/1boxAcHqBUi7bL5TqYhgHXm54FpRlxx_y/page/iwrN. p. 169

40a,b - <https://datastudio.google.com/reporting/175vDHoPlqrcWJlg1MEVQKljq8vih9J-5/page/lwrN>. p. 171

40c - <https://datastudio.google.com/reporting/175vDHoPlqrcWJlg1MEVQKljq8vih9J-5/page/lwrN>. p. 172

41,a,b - https://datastudio.google.com/reporting/1pl0x5WjyuY_BrnBpgYroTFN15UAje73z/page/owrN. p. 173

42 (a,b,c) - https://datastudio.google.com/reporting/1pl0x5WjyuY_BrnBpgYroTFN15UAje73z/page/owrN.

URBANISMO BOTTOM-UP:

SOCIEDADE EM REDE E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO EMERGENTES

José Eduardo Calijuri Hamra
São Carlos-SP, 2018.